Diário de Lisboa

Junho 1977
Terça-feira
7
N.º 19 373
ANO 57.º
6 escudos

Fundador Joaquim Manso Director A. Ruella Ramos Director-adjunto Fernando Piteira Santos

TEMAS PARA MÁRIO SOARES ESTA NOITE NA TV

Ofensiva da direita e crise económica

Os pontos de vista governamentais, e inevitavelmente os do PS, sobre os principais problemas nacionais serão esta noite postos em foco na TV pelo Primeiro-Ministro Mário Soares, que se dirigirá ao País após o Telejornal das 21 horas.

A crise económico-financeira (com os seus graves reflexos na estabilidade social), as relações externas (onde avultam os crescentes obstáculos á adesão à CEE, o malogro do «grande empréstimo» e o agravamento das relações luso-árabes) e a crise política que ao nível parlamentar toma forma pela «convergência» PSD-CDS, deverão ser alguns dos temas focados sob a óptica do chefe do Governo.

O discurso de Mário Soares este fim-de-semana em Beja, caracterizado pela insistência na fórmula do «governar só» e por uma abordagem optimista do que tem sido a acção governamental e que não encontra eco na realidade nacional, poderá constituir uma aproximação ao que será o tom geral da intervenção desta noite.

As tensões políticas subjacentes às palavras de hoje fizeram-se sentir na própria organização do programa, que será dividido em duas partes: numa primeira Mário Soares estará sozinho perante as câmaras da TV expondo as suas posições; numa segunda, dois jornalistas deveriam entrevistar o Primeiro-Ministro: José Carlos de Vasconcelos, do semanário «O Jornal», e Francisco Pinto Balsemão, do semanário «Expresso». Este último, no entanto, após um encontro havido em S. Bento entre os dois entrevistadores (convidados pelo próprio Primeiro-Ministro) Mário Soares, entrevista que tinha como objectivo «concertar» o diálogo televisivo desta noite, declinaria participar. Motivo: «Na actual situação política do País, e dadas as relações entre o PS e o PSD, de cuja Comissão Nacional sou membro, considerei preferível não participar no programa por entender que, durante este, se poderiam levantar problemas delicados que não correspondiam ao espírito que terá presidido ao convite que o Primeiro-Ministro me endereçou, na qualidade de jornalista» – palavras de Francisco Pinto Balsemão.

A decisão do director do «Expresso» terá resultado dos termos em que durante a «reunião preparatória» Mário Soares se terá referido ao PSD/PPD e os quais deixaram antever ataques de certo modo duros à chamada «convergência democrática».

Na sequência desta tomada de posição de Pinto Balsemão o próprio PSD/PPD saiu com um comunicado em que, começando por dizer que «tomou conhecimento de que, mais uma vez, o Primeiro-Ministro vai ocupar em exclusivo tempo de televisão que ciosamente recusa a outras forças políticas», termina com a afirmação de que «espera que, ao menos desta vez, seja o chefe do Governo e não o chefe de partido a falar». O comunicado alude ainda à necessidade de o Primeiro-Ministro «não evitar nenhuma das questões essenciais», nomeadamente «a dívida externa, a situação dos empréstimos, as vendas directas e indirectas de ouro, as razões das frequentíssimas viagens ao estrangeiro e a utilidade delas extraída, a inflação, o custo de vida, o desemprego, a Universidade, a resposta – e não a evasão em questões de «carapuça» – ao apelo e à exigência crítica do Presidente da República no seu discurso de 25 de Abril».

Ontem, entretanto, Mário Soares esteve em Belém com o Presidente da República, com quem terá debatido alguns dos aspectos principais da sua intervenção desta noite.

Aumentando a pressão sobre o actual Governo, e pondo-se a par das posições da direita parlamentar (PSD/PPD e CDS), a CIP, organização do grande patronato industrial, lançou, a poucas horas de aparição do chefe do Governo na TV, um cerrado ataque em que

Continua na pág. 20

PROJECTO DO GOVERNO

Empresa pública no sector adubeiro

O Ministério da Indústria e Tecnologia convocou as Comissões de Trabalhadores das empresas adubeiras na passada sexta-feira para comunicar-lhes que vai ser constituída uma empresa pública, provavelmente designada por «Agro-Química», a qual resultará da fusão da CUF com os Nitratos de Portugal – revela um comunicado distribuído pela Comissão de Unidade dos Trabalhadores da CUF. O mesmo comunicado acrescenta que a Sociedade Portuguesa de Petroquímica passará também a empresa pública, embora não entrando na fusão.

O assunto deve ir em breve a Conselho de Ministros e, caso o projecto seja aprovado, serão elaborados estatutos e formado um conselho de gerência, tendo depois os trabalhadores 20 dias para se pronunciarem. Estas formalidades, segundo o Ministério da Indústria, deverão estar concluídas em meados do próximo mês de Julho.

De acordo com o comunicado da Comissão de Unidade dos Trabalhdores da CUF, esta solução «é uma aproximação inicial» aplicação da hipótese «D» do estudo sobre a reestruturação do sector químico adubeiro, que em Abril de 1976 foi votado por 7623 trabalhadores das quatro empresas nacionalizadas do sector adubeiro. A hipótese «D» havia vencido com 4975 votos (65,3 por cento). A única diferença da proposta agora apresentada pelo ministro da Indústria é que

Continua na pág. 20

Transformando à sua maneira um «atelier» de escultura, estas crianças dos Olivais fogem aos perigos da rua e desenvolvem a sua capacidade criativa

Moradores dos Olivais tiram meninos da rua

Todas as crianças nascem iguais, mas não é de igualdade o mundo que vêm encontrar, a sociedade que as vai receber. Para umas tudo, para outras nada. A diferença entre este «tudo ou nada» é a distância que o homem terá de percorrer para respeitar de facto os direitos humanos. Essa é uma libertação que só poderá vir do próprio povo, da sua iniciativa e das suas lutas.

Nos Olivais, um bairro de contrastes, nem tudo é prosperidade, nem tudo corresponde a um bairro residencial de classes abastadas. Ali também mora a pobreza e centenas de crianças vivem ao abandono enquanto os pais trabalham de dia ou de noite. A escola não preenche todo o tempo e as horas que sobram são gastas como calha.

Os moradores tomam consciência do problema e rompem a inércia com diversas iniciativas. Umas destinadas a facilitar a centenas de crianças, traumatizadas por difíceis condições socioeconómicas vividas em casa, uma reintegração social e uma compensação para os insucessos escolares daí derivados; outras para melhorar as condições de vida dos próprios moradores. Estas iniciativas são o tema da reportagem que hoje publicamos e que é apenas uma primeira abordagem de um problema complexo.

(Centrais)

Duas crianças carbonizadas num incêndio em Benfica

A mae das duas crianças mortas no incêndio dá largas ao seu sofrimento, rodeada de elementos das vinte famílias que perderam todos os seus haveres no sinistro. À direita ao fundo, em contraste com este «musseque» lisboeta, os prédios altos da cidade

A explosão de uma garrafa de gás provocou, cerca das duas horas desta madrugada, no Bairro das Fontainhas (habitado por centenas de cabo-verdianos) às Portas de Benfica, um violento incêndio, dando origem à morte de duas crianças e à destruição de quinze barracas.

As vítimas (José Duarte, de cinco anos e António Duarte, de sete) eram filhos de Viriato Horta Duarte, operário do Complexo de Sines, presentemente em gozo de férias, que ficou com as pernas bastante queimadas, conseguindo, porém, com o seu sacrifício, salvar ainda o seu filho mais novo, um bebé com quatro meses.

Durante o combate ao sinistro (que mobilizou os Bombeiros Voluntários da Amadora, Carnaxide, Queluz, Campo de Ourique eo Batalhão de Sapadores Bombeiros) registou-se a ruptura da mangueira que se encontrava ligada à única boca de incêndio situada nas imediações. A princípio pensou-se que o facto se ficara a dever a um acto de origem criminosa.

Mas, segundo a nossa reportagem constatou esta manhã no local, investigações posteriores levadas a cabo por peritos do BSB demonstraram que o incidente se verificara devido à fricção da borracha no telhado de zinco de uma das barracas.

As vinte famílias atingidas pelo sinistro, que já habitavam ali em condições sub-humanas, ficaram reduzidas à mais completa miséria, ao verem-se privadas de todos os seus haveres, incluindo algum dinheiro economizado ao longo de anos de árduo trabalho e de múltiplos sacrifícios.

Política de A a Z

AINDA E SEMPRE OS «CAPITÃES DE ABRIL»

Sabemos que os «Capitães de Abril» têm sido acusados de terem participado num **acto revolucionário**. Nas suas biografias profissionais (e políticas), terá sido anotada a circunstância de terem desrespeitado o convencionalismo hierárquico, de terem violado as regras da imobilidade, da disciplinada aceitação, do automático, incrítico e despersonalizador seguidismo, que explicam, entre outras razões maiores e menores, a duração escandalosa de um regime antidemocrático, opressor, tirânico, perpetuador de uma certa demissão nacional e criador de uma certa incapacitação cívica.

Suspeitos de «políticos» — palavra tremendamente complexa e razoavelmente obscura para os que cultivam sem imaginação e sem crítica a «disciplina militar prestante» — vão sendo os «Capitães de Abril». E vão sendo marginalizados em nome da «hierarquia» que foi e da «hierarquia» que se reconstitui. Mas não haverá «reserva militar» que lhes retire o valor e a qualidade de «reserva cívica» no manejo das armas habilitada e dextra.

Não passemos, porém, além deste Cabo. Não: ser «Capitão de Abril» é razão para nalguns meios (militares e civis) se ser apontado a dedo. E os «bons» nesta comédia de maus costumes, são os que tiveram sempre «carne de obedecer» e algumas vezes se dispensaram de pensar.

Se não decidirmos pôr cobro e decoro nestas «recuperações», o «25 de Abril» será uma recordação, uma efeméride, um pretexto para discursos evocativos ou declarativos, e não faltarão os que das catacumbas do salazarismo ressurgirão para nos falar em nome da História do Portugal que oprimiram. Esses, sim, instrumentalizados. Quando não, do Povo, traidores.

O «AMIGO DA URSS»

Pode-se neste Portugal de Novembro ser «amigo da América», ser «amigo da Europa», ser «amigo da China». Não se pode ser «amigo da URSS». O grosseiro anti-sovietismo, em duplicata do primário anticomunismo, é valor corrente e, ao que parece, de alguma comodidade para preencher discursos vazios ou dar cor a medíocres despeitos ou a desesperos de curto alcance. E não se hesita em atingir um homem honrado, nos seus méritos profissionais apreciado, na sua personalidade cívica respeitado, porque é, ou foi, o presidente da Associação de Amizade Portugal-URSS. E não se hesita em lançar o baixo remoque «Amigo da URSS vai representar o Governo em Macau!», quando esse representante se desloca a Macau em delegação do Presidente da República, é ministro de Estado e se chama Henrique de Barros.

O professor engº Henrique de Barros não é um democrata de 26 de Abril. Não é um adesivo, um oportunista, um espertò. O seu nome honrado, o seu prestígio científico e pessoal, a dignidade com que desempenhou o alto cargo de presidente da Assembleia Constituinte, justificaram, até, que em Henrique de Barros muitos democratas tivessem pensado como um candidato possível à Presidência da República. Exemplo de fidelidade democrática, de coerência socialista, de cordialidade antifascista, ninguém melhor que o ministro de Estado Henrique de Barros para representar o Presidente da República e Portugal nas cerimónias do «Dia de Camões» que terão lugar em Macau.

Mas o jornalinho que é forte arauto do patronato comenta: «Num momento em que se desenvolvem esforços para o estabelecimento das relações diplomáticas com a China, não deixa de ser condenável na verdade, este gesto «inamistoso» para com aquele país.» O golpe baixo não atinge Henrique de Barros, nem macula a delegação cometida pelo Presidente da República. Estamos perante uma especulação de uma inferioridade que não carece de comentário. Mas que, evidentemente, vale a pena anotar entre as brumas de Novembro.

Aos «amigos da CIP e da CAP», nós preferimos este honrado «amigo de Portugal», este democrata coerente, este cooperativista apaixonado, este militante socialista que é Henrique de Barros.

«ESTRANGEIRADOS»

Ter sido «Capitão de Abril», ser «amigo da URSS», e, também, ser «estrangeirado», eis acusações que sem temor e sem pudor afloram em certos jornais e semanários. Há quem não possa perdoar ter nascido em berço fácil, ter tido fácil carreira, ter alcançado fáceis triunfos. A facilidade é uma comodidade, mas, para algumas consciências inquietas, é um espinho.

À lista das acusações, acrescente-se, também, a de «estrangeirado». E esqueça-se que, por obra e graça do fascismo, «estrangeirados» foram o Sérgio e o Proença, o Aquilino e o Cortesão, um Afonso Costa e um Bernardino Machado, um Álvaro de Castro, um José Domingues dos Santos, um João Sarmento Pimentel, um César de Almeida, um Sarmento de Beires, um Jaime de Morais, um Moura Pinto. E «estrangeirados» foram, por obra e graça do fascismo, da reacção e do obscurantismo cultural, um Aurélio Quintanilha um António Aniceto Monteiro, um Zaluar Nunes, um Manuel Valadares, um Rui Luís Gomes, um José Morgado, um Vasco de Magalhães Vilhena, um Vitorino de Magalhães Godinho, um Francisco Ramos da Costa, um Joaquim Barradas de Carvalho, um Jorge de Sena, um Vítor Ramos e tantos, tantos outros, que em terras estrangeiras e estranhas fizeram carreira, Ciência e Cultura. E dos políticos mais recentes, e dos que disseram não à guerra colonial, e dos que se evadiram das cadeias ou se furtaram às garras da repressão, de todos esses «estrangeirados», que haverá a dizer? Talvez que eles são o sal desta terra, os não corrompidos, os não integrados no esquema das cumplicidades mútuas.

Mas já se pensa e escreve que o «calcanhar de Aquiles» para o PS, e, talvez, para a política portuguesa, são os «estrangeirados» — aqueles que no Portugal fascista não tinham pai nem padrinho, aqueles a quem o Portugal fascista de Salazar e de Marcelo Caetano negava o pão e a paz, perseguia, vexava, humilhava.

Os «estrangeirados» sentiram, no regresso, que vinham travar uma batalha difícil. Nela estão empenhados, cada qual no seu posto, cada qual com as suas armas. Sabem bem os «estrangeirados» que não lhes será perdoado o antifascismo porquantos de algum modo, nalgum dia, o regime anterior serviram ou dele comodamente se serviram.

"6 DE JUNHO" EM PONTA DELGADA

População foi indiferente às provocações da FLA

Não tiveram qualquer êxito as manobras reaccionárias dos separatistas açorianos destinadas a provocar ontem um levantamento popular em Ponta Delgada, relacionado com a data do 6 de Junho, dia em que há dois anos ocorreram as primeiras graves provocações da FLA.

A população de Ponta Delgada não correspondeu aos apelos provocatórios dos separatistas, que não hesitaram no entanto em recorrer à intimidação para lograrem o encerramento de algumas casas comerciais no centro da cidade e no período da tarde. O mesmo sucedeu com os estabelecimentos escolares, onde jovens arruaceiros do chamado MSE (ramo juvenil da FLA) tiveram que formar piquetes à entrada para impedir que os restantes jovens assistissem às aulas, o que só parcialmente foi conseguido.

A despeito das proibições emitidas pelo Governo Regional quanto à realização de uma romagem ao cemitério da cidade, um grupo de separatistas encabeçados por José de Almeida e Sousa Pedro, ex-deputados da Assembleia Nacional fascista e dirigentes da FLA, logrou perante a complacência das autoridades, formar um cortejo automóvel até àquele local. Antes, realizara-se uma missa a que compareceu uma escassa centena de pessoas.

Na origem destas iniciativas, além dos dois nomes já citados, terão estado também Aguinaldo de Almeida, Juvenal Pereira Martins, Leonel Ricardo de Viveiros Costa, Mário Jorge da Costa e António Ribeiro, componentes de uma autodenominada comissão para as comemorações do 6 de Junho, tudo nomes bem conhecidos do separatismo açoriano, mas que apesar disso gozam da mais completa imunidade.

NA MADEIRA

FUNCHAL, 7 — Foi anulada no último momento, a sessão separatista que deveria ter lugar às 11 horas de ontem, no Teatro Municipal, comemorativa do «6 de Junho» nos Açores. Os bons ofícios do Governo Regional levaram os promotores da iniciativa a desistir, quando o teatro já se encontrava decorado com motivos separatistas alusivos aos «mártires açorianos». Sobre o palco, fora desfraldada uma bandeira da FLA — «Frente de Libertação dos Açores» e, nas paredes, viam-se cartazes do género «Açores, amem-no ou deixem-no», «Os Açores são dos açorianos» e «A Madeira é dos madeirenses».

Soares chefiará missão da Internacional Socialista à América Latina

ROMA, 7 — (ANOP) — O Primeiro-Ministro, dr. Mário Soares, presidirá, no próximo mês de Outubro, a uma missão especial da «Internacional Socialista», que visitará a América Latina — anunciou o presidente da «IS», Willy Brandt, no decorrer dos debates do secretariado daquela organização, reunido na capital italiana.

A maior parte dos debates foi dedicada à situação da América Latina, sendo analisado amplamente o «terror» que impera em alguns países latino-americanos. O ex-chanceler da RFA., considerou que a América Latina, e, em particular, o caso chileno, «são algumas das nossas preocupações vitais», devido à repressão que em alguns países foi desencadeada contra os partidos democratas».

Nesta reunião de Roma estiveram presentes mais de 80 delegações, representando os 62 partidos que integram a IS.

Um dos temas previstos para ser tratado na reunião da «IS» era o «eurocomunismo», mas esta questão só será discutida na segunda reunião de 1977, a celebrar-se em Madrid, em Outubro.

De momento, a ideia é não adoptar julgamentos globais, disse Bettino Craxi, secretário-geral do «Partido Socialista Italiano», sublinhando que cada partido socialista mantém posições diversas em relação aos partidos comunistas.

Para o secretário-geral do Partido Socialista Francês, François Mitterrand, «a evolução do comunismo em muitos países da Europa do sul demonstra que a ideologia da liberdade é o primeiro recurso do Homem».

A «Política Socialista» — disse ainda Miterrand — «está justificada nesse sentido pela realidade dos factos e o processo de ideias».

Eanes teve ontem um dia de trabalho intenso

Intensa actividade político-militar marcou o dia de ontem do Presidente da República, general Ramalho Eanes. Assim, o Chefe do Estado começou por participar numa reunião com o ministro da Defesa, com o vice-chefe do EMGFA e com outras entidades militares, para estudo de problemas relativos à reorganização das Forças Armadas.

Mais tarde, e antes de receber Eduíno Vilar, responsável do PC de P (m-l), Ramalho Eanes reuniria em Belém, ao fim da tarde, com o primeiro-ministro, dr. Mário Soares, em «sessão normal» de trabalho. Terão sido tratados «assuntos correntes de administração pública» refere uma nota da Presidência da República.

Outras audiências do P.R., durante o dia de ontem: arquitecto João Conceição e eng. Martins Goulart, «leaders» dos grupos parlamentares do PS nas assembleias regionais da Madeira e Açores, respectivamente; ao embaixador português em Bruxelas, dr. João Pequito, e ao embaixador de Portugal em Cabo Verde, dr. Cornélio da Silva.

NA GUARDA E EM COIMBRA

Entretanto, o PR, após participar, na cidade da Guarda, nas cerimónias do próximo dia 10, desloca-se a Coimbra, a título particular. A visita terá lugar no dia 11, devendo o general Ramalho Eanes permanecer em Coimbra até ao fim do dia seguinte. Ali presenciará manifestações desportivas infantis.

Partidos vão visitar RTP

A Comissão Administrativa da Radiotelevisão Portuguesa convidou os partidos políticos representados na Assembleia da República a visitarem as instalações da RTP, no Lumiar.

O CDS será, durante o dia de hoje, o primeiro desses partidos a deslocar-se aos estúdios da Alameda, estando previstos contactos com os responsáveis pelos diversos sectores daquele meio de comunicação social.

No próximo dia 15 será a vez do PSD-PPD de Sá Carneiro a apresentar-se na RTP. Desconhecem-se por enquanto as datas da visita dos restantes partidos.

Gulbenkian dedica edição especial a Camões

Associando-se às comemorações do Dia de Camões e das Comunidades Portuguesas, que se realiza no próximo dia 10 de Junho, a Fundação Gulbenkian custeou integralmente a edição do livro «Versos e Alguma Prosa de Luís de Camões», com uma tiragem de 500 mil exemplares, edição organizada e executada por Moraes Editores, com prefácio e selecção de textos de Eugénio de Andrade.

Esta edição, a maior até hoje feita em Portugal, destina-se a ser distribuída em todo o território nacional e junto das Comunidades Portuguesas espalhadas pelo mundo.

Entretanto a Câmara Municipal de Lisboa emitiu um ofício relativo à homenagem que no próximo dia 10 aquele organismo dedica a Camões e que consiste na colocação de um ramo de flores na base do seu monumento, numa cerimónia que terá lugar às 11 horas.

Noticiário breve

AÇORES

O Presidente da República recebeu ontem os dirigentes dos grupos parlamentares do PS nos Açores e Madeira, Martins Goulart e João Conceição. Foi analisada a situação política nos dois arquipélagos e manifestada ao Presidente da República o apoio dos parlamentares socialistas à sua acção em defesa da democracia e da autonomia constitucional.

MDP

Representantes das bases do MDP/CDE do distrito de Faro reuniram-se no passado fim-de-semana naquela cidade para proceder ao balanço da actual situação política bem como das acções que o movimento está a desenvolver no distrito para alargar a cooperação entre as diversas correntes democráticas. Presidiu José Tengarrinha.

GOVERNANTES EM ÉVORA

Termina hoje a visita de dois dias que os ministro da Administração Interna, Costa Brás, sem pasta, Jorge Campinos, das Obras Públicas, Almeida Pina, da Habitação, Urbanismo e Construção, Eduardo Pereira e os secretários de Estado da Administração Regional, Ferreira de Lima e das Obras Públicas, Mário de Azevedo, efectuaram ao distrito de Évora onde se reuniram com o Governador Civil e presidentes das Câmaras Municipais.

FSP

Promovida pela coordenador local, vai realizar-se amanhã, pelas 21 horas, na Amadora, uma sessão de esclarecimento da FSP no Clube Recreativo do Bairro Janeiro e o qual contará com a presença de Manuel Serra.

Em S. PEDRO DE MUEL o DIÁRIO DE LISBOA vende-se no CAFÉ CENTRAL

FÉRIAS PARA TRABALHADORES

AÇORES — 6/7 dias
Desde Esc. 4.650$

MADEIRA — 8 dias
Desde Esc. 2.780$

PARTIDAS SEMANAIS
Algumas já esgotadas

Inscreva-se no
GITUS — R. Victor Cordon, 1-3.º, Tel. 365286
SINDICATOS, OU
Rua do Alecrim, 10
Tel. 365782
Av. Sidónio Pais, 4-A
Tel. 539871
Pr. dos Restauradores, 14
Tel. 362501

post-scriptum

«Socialismo de miséria» ou capitalismo de penúria e fome?

Recordo-me de ter ouvido dizer ao dr. Mário Soares que não queria para o povo português um «socialismo de miséria». Concordei e concordo. O povo português estava farto de miséria. Não sei, no entanto, a que socialismo se referia o primeiro-ministro. Que eu saiba, nos países socialistas não há miséria. Lá, é o povo que detém todas as formas de poder e não há lugar para os exploradores. Com certeza não era a este tipo de socialismo que o dr. Mário Soares se referia, nessa sua não muito distante alocução.

Hoje, passados que são alguns meses, pergunto:

Será que as medidas do Governo nos conduzirão ao socialismo para que a Constituição portuguesa aponta?

Será com cedências à direita reaccionária, cada vez mais exigente, que se construirá a sociedade justa, sem a exploração do homem, para que aponta também a nossa Constituição?

Será com medidas como as que o MAP toma, reactivando os latifúndios destruídos com o 25 de Abril, dando reservas a hipotéticos seareiros e a agrários absentistas que não só não trabalham a terra, como ainda lançam no desemprego milhares de trabalhadores rurais na zona da Reforma Agrária, levando a muitos lares o desespero, a dor, a miséria e mesmo a fome, flagelos que os heróicos trabalhadores alentejanos, com sacrifício, tinham abolido da sua terra?

Será com decretos que visam a entrega de empresas intervencionadas e mesmo nacionalizadas (em casos excepcionais) aos antigos patrões, muitos deles sabotadores?

Será com medidas como o corte de crédito de emergência a muitas UCP's e o não apoio a empresas em autogestão, algumas das quais em sérias dificuldades financeiras devido à má gestão do patronato e deliberada sabotagem quando as abandonaram?

Será? Será? Muitos serás haveria para dizer, mas termino com este:

Será que com as medidas que se estão dia a dia tomando se construirá o socialimo em Portugal para que aponta a Constituição (nunca é de mais afirmá-lo) e ao qual o Povo português deu a sua opção em todas as eleições já realizadas desde o 25 de Abril?

Ou não será antes que estas medidas apontadas e muitas outras que se seguirão, em vez de nos levarem ao socialismo, nos conduzirão a um capitalismo de penúria e fome?

Joaquim Varela A. Ferreira
— PAÇO D'ARCOS

«Incompetência e burocracia»

Com o pedido de rectificação das afirmações feitas por mim na carta em epígrafe e publicadas nessa coluna, acerca do DSE, envio-vos fotocópia de uma carta que recebi desses serviços *(na referida carta, a ADSE, depois de refutar as acusações da nossa correspondente contra os seus serviços, exige que ela nos escreva, repondo a verdade dos factos).*

Na realidade, a circular de 1969 dá um prazo de seis meses a partir da data em que o doente sai da clínica. Mas eu pergunto: como é que eu posso pagar uma conta de que não sei o valor? Só posso pagar depois de receber a factura. A lei deve ser revista.

Quanto à burocracia, eu continuo na minha; se não é burocracia fazer uma pessoa perder uma tarde no hospital, gastar dinheiro em transportes para se saber o número e o volume de uma transfusão de 250$00, eu peço desculpa, não sei o que é burocracia.

Lisboa, 15 de Abril de 1972
Manuela Fernandes — LISBOA

O imperialismo assassino em Angola

Os potentados capitalistas internacionais que se sentiram lesados nos seus monstruosos privilégios com a recente descolonização africana, mercê das imensas riquezas amontoadas à custa de muita lágrima, suor e sangue no decurso dos séculos de escravatura negra, montaram, logo em seguida, uma infernal máquina genocida para anular a libertação em marcha e restabelecer o seu odioso domímio, sobre aquelas gentes e terras.

Em Angola, a horda criminosa acaba de promover o assassínio de alguns chefes do MPLA, julgando deste modo banir as cabeças da libertação para aniquilar o movimento superiormente dirigido por Agostinho Neto.

Felizmente que Angola tem amigos prontos a ajudá-la na sua nobre tarefa de conquistar para o seu povo um futuro livre e próspero em que a felicidade se reparta por todos como por todos for repartido o trabalho.

Que o monopolismo internacional se convença que em África, como vem sucedendo noutras partes, também perderá, sem remédio, a partida.

O mundo socialista já é uma força poderosa e

O mundo socialista já ep uma força poderosa e

invencível. O tempo das vitórias fáceis acabou para o capitalismo em toda a parte. E o povo angolano não está só.

Álvaro da Silva e Sousa
— PORTO

DÊ-NOS NOTÍCIAS PELO TELEFONE 320272

Contacte a Redacção do «Diário de Lisboa» através do nosso serviço automático de gravação de telefonemas, ao seu dispor entre as 21 horas e as 8 da manhã.

Da "traição" PPD/CDS ao acanhamento da esquerda

Vítor Bento

Há várias explicações possíveis para o PPD e o CDS terem rompido as suas relações de conveniência com o PS, que vinham mantendo mais ou menos discretamente, desde o VI Governo e que atingiram o nível do despudor em várias actuações isoladas do Governo Constitucional.

É bom que, de uma vez, nos convençamos, todos, que a evolução da política portuguesa passa cada vez mais pela decisão dos centros internacionais. Logo, procurar interpretar os objectivos desses centros (objectivos visíveis e invisíveis) e estimar quem são os interlocutores internos, é condição essencial para uma previsão da evolução política.

Como é sabido, há vários centros de influência na vida política do mundo ocidental: a administração americana, agora com o novo estilo «pacifista» do presidente Carter; as agências internacionais de financiamento (FMI, Banco Mundial, AID) com esquemas rígidos e tradicionais de imposição dos seus créditos; a NATO que, como é compreensível, tem estratégias e estilos bastante mais conservadores e inflexíveis do que os meios políticos civis; a Internacional Socialista, com estratégias não homogéneas, já que dentro dela há pontos de vista diversos em função de problemas nacionais diversos; o Mercado Comum onde as divisões são ainda mais acentuadas do que na Internacional Socialista, já que também aí se jogam os interesses dos sectores capitalistas e conservadores nacionais; a União Europeia das Democracias-Cristãs, centro de pressão das burguesias nacionais, etc.

Todos estes centros estão a tentar reorientar e reorganizar a estratégia global em face da crise internacional, o que, se é por um lado facilitado pela melhoria de relações Leste-Oeste (e até por um certo enquadramento do bloco do Comecon na ordem económica internacional, à parte a questão ainda em aberto da influência nos novos países africanos, questão que, aparentemente, a administração Carter está em posição de superar) está grandemente dificultado pelos diferentes problemas de várias economias e pelas viragens políticas previsíveis em França, Espanha e Itália e pela incapacidade e incomodidade dos regimes ditatoriais da América do Sul.

OS REPRESENTANTES LOCAIS

É possível dizer-se que o PS tem sido o representante local dos vários centros de decisão internacional e ue a sua direcção governante se tem adaptado com particular e não disfarçada docilidade às recomendações que vêm de fora. Dos outros partidos, apenas o CDS teria algumas pretensões de ser representante dos interesses capitalistas tradicionais europeus, com a desvantagem de que a sua clientela local é assaz diferente da alta burguesia que suporta as «democracias-cristãs» (alguns representantes do patronato português têm mesmo feito tristes figuras quando lá fora advogam filosofias de há meio século. Ainda há dias, altos responsáveis da General Motors de Portugal faziam apelo ao dinamismo empresarial português). Quanto ao PPD ninguém lá fora sabe para que serve, se continuar a embandeirar a «social-democracia» já que esta linha política (inaplicável na situação portuguesa) é aqui defendida pelo PS.

E quanto ao PC é demasiado «clássico» para enfileirar no clima de compreensão com que o «eurocomunismo» facilitará o reajuste das tensões políticas (onde tal for possível, nas condições internas) e as ligações entre as «duas Europas».

Quanto à NATO (que actua noutros níveis) embora haja mais ou menos ideia de que na área militar favorece uma política de manutenção de sectores conservadores e tradicionalistas (com justificação na competência profissional) parece não oferecer dúvidas que encontrou no general Eanes um interlocutor que merece a sua confiança (e isso permitirá esperar que não se estão tentando entre nós alguns esquemas de movimentação de pedras do tipo dos realizados na Grécia, antes dos «coronéis» — a operação Aspida).

Logo, segundo esta análise, talvez excessivamente global, já que muito escapa ao cidadão comum, o «tandem» General Eanes — direcção PS parece estar perfeitamente integrada na orientação política internacional para o nosso país.

E, aqui, é altura de voltar à questão da desfeita PPD/CDS ao PS. Não esquecer que ela ocorreu depois dos incidentes, mais ou menos empolados, dos Açores, depois da visita de altos responsáveis americanos a Lisboa e depois da ida do general Eanes à conferência da NATO. Não esquecer também que já foram aprovados alguns diplomas de interesse para a recuperação económica pelo lado dos detentores do capital — delimitação dos sectores público e privado, que coloca nas mãos do Governo a possibilidade de anular na prática as nacionalizações, desintervenções nas empresas, viabilização financeira de empresas incapazes, em suma, um conjunto de medidas mais ou menos contrárias ao espírito constitucional e que estamos em vèspera de discussão de outros bastante «quentes» e que envolvem largos sectores laborais — despedimentos, controlo de gestão pelos trabalhadores, lei da greve e, finalmente, a Reforma Agrária e o Plano. Também não esquecer que o PS tem constituido caso único, que se saiba, de governação «social-democrata» (quanto mais socialista...) sem o controlo de largos sectores sindicais e com a perda da capacidade de diálogo com as classes trabalhadoras — aspecto que certamente não escapa aos estrategos da política internacional.

De todo este «puzzle» resultarão várias questões: rotura porque o PS quer recuperar «imagem de esquerda»? Porque PPD/CDS querem atirá-lo para os braços do PC na Assembleia e dessa forma activar o sentimento de direita (antidemocrática, entenda-se em mais sectores da população, o que as dificuldades económicas facilitarão? Porque o PPD está sem «espaço» e o CDS sem «tempo» na estratégia política internacional? Porque o preseidente Eanes poderá gostar de ambos mas não precisa de todos? Porque pretendem lançar a agitação que conduza a um golpe interno de direita («democratas na Assembleia e golpistas cá fora»)? Que condições invisíveis existem para tal golpe?

Algumas ou todas estas perguntas encontrarão resposta na táctica PPD/CDS e do PS.

A ESQUERDA — QUE FAZER?

A análise dos erros da esquerda é assunto que ocuparia largo espaço. Pode, resumidamente, dizer-se que foram cometidos erros clássicos, quer no campo dos mecanismos económicos, quer no falso triunfalismo de detenção do poder. Daí que nunca se tivesse estabelecido uma política nacional de rendimentos e preços, de justa tributação fiscal, de controle de circulação dos produtos, desde sempre desajustada do consumo.

Isto é, que não se tenha tentado uma política coerente e equilibrada — em sistema de mercado como estávamos — de distribuição de riqueza e de desenvolvimento. Antes se optou por aumentos salariais de largas camadas, sem reorientar o seu consumo, procurando manter o poder de compra por contenção dos preços. Isto para uma economia que é importadora de bens essenciais dos mercados internacionais é como quem puxa uma fisga. Quando se largar sairá em flecha a inflação e a queda do poder de compra. Com ela a desilusão e o descontentamento de largos sectores da população , em particular a pequena burguesia (que preferia que a deixassem estar quieta...). Quando o anticomunismo é uma tentação nacional e se chama «comuna» a qualquer sujeito, por tudo e por nada (como erradamente se chamava «facho», em 1975) convenhamos que a situação é complicada. Mesmo grave se, ao que consta, os credores exigem para conceder o pseudo-grande «empréstimo» um abaixamento do poder de compra de 12 a 15 por cento. Dir-se-á: é fácil fazer críticas depois dos erros cometidos. Evidentemente que é! Mas em política é possível reconhecer os erros e mobilizar para novas tarefas. O que ainda a esquerda não fez!

Não haja dúvida que a situação de 1977 é diametralmente oposta da de 1975. Então a esquerda passou pelo poder (ou julgou que passou...). Agora e para já ao nível internacional o campo é da direita. E há que evitar que ele lhe pertença inteiramente ao nível nacional porque aí não será democrática (se não o era no regime anterior porque o seria agora, que está lesada em alguns dos seus interesses?...)

Logo, parece-nos errado que a manter-se o controlo dos «fusíveis» das liberdades democráticas — a aparente vontade internacional de não apoiar um golpe ditatorial, a Assembleia e o equilíbrio de sectores militares — não se tente acabar com a «melancolia da direita», isto é, que não se tente provar com factos e inacções que não existe classe média e alta burguesia entre nós para sustentar um regime democrático, de direita mais ou menos liberal (que é este Governo senão a direita liberal impotente?)

A deterioração da situação pode agravar tudo. A «melancolia» pode tornar-se «saudade» e a necessidade de enfrentar os problemas com cabeça fria pode passar a chamar-se «salvação nacional».

O acto colectivo do 1.º de Maio foi um cheque em branco passado à esquerda. A manifestação marcada para o dia 22 de Junho pelos sindicatos, que aguardam com anormal paciência a assinatura de contratos, poderá vir a ser outra. Se a esquerda responsável não tiver a humildade de reconhecer as realidades em que se move e avançar com reflexões e a pedagogia que a situação nacional e internacional impõem, o cheque em branco pode ser preenchido por quaisquer desses folclóricos radicais pseudo-revolucionários, ditos de extrema-esquerda (ou, dando a volta, de extrema-direita...). E, mostra a história, que estes actos têm justificado os golpes ditatoriais.

Compete à esquerda provar que a transição para uma sociedade mais justa está mais relacionada com o MODO DE VIDA do que com o NÍVEL DE VIDA, sobretudo quando se sabe que este tem, inevitavelmente, de baixar...

NA COSTA DO MARFIM

"Lobis" condenados ao "progresso"

Nadine Béauthéac

Sempre que um funcionário da Costa do Marfim é enfiado para Bouna, pergunta a si próprio que faltas pode ter cometido para merecer tal «penitência» que o afasta durante alguns anos das circunscrições do país ditas «civilizadas».

A região de Bouna, a nordeste da Costa do Marfim, oferece evidentemente pouco interesse: região de savana de pluviometria irregular, e de solos pobres, é ainda por cima de difícil acesso, visto só 280 quilómetros (dos 600 que a separam de Abidjan) serem alcatroados. A Imprensa e a rádio também servem mal a região, onde não chega a televisão, motivo de orgulho do progresso da Costa do Marfim. Bouna parece pois estagnar no isolamento, visto as dificuldades de transportes bloquearem a comercialização.dos produtos agrícolas, os contactos e a modernização das condições de vida.

A etnia dominante, a mais antiga da região, são os Koulango, agricultores a que estão ligados os Abron, vindos do Ghana, e que são aristocratas militares, e depois os Dioulas, comerciantes de Kong. Vindos do Alto-Volta, os Lobis infiltraram-se no país e, com o correr do tempo, quase já chegam a Agengourou. Ao contrário dos outras etnias, não reconhecem nenhum poder político centralizado. Seminómadas, vivem na periferia das aldeias Koulango, por vezes em mau entendimento. Os Koulango, senhores da região, dizem que eles são sujos, maus, ladrões e preguiçosos. Os Lobis, porém, continuam a viver àparte, mudam de lugar, abandonam casas e terras de oitò em oito ou de dez em dez anos, o que corresponde ao ciclo de empobrecimento dos campos e à reconstrução necessária das suas casas de lama. E resistem aos imperativos governamentais do progresso.

Antes de mais recusam a escola primária obrigatória. Perante a pouca participação es-

Continua na pág. 4

feira do livro 77
informação

PORTUGÁLIA EDITORA, LDA
STAND 22
OBRA COMPLETA DE CESÁRIO VERDE
Loja de Antiguidades — Charles Dickens
Obras de Irving Wallace
A venda também na nossa Livraria da
Rua Luciano Cordeiro - 81-C

livros horizonte
A Emigração Portuguesa
– 2.ª Edição
Joel Serrão
~~125$00~~ – 65$00
STAND 34

STAND N.º 57
INICIATIVAS EDITORIAIS
O Pequeno Dicionário
da História de Portugal
Joel Serrão
~~385$00~~ 300$00

ULMEIRO livraria e distribuidora, lda.
avenida do uruguai, 13-a – lisboa
telef. 70 75 44
STAND N.º 59
Portugal nem tudo está perdido
capitão Fernandes
~~110$00~~ – 66$00

EDITORIAL ESTAMPA
STAND – 45
História das Ideologias
4 Volumes ~~400$00~~ – 240$00
STAND – 46
Princípios de Psicologia
Geral
7 Volumes ~~630$00~~ – 378$00

EDITORIAL PRESENÇA
Pavilhão n.º 43 na Feira de Lisboa
Pavilhão n.º 32 na Feira do Porto
Peça-nos um catálogo
Rua Augusto Gil, 55-A Lisboa

pavilhão 84
HOJE NÃO HÁ LIVRO DO DIA
MAS FAZEMOS GRANDES DESCONTOS
Visite o Pavilhão das
EDIÇÕES MARIA DA FONTE

"Lobis" condenados ao "progresso"

Continuação da pág. 3

pontânea, os professores primários, de acordo com a inspecção primária, vão de aldeia em aldeia a fim de explicar aos Lobis que devem escolarizar os filhos. Muitas vezes o professor tem que falar várias vezes com os pais para lhes explicar, com exemplos, o papel da escola, e acabar por lhes pedir perdão por tirar a criança à família, onde, desde a mais tenra idade ela participa activamente nas actividades de produção.

Por vezes são necessários meses de deslocações para obter resultados, e a autoridade administrativa faz pressão nas famílias: o subprefeito passa então pelas aldeias recalcitrantes e os pais devem «sacrificar» um rapaz, que mandam por fim à escola. Mas o absentismo é frequente e os efectivos escolares vão diminuindo ao longo do ano.

A criança Lobi escolarizada deve fazer um longo trajecto a pé até à escola, que fica a 5 e até a 20 quilómetros de distância, e não tem onde ficar na aldeia Koulango, onde a escola geralmente se encontra. Então depressa volta à guarda dos rebanhos. Por outro lado, a maioria da população conserva muito viva a tradição da iniciação, tanto masculina como feminina, e os Lobis dão importância capital a esse período da vida da criança. A iniciação é o momento por excelência em que a pedagogia do grupo se exprime e em que a criança vive um intenso período educativo: nasce para um mundo novo e começa a sua integração no mundo adulto que a cerca, a fim de se assumir como ser humano.

No momento da iniciação, as aulas do país Lobi esvaziam-se completamente e viu-se uma aldeia que, em 1975, só conservou sete dos seus quarenta e sete alunos. Poucos regressam à escola porque a criança deve ter um novo nome. O primeiro era «Totem». A criança e a família sentem-se ameaçadas porque podia acontecer uma desgraça se alguém desse à criança o nome antigo. Ora como as autoridades administrativas não querem complicar o estado civil, nem sempre mostram grande maleabilidade.

Marginais no conjunto da sua vida quotidiana, visto ainda não terem começado a destruir a visão própria que têm do mundo em proveito da de um colonizador ou de um qualquer poder, seja ele Koulango, Europeu ou mesmo da própria Costa do Marfim, os Lobis são também marginais na sua maneira de organizar o espaço e o habitat. Os Lobis não se instalam definitivamente na aldeia, mas constroem as suas casas, por família (grande família tradicional) a uma distância razoável umas das outras. Assim, animais e homens estão bastante à vontade.

A casa é uma minifortaleza de terra batida, revestida de argila e sutentada por troncos. Praticamente não tem janelas. O telhado é um amplo terraço onde secam os legumes e os grãos são escolhidos. Pode-se chegar ao terraço por um tronco de árvore onde foram talhados degraus, ou pelo interior da casa, que tem várias divisões sombrias e ocres, onde cada coisa tem o seu lugar. Os objectos familiares, todos eles produto de artesanato local, melhoram um ambiente sóbrio, rude e sem conforto: esteiras, cântaros para conservar a água fresca, stocks de grãos. Nas paredes, amuletos de protecção, quase nada...

Em frente da pequena porta, as mulheres dispõem, num espaço sempre impecável, utensílios necessários ao trabalho diário. A cerveja de milho miúdo macera, à espera de que os homens cheguem dos campos. Casas que o tempo gasta, sensíveis à destruição da água, mas quentes no inverno e frescas no verão, e, que sobretudo, envolvem o homem como uma doce matriz protectora, com a sua luz calma que vem de cima e escadas cor de greda que vão subindo até ao terraço.

No interior de uma casa lobi descobrem-se harmonias estranhas com outras obras de lama que foram erigidas em locais em tempos diversos, e a que hoje chamamos «arte em bruto». Porque talvez a beleza e a funcionalidade de uma arquitectura dita primitiva não sejam somente a expressão de atraso tecnológico mas de poder original em perfeita harmonia com certas necessidades do homem.

Mas a Costa do Marfim decidiu que o país seria moderno, evoluído, desenvolvido, de norte a sul e de este a oeste. O desenvolvimento passa, em geral, pela adopção de certo número de modelos vindos de países industrializados, e aplicação desses modelos transforma-se demasiado depressa numa equivalência do próprio desenvolvimento. Assim, dois dos grandes critérios do progresso do país são a taxa de escolarização e a casa rectangular de betão. Poucas regiões da Costa do Marfim ainda possuem, na actualidade, o seu habitat original, e é proibido construir esse tipo de habitações: o «bulldozer» actua com os recalcitrantes. Por altura das festas do aniversário da independência, foram concedidos créditos especiais a uma cidade que foi reconstruída. Assim, a arquitectura do tipo sabelo-sudanês desapareceu inteiramente da cidade como Bouna e Odienne.

Para conseguir a destruição da casa antiga, e a construção da nova casa de betão e chapa ondulada, foram prometidos aos Lobis o dispensário e o poço. Há pois cuidados e água para aqueles que aceitarem reagrupar-se em aldeias cuja regra sacrosanta é, como em todo o país, a casa de betão. Fizeram-se portanto experiências de agrupamento. Por vezes os expatriados participam na sensibilização das populações para a agricultura e para os problemas da saúde. Alguns procuraram soluções intermédias, como, por exemplo, perservar as estruturas familiares e as relações entre as várias famílias, propondo «soukalas melhorados», que permitiam ao povo Lobi constituir-se como entidade real.

Eis pois que nasceu uma aldeia de reagrupamento. Tem um poço, mas esse poço não é acessível a todos, e a concretização das relações de classe obrigam certas mulheres a ir buscar água, como dantes, ao braço do rio. A escola abriu as suas portas e o dispensário não deve demorar muito. Alguns procuram fazer casas com tijolos de lama seca, unidos por areia e cimento, e isso é mais ou menos admitido pelas autoridades, até por ser mais barato.

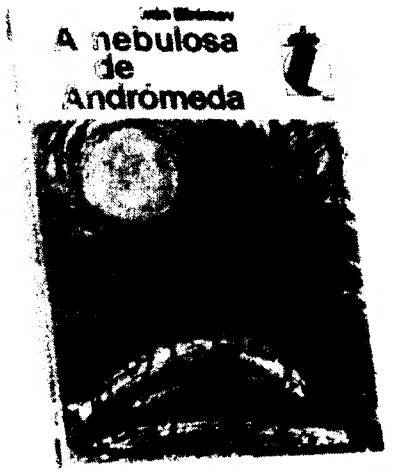
Mas há algo que as pessoas se esqueceram de dizer aos Lobis: qual será o futuro dos seus filhos escolarizados quando tiverem engrossado as filas de desempregados em Abidjan, ou quando estiverem sem trabalho numa aldeia modernizada.

© (Le Monde)

A nebulosa de Andrómeda

UMA NOVELA QUE TRATA DO FUTURO DA HUMANIDADE

"A filosofia de ficção científica, escreveu Iván Efrémov, é a evolução do espírito humano criador que contribui para o estudo da vida e da sociedade. E o que constitui a essência é a procura do novo e, por isso, uma incursão no futuro. "A Nebulosa de Andrómeda é uma conseguida expressão desta linha de pensamento. Nela, com fantasia de altos voos, fala-se do inaudito florescimento da ciência e da técnica, da nova organização da sociedade e da vida do Universo na chamada Era do Grande Circuito.



Editorial CAMINHO
CDL a distribuição
A VENDA NAS LIVRARIAS

Pinturas, jogos, filmes e um substancial lanche, animaram as comemorações do Dia Mundial da Criança, no Bairro Alto. A iniciativa pertenceu à Comissão Unitária de Mulheres do bairro e teve o apoio da Junta de Freguesia da Encarnação, do Lisboa Clube Rio de Janeiro e da Comissão de Moradores da Encarnação. Na imagem um dos momentos do alegre convívio das crianças do bairro onde o «DL» é feito diariamente

Banca do Norte discutiu expansão dos bens de equipamento

PORTO, 7 — As exportações portuguesas no campo dos bens de equipamento têm vindo a registar nos últimos tempos uma expansão da ordem dos nove por cento, apesar das incertezas ainda verificadas no mercado internacional em consequência da crise dos últimos anos e que agora já começa a revelar sinais, de recuperação — salientou ontem um membro da gestão do Banco Pinto de Magalhães em reunião efectuada com exportadores da região nortenha.

Os trabalhos desta reunião tiveram lugar, na tarde de ontem, no salão do Ateneu Comercial do Porto onde estiveram presentes mais de duas centenas de industriais ligados aos sectores dos têxteis, madeiras, metalomecânica, calçado, frutas, cortiça, etc.

As linhas de crédito para apoio à exportação e à importação numa perspectiva de estudo das formas de reequilíbrio da balança nacional de pagamentos foram, como em idênticas reuniões já efectuadas em Vila da Feira e em Fátima, os temas centrais da reunião. As formas de reequilíbrio da balança através da expansão das trocas no mercado externo foram consideradas de importância fundamental para a economia do País dada a situação de crise que ainda se atravessa.

A contenção necessária das importações, salientou um dos gestores daquele Banco, não deverá significar «uma redução das importações» que tendem ainda a crescer. O importante disse o mesmo gestor «é quebrar essa linha tendencial e conseguir-se dentro de certo prazo um maior equilíbrio na balança de pagamentos».

A seguir às exposições dos gestores, seguiu-se um período de debate com os industriais presentes, que incidiu sobretudo sobre os modos de aplicação das linhas de crédito estabelecidas.

FIL encerra hoje ao público

Encerra hoje, à meia-noite, a 18.ª Feira Internacional de Lisboa que registou este ano uma das maiores afluências de sempre. Neste último fim-de-semana estiveram na FIL 50 mil visitantes que percorreram os 42 mil metros quadrados que abrigam 740 expositores de 30 países.

Os 310 expositores nacionais representaram variadíssimos sectores nomeadamente mobiliário, iluminação, máquinas, ferramentas, vinhos, produtos alimentares, sobretudo conservas de peixe, e artigos de construção. De momento, ainda não é possível fazer uma estimativa do número e volume de negócios realizados nesta FIL pelos expositores nacionais e estrangeiros.

O dia de hoje é consagrado à Jornada Nacional de Itália, um dos países com quem colaboramos em vários projectos económicos, salientando-se o empreendimento de Sines. A jornada inicia-se pelas 11.30h com a presença do embaixador de Itália. As 12 horas tem lutar uma recepção no «Pavilhão das Jornadas Nacionais».

As 19 horas, a comissão de gestão da FIL dá uma conferência de Imprensa durante a qual serão debatidos aspectos da realização da FIL/77 e ventilados problemas relativos à realização de outras iniciativas enquadradas nos objectivos da Feira Internacional de Lisboa.

Ontem foi "Dia de Espanha"

Os pavilhões de 43 empresas espanholas, representadas na Feira Internacional de Lisboa, foram visitadas ontem pelo embaixador do país vizinho, Rodriguez Porrero y de Chávarri.

A visita do diplomata, efectuada por ocasião do «Dia de Espanha» no certame, foi acompanhada por membros da Comissão Executiva da FIL, tendo sido percorridas, demoradamente, as representações espanholas que se referem a vários sectores, como o turismo, equipamento de frio, maquinaria industrial e viaturas pesadas.

O embaixador espanhol trocaria à saída impressões com o ministro do Plano e da Coordenação Económica, Sousa Gomes, que ontem também visitou a FIL.

Aproveitamento das zonas degradadas da Ribeira-Barredo

PORTO, 7 — As operações de aproveitamento que estão a ser levadas a efeito na área da Ribeira-Barredo deverão estar concluídas em 1980. Até lá serão recuperadas 381 habitações e instalados 6600 metros quadrados de equipamento social. O dispêndio total do importante empreendimento é da ordem dos 300 mil contos. Estes dados foram revelados durante uma visita que o governador civil do Porto fez no último fim de semana aquela zona degradada da cidade, acompanhado do presidente da assembleia municipal do Porto e dos presidentes das juntas de freguesia de Miragaia, Vitória e Sé. O arquitecto Gomes Fernandes comissário do Governo no Barredo, traçou às autoridades atrás mencionadas as linhas directivas do trabalho que está a ser empreendido neste momento na área da Ribeira-Barredo e que vai ser alargado ao centro histórico da cidade. Seguiu-se uma visita aos locais onde as obras decorrem e foram observados alguns dos edifícios, presentemente recuperados e que alojam famílias que anteriormente lá viviam.

POR "COLABORAÇÃO COM FRACCIONISTAS"

MPLA destituiu comissões executivas em três províncias de Angola

As Comissões Executivas do Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA) nas províncias de Luanda, Quanza-Sul e Benguela foram suspensas, após o malogrado golpe de Estado de 27 de Maio, de acordo com um comunicado recebido pela Reuter, procedente da Agência Noticiosa de Angola (ANGOP).

A ANGOP citava uma directriz do Departamento Político da Comissão Central do MPLA, publicada em Luanda, como declarando que a medida havia sido tomada devido à «atitude passiva, e por vezes de colaboração» mostrada por elementos de algumas das comissões com os «fraccionistas» que tentaram destituir o presidente Agostinho Neto.

A directriz dizia que o Departamento Político do MPLA havia decido nomear comissões políticas provisórias para cada uma das três províncias. Essas comissões expulsariam os infiltradores e ajudariam a preparar o Congresso do MPLA em Setembro.

TELEGRAMA DE PAULO JORGE PARA MEDEIROS FERREIRA

Entretanto, em resposta ao telegrama enviado pelo ministro dos Negócios Estrangeiros de Portugal, Medeiros Ferreira, aquando dos recentes acontecimentos registados em Angola, o ministro das Relações Exteriores da RPA enviou, por sua vez, um outro telegrama de agradecimento.

«Apraz-nos», declara Paulo Jorge no referido telegrama, «exprimir a V. Ex.ª nosso vivo apreço pelos sentimentos que quis expressar-nos por perdas de vidas durante graves e dolorosos acontecimentos recentemente ocorridos em Luanda.» Agradecendo também as congratulações enviadas a propósito do rápido controlo da situação, o telegrama termina exprimindo «reconhecimento por este testemunho de solidariedade», e formulando «votos bem estar pessoal e prosperidade povo português».

NACIONALISTAS RODESIANOS REBENTARAM PRINCIPAL CAMINHO-DE-FERRO DO PAÍS

Os guerrilheiros nacionalistas rebentaram com o principal caminhos-de-ferro da Rodésia, dois dias depois de terem danificado as estruturas que sustentam os cabos de alta tensão que fornecem electricidade a Salisbúria.

A linha esteve impraticável durante sete horas. Comboios e passageiros não sofreram danos.

A linha atravessa o distrito mineiro central da Rodésia e por ela são escoados produtos como crómio, tabaco, cobre, milho, algodão e carne, que o País exporta via África do Sul, num desafio às sanções comerciais impostas pelas Nações Unidas contra a colónia britânica rebelde quando esta proclamou unilateralmente a sua independência de 1965.

Acentua-se que é pela mesma linha que os rodesianos brancos recebem bens de consumo.

O Quartel-General Militar, através de um comunicado, afirmou que os explosivos tinham sido detonados na via, entre as aldeias de Queque e Gatooma, no troço principal entre a capital, Salisbúria, e Bulawaio, a segunda maior cidade do país.

Andrew Young sugere "Plano Marshall" para África

A criação de um novo «Plano Marshall» para a África foi sugerida pelo embaixador dos Estados Unidos na ONU, Andrew Young, durante uma reunião de uma comissão senatorial norte-americana.

O «Plano Marshall» — disse Young — foi lançado na Europa depois da II Grande Guerra, a fim dos Estados Unidos conterem o comunismo.

Esta afirmação de Young, que obviamente desagrada às maiorias negras, viradas para o socialismo, mereceu já reparos nos próprios Estados Unidos. Efectivamente, através de um inquérito, designado por «Harris», efectuado no país, obteve-se, numa percentagem de dois para um, a seguinte observação: «Andrew Young fala de mais e devia aprender a guardar para si alguns pensamentos».

Proporcionamos-lhe:

BOA COLOCAÇÃO E VENCIMENTO

Profissão • Actualização • Valorização

APOIO NO EMPREGO

ADMISSÃO À UNIVERSIDADE

Sem exame prévio desde que possuam as habilitações escolares e bom aproveitamento nos nossos cursos.

DIPLOMAS NACIONAIS E INTERNACIONAIS

Além do alvará do M. E. I. C., certos cursos são autenticados por alguns dos mais eminentes professores das Universidades de Paris, Bruxelas e Madrid.

Se frequentar os cursos de:

- TOPOGRAFIA
- PROGRAMAÇÃO DE COMPUTADORES
- PERFURAÇÃO E VERIFICAÇÃO IBM (sistema individual)
- DESENHO DA CONSTRUÇÃO CIVIL
- MEDIDOR ORÇAMENTISTA DA CONSTRUÇÃO CIVIL
- DECORAÇÃO DE INTERIORES • DESIGN
- CONTABILIDADE
- CONTABILIDADE INDUSTRIAL E GESTÃO ORÇAMENTAL
- GESTÃO E ADMINISTRAÇÃO DE EMPRESAS
- RELAÇÕES PÚBLICAS - PUBLICIDADE
- MARKETING • TÉCNICA DE VENDAS
- SECRETARIADO • HOSPEDEIRAS «HOTESSE D'ACCUEIL»

O Instituto foi o único organismo convidado a participar no Congresso dos Organismos de Formação, pela Chambre Syndicale Nationale des Organismes de Formation, de França, e que decorreu em 13 e 14 de Maio, em Versailles.

Órgão de apoio do CENTRO NACIONAL DE ESTUDOS E PLANEAMENTO

★

Instituto de Aperfeiçoamento Técnico Acelerado

EM LISBOA: Rua Nova do Almada, 81-3.º — Tel. 32 55 77 e 37 10 32

NO PORTO: Hotel D. Henrique — R. Guedes Azevedo, 179

EM BRAGA: (a título excepcional) — Hotel Turismo — Praceta João XXI

Quando o Instituto afirma ser o único que além do alvará é reconhecido internacionalmente, baseia-se na qualidade de professores, que a seu convite têm vindo leccionar em Portugal e autenticam os certificados.

DA UNIVERSIDADE DE PARIS

MICHEL ROCCARD ★ CLAUDE CHEYSSON ★ PIERRE EELSEN ★ PIERRE YVES COSSÉ ★ LUCIEN PFEIFFER ★ MICHEL DUBOIS ★ GERARD MUNARI ★ ALAIN RICHARD ★ CLAUD THOMAS ★ ANDÉ LUCAS ★ JEAN FRANCOIS JURD ★ PIERRE ZEMOR ★ PHILIPPE DUPONT. . JEAN BOUDY. . ROGER VILLE

DA UNIVERSIDADE DE MARSELHA
PIERRE SAMSON

DA UNIVERSIDADE DE AIX-EN PROVENCE
JEAN MAURICE

DA UNIVERSIDADE DE BRUXELAS
HENRI SIMONET

DA UNIVERSIDADE DE MADRID
JUSTO DE LA CUEVA ALONSO ★ MARGARITA AYESTARAN ARANAZ

FEIRA DO LIVRO DE LISBOA

ÚLTIMO DIA

VISITE OS PAVILHÕES

CDL

40% DESCONTO NOS LIVROS DO DIA

SAI HOJE

Avante!

NÚMERO ESPECIAL

CONFERÊNCIA NACIONAL DO PCP

Textos integrais da Proclamação da Conferência ("Existe uma saída para as dificuldades económicas e financeiras. Existe uma alternativa democrática para a política actual e para o Governo actual") e do discurso de encerramento de Álvaro Cunhal.

REPORTAGENS • FOTOGRAFIAS • ENTREVISTAS • DOCUMENTOS

12 páginas – Preço: 6$00
Tiragem: 100.000 ex.

RUY CASTELAR apresenta

M/18 anos

Diferentíssimo

NO

«THE BEST SHOW IN TOWN» PORÃO DA NAU

UM ESPECTÁCULO DE «MUSIC-HALL» E TRAVESTI

HOJE E TODAS AS NOITES, ÀS 23.30 H.

Rua Pinheiro Chagas, 1-D — Telef. 57 15 01 — Marque a sua mesa

MEIC regulamenta exames liceais

. Publicou o MEIC as disposições sobre exames liceais que incidem na anulação da matrícula, apuramento da frequência e exames (curso geral e curso complementar).

Assim, os alunos do Ensino Secundário matriculados nos ensinos oficial e particular podem anular a matrícula até ao dia oito de Junho. Quanto ao apuramento das frequências, as reuniões dos Conselhos para o efeito, serão feitas nos dias 20, 21 e 22 de Junho e iniciar-se-ão pelos anos de exame.

No que respeita às disposições sobre exames, estabelece o MEIC : os alunos internos admitidos a exame serão inscritos oficiosamente pela Secretaria, pagando a respectiva propina na data fixada; o prazo para requerer exames dos alunos externos, inscritos em estabelecimentos do ensino oficial ou particular sem paralelismo pedagógico e dispensados sem matrícula.

Também podem requerer exames dos cursos geral e complementar os alunos que, tendo anulado a matrícula dentro do prazo legal, completem 18 anos até 31 de Dezembro.

Os alunos podem requerer a sua admissão a exame, fora do prazo legal, com pagamento de multa de 100 escudos até ao dia oito de Junho e de 200 até à véspera do início dos exames.

Para a realização dos exames são estabelecidas pelo MEIC duas épocas: a primeira em Junho/Julho e a segunda em Setembro.

Os alunos que frequentaram o curso geral por disciplina em regime nocturno podem requerer exame de qualquer número de disciplinas na época de Setembro.

Podem realizar exames nesta época os alunos do curso complementar a quem faltem, no máximo, duas disciplinas para completar algum dos cursos complementares. Os maiores de 18 anos podem apresentar-se a provas até três disciplinas, independentemente de completarem ou não qualquer curso.

Quanto à admissão a exame adiantam as disposições do MEIC: «São admitidos a exame em cada uma das secções os alunos que, não dispensados de exame, não tenham média inferior a 9,5 valores em mais que uma disciplina ou nota inferior a cinco numa disciplina. Os alunos não dispensados, nem admitidos a exame a qualquer secção, serão excluídos».

São admitidos a exame em cada disciplina os alunos que, não tendo sido dispensados, tenham obtido nessa disciplina, média mínima de 9,5 valores.

Para a realização de exames por secção determina o MEIC: todo o examinando que obtenha na secção de Ciências, média mínima de 9,5 valores é considerado aprovado com dispensa da prova oral. Considera-se aprovado na secção de Letras todo o examinando com média mínima, de 9,5 valores e notas superiores a 11,4 nas dispensas de línguas vivas.

São admitidos às provas orais de todas as disciplinas de cada secção, os examinandos que nela obtenham média, compreendida entre 8,5 e 9,4 valores. Exceptua-se na secção de Ciências, a disciplina de Educação Visual e Estética em que não há exame oral.

Para o aluno que opte por fazer exames por disciplina estabelece o MEIC que nas línguas vivas será aprovado, com dispensa de prova oral, desde que obtenha a classificação mínima de 9,5 valores, E é reprovado todo o examinado que obtenha na prova escrita classificação inferior a 7,5 valores.

ESTIMATIVAS APONTAM PARA 50 MORTOS

Cuidados a ter na estrada neste longo fim-de-semana

A Junta Autónoma de Estradas, GNR e Direcção-Geral de Viação entraram de «prevenção» com vista à prolongada «ponte» que depois de amanhã começa e se estende até à próxima segunda-feira, dia 13. É aos automobilistas que se dirigem as precauções tomadas para aquele período, bem como a campanha que o antecede. Para o efeito, a JAE, GNR (Brigada de Trânsito) e DGV estabeleceram quatro pontos de «informação e desvio» para quem naquelas datas se desloque para Lisboa vindo do Norte e do Leste: S. Jorge (Batalha), Ponderosa, Infantado e Pegões.

Em S. Jorge prevêem-se desvios por Alcobaça; na Ponderosa, por Cercal e Alcoentre; no Infantado, por Moita-Coina-Ponte «25 de Abril»; e em Pegões, também por Moita-Coina-Ponte «25 de Abril».

Relativamente às viagens de Lisboa para o Algarve e vice-versa, a campanha rodoviária propõe a utilização da Estrada Nacional nº 10 (Porto Alto, Infantado, Pegões, Marateca), ou escolha do «ferry-boat» para Tróia. Já em pleno Alentejo aquelas três «brigadas» recomendam, para descongestionar o trânsito e facilitar as viagens de todos, a partir de Alvalade do Sado, o desvio por Cercal-Odemira e Campo de Ourique-S. Marcos da Serra-S. Bartolomeu de Messines.

Todos estes elementos foram elaborados por aqueles três organismos no âmbito da Campanha de Segurança Rodoviária (CSR). Cumprir o Código da Estrada e circular com prudência são outras das recomendações das autoridades, sob o tema «circular é viver». Respeitar os limites de velocidade que estão em vigor deve, segundo a GNR e a DGV, ser uma das muitas preocupações dos automobilistas.

Uma outra recomendação: no caso do destino do automobilista ser a região de Sintra-Amadora-Queluz, ou a linha de Cascais, aquele poderá, em Torres Vedras, seguir pela EN nº 9 e encaminhar-se para a Ericeira e Sintra (EN nº 246).

É necessário evitar o sangue no asfalto nesses dias, e sobretudo evitar para esse período os 50 mortos e 600 feridos — estimativa feita a partir de vários dados — verificados em condições semelhantes.

CRRA da Freguesia de Fátima apoia Liga dos Agricultores do concelho de Barcelos

. Depois de um intenso trabalho de divulgação da Reforma Agrária em que foram feitas diversas sessões de esclarecimento, vendas directas de produtos, campanhas de fundos, jornadas de trabalhos voluntários e visitas a Cooperativas e UCP's, a Comissão de Apoio à Reforma Agrária (CARA) de Nossa Senhora de Fátima decidiu angariar fundos para a compra de máquina destinada aos trabalhadores do Norte.

A CARA, da Freguesia de Nossa Senhora de Fátima, lançou um apelo às Comissões de Moradores e Trabalhadores e a outras CARAs no sentido de aderirem à iniciativa. Os fundos recolhidos serão empregues na compra de uma máquina destinada à Liga dos Agricultores e Rendeiros de Barcelos, organização recentemente formada e legalizada que luta com terríveis dificuldades económicas.

AINDA O CONCERTO DE "ROCK"

Quem viu cena de tiros?

Ainda a propósito da cena de tiros no passado dia 28 de Maio junto ao Pavilhão dos Desportos, quando ali se realizava um concerto de Rock, e que levou a PSP a perseguições até à Rua Filipe Folque, recebemos um apelo do pai de uma das vítimas.

O pai de Maria Adelaide Baptista de Azevedo Coutinho, 21 anos, que foi atingida com um tiro na cabeça já na Rua Filipe Folque, pede a quem presenciou toda esta cena que entre em contacto para a sua casa: Rua Vera Cruz Lote 12 - 2.º Piso -A-Santo Amaro de Oeiras.

A jovem, segundo nos conta, foi atingida com um tiro na cabeça e maltratada quando já se encontrava prostrada, estando actualmente com diagnóstico reservado.

SEARA NOVA

LIVRO DO DIA

ESCRITOS (1927-1930)
48$00
Bento Gonçalves
Colecção Seara Nova

Exonerado conselho de gestão do Totta e Açores

Foram exonerados dos respectivos cargos os membros do conselho de gestão do Banco Totta e Açores, por resolução da presidência do Conselho de Ministros.

Os referidos membros — drs. Sá da Costa, Dúlio Ferreira da Silva, António Alves Martins, Renato Bravo e João Monteiro de Pinho e Mário Sampaio — haviam já pedido a exoneração, mas continuarão em funções até à tomada de posse do novo conselho de gestão.

"Caceteiros" contratados para actos de violência contra rendeiro do Norte

. Um grupo de indivíduos contratados por uma senhoria que perdera a acção judicial que lhe fora movida pelo seu rendeiro agrediu cobardemente a mulher do mesmo quando esta se encontrava sozinha a cultivar as terras.

Esta cena aconteceu em Folgosa da Maia, no distrito do Porto. O litígio começou quando o rendeiro, Jerónimo Pereira, que trabalhava uma propriedade pertencente a Beatriz Mangas Monteiro, desde 1975, decidiu exigir da senhoria a passagem do contrato a escrito e a abolição do regime de meias, tal como determina a lei. A senhoria recusou as justas pretensões do rendeiro e em Outubro de 1976 impediu-lhe a entrada na propriedade, lacrando o portão com ferro e chumbo. O rendeiro apresentou queixa no tribunal e ganhou a acção. No entanto, a fim de evitar novo procedimento judicial, pelo facto de o rendeiro ter ficado com as culturas estragadas, os advogados de ambas as partes acordaram em que a senhoria teria de pagar uma indmenização ao rendeiro no valor de 50 mil escudos, enquanto este desistia da terra. O acordo foi cumprido.

Mais tarde, o rendeiro recebeu uma carta anónima na qual se lhe fazia um ultimato: «ou entregas o dinheiro dentro do prazo de três dias ou tens de desaparecer daqui...» No passado dia 30, quando a mulher do Jerónimo Pereira cuidava tranquilamente das terras, foi brutalmente agredida por um grupo de indivíduos armados de cacetes e pistolas. *Desancaram a minha mulher de tal maneira que ela teve de receber tratamento no hospital* — disse o rendeiro.

No bando de «caceteiros», comandado pelo regedor da freguesia, sr. Manuel Carneiro, destacavam-se alguns conhecidos reaccionários da região.

«Agora andam a dizer, que nos deitam a casa abaixo» — acrescentou o rendeiro. Na verdade os senhorios fazem o que querem e ainda lhes sobra tempo. As autoridades não ligam nenhuma. E o sr. ministro Barreto preocupa-se apenas em «mandar cumprir a lei» no Alentejo. Quanto ao resto é como se nada existisse...

A BARRACA

R. Alexandre Herculano, 70
BARRACA CONTA TIRADENTES
Hoje às 21.15h
há espectáculo

MÁRIO SOARES AO "DIÁRIO DE NOTÍCIAS"

PS está "condenado a ser Governo"

PCP e extrema-esquerda não podem ser marginalizados

«O PS está condenado a ser Governo pela força das coisas, pela lógica da actual aritmética parlamentar e, sobretudo por um indeclinável dever patriótico» — afirma o Primeiro-Ministro Mário Soares, numa extensa entrevista concedida ao «Diário de Notícias» de hoje. Soares responde a uma série de questões prendendo-se com a actual situação política portuguesa, considera as difíceis condições em que a situação portuguesa se encontrava quando o actual Governo-PS assumiu o encargo de administrar a vida e os destinos do País, faz um balanço à actividade governativa desde a tomada de posse do elenco em Julho de 76 e encara as perspectivas que se abrem ao futuro — do País e do Governo a que o secretário-geral do PS preside. Isto à luz dos problemas que ao Governo-PS actualmente se levantam, tanto no campo social e económico como no campo político. Assumem especial importância as considerações que o Primeiro-Ministro faz acerca das oposições — o PSD e o CDS por um lado e o PCP e demais forças à esquerda do PS, por outro.

Soares começa por evocar os dez meses de actividade do seu Governo e considera o facto mais importante que neste período se registou: o pedido de adesão à CEE — diz. Depois o entrevistador (Mário Mesquita) aponta para o facto de o actual Governo-PS, ao contrário do que é usual acontecer noutros países da Europa, ter surgido no Poder «após uma fase de governação à sua esquerda». Soares contesta: «A verdade é que estávamos a caminho duma ditadura que suscitou a repulsa do povo português — diz. — Protesto contra a classificação de que isso fosse uma situação de esquerda. Foi antes uma escalada anarco-populista, caracterizada por uma grande demagogia e uma enorme inconsciência e ignorância em matéria económica. Todas as pessoas responsáveis puderam verificar que se caminhava para um verdadeiro abismo, que se iria reflectir, gravemente, nas condições de vida da generalidade dos trabalhadores». Soares põe em questão a política global e sectorial levada à concretização pelas administrações provisórias que precederam a presente.

FALTA DE OPERACIONALIDADE, INDEFINIÇÃO, INCOMPETÊNCIA

O Primeiro-Ministro comenta correntes afirmações falando de «indefinição» e «falta de operacionalidade» do actual Governo. E diz: «É sempre fácil pedir mais operacionalidade, mas é extremamente difícil consegui-la. Não vejo que até agora qualquer partido da oposição de direita tenha apresentado ao Governo sugestões que conduzissem a uma rápida melhoria da situação do País. Não creio, sinceramente, que se estivessem no Poder, esses partidos fossem capazes de fazer melhor. Limitam-se a críticas vagas, genéricas, normalmente inverificáveis, de que o Governo é incompetente. Julgo que o povo português não acredita que qualquer outro Governo fosse capaz de encontrar soluções positivas. A verdade é que não se apresentam candidatos com projectos exequíveis para substituir o actual Governo. E por alguma razão isso não acontece».

Noutro passo, Soares declara-se «na disponibilidade» para deixar o cargo que actualmente ocupa — «quando o País o entenda necessário — acrescenta —, pois exerce (ele, Primeiro-Ministro) esse cargo pela força das circunstâncias e contra a sua própria vocação mais íntima. Está pronto, em permanência, a regressar ao seu trabalho profissional e aos seus livros, quando isso for julgado útil, quer pelo Presidente da República, quer pela Assembleia da República».

Soares demarca-se em relação aos seus antecessores em S. Bento. Um dos «traços distintivos» — segundo ele próprio — será a compreensão que ele revela, da importância que têm, para o País, os contactos internacionais. Daí as viagens ao estrangeiro. «As viagens que fiz na qualidade de Primeiro-Ministro foram absolutamente indispensáveis» — garante.

Soares «não coordena suficientemente a acção do Governo» — inflecte o entrevistador sobre críticas que sectores políticos da direita lhe têm feito. Soares: «Não me parece. (...) Coordeno efectivamente a acção do Governo, mas tenho um estilo que não é o de um Primeiro-Ministro autoritário».

RELAÇÕES COM EANES

«Posso dizer-lhe que até agora não houve a mínima sombra de um problema que se imiscuisse entre nós» — diz Soares a propósito das suas relações (do Governo) com o Presidente da República. — «Percebemos ambos, desde o início, que eram necessárias relações não somente cordiais mas de grande solidariedade e compreensão entre o Presidente da República e o seu Primeiro-Ministro».

Ademais, «o Governo tem encontrado sempre da parte do PR um apoio total na sua actuação e iniciativas, e precisa desse apoio, não só do Presidente da República como do chefe do EMGFA. O papel do PR na consolidação da democracia portuguesa é decisivo. Felizmente, nunca se furtou a tomar posição, sempre que isso lhe foi requerido. Ainda agora, no caso dos Açores».

Na sequência, Soares comenta a interpretação que forças da oposição de direita, o PSD e CDS, fizeram do discurso de Eanes na AR e no dia 25 de Abril. Os dois partidos «foram longe de mais» — diz Soares. E garante: «Se o Governo se mantém no Poder é porque — necessariamente — continua a ter a confiança do Presidente da República». Noutro passo, Soares revela que, logo a seguir ao discurso, esteve em contacto com Eanes e este reafirmou-lhe a sua confiança.

PSD, CDS PCP E PS

Soares comenta a situação criada pelo PSD e pelo CDS no lançamento da chamada «convergência democrática». Nestes termos:

«A cimeira, como hoje é claro, foi um golpe de propaganda política, aliás de reduzido alcance. Se o PSD quisesse efectivamente entender-se com o PS não teria feito tudo para que a nossa resposta não pudesse ser outra senão negativa. Anunciou *urbi et orbi* que o convite tinha sido feito antes de saber qual era a resposta, justamente para, como se diz em linguagem vulgar, tentar colocar o PS entre a espada e a parede».

«A intenção do PSD é transparente — visava deslocar o centro político de gravidade do País, do PS para o PSD, e marginalizar o PCP e todas as forças de esquerda».

A nossa recusa teve uma lógica que, no fundo, é a mesma da resposta negativa dada à proposta do Partido Comunista para entabular negociações connosco, com exclusão de todos os partidos que se situam à nossa direita, e nomeadamente o PPD. Somos democratas, queremos uma sociedade pluralista em que não haja exclusões nem «ghettos» Por outro lado, não praticamos anticomunismo, visto que se criticámos e nos batemos contra o projecto pecepista, quando o PCP detinha quase completamente as alavancas do poder em Portugal — e, nessa altura, os partidos referidos estavam excessivamente silenciosos e abrigados debaixo dos guarda-chuvas de protecção do PS —, consideramos, por outro lado, que a exclusão do PCP e de toda a extrema-esquerda, que representam uma parte do eleitorado português, conduziria necessariamente a um surto de violência e ao dirimir por meios violentos das tensões sociais, dos conflitos e das contradições existentes na sociedade portuguesa. A nossa política é democrática e a democracia implica tolerância, paciência, diálogo e desejo de discussão. Recusamo-nos, portanto, a fazer esse tipo de discriminações que leva a pôr no «ghetto» outras formações políticas. Isso pode ser simpático a muita gente, mas sabemos hoje quais foram as consequências e os custos sociais de uma tal política praticada até à saciedade pelo antigo regime».

Segundo Soares, a iniciativa da «cimeira» não aproveita mais ao PSD do que ao CDS.

«CONDENADO A SER GOVERNO»

«O PS está condenado a ser Governo» — diz o Primeiro-Ministro. A conclusão assenta sobre a análise de três cenários possíveis para o futuro do poder político, forças políticas e respectiva correlação em Portugal: 1-Dissolução da AR, acompanhada da convocação de novas eleições; 2-Substituição do actual Governo por uma coligação com um ou dois partidos à sua direita; 3-Formação de um Gabinete que representasse um compromisso mais íntimo com a Presidência da República.

Soares recusa qualquer destas possibilidades — para que não vê, aliás, probabilidades fortes. Excluída, evidentemente, a hipótese «maioria de esquerda» para formação de elenco governamental, o Primeiro-Ministro reassume as responsabilidades do PS independente das demais forças. E — acrescenta — «ser Governo não é uma posição cómoda, nem fácil, na actual conjuntura nacional e internacional. É, antes, um esmagador encargo, a que não se foge porque acima das conveniências partidárias importa colocar os superiores interesses nacionais».

Estes e outros temas deverão ser aqueles que Mário Soares vai desenvolver ainda esta noite na televisão.

MSD denuncia oportunismo das "convergências"

PORTO, 7 — «Quando se esperava que as aproximações se fizessem por afinidades programáticas, verifica-se afinal que a «convergência» se faz por questões tácticas e oportunistas, em que os princípios são sacrificados à sobreposição de ambições» — disse ontem, em conferência de Imprensa, na sua sede do Porto o secretariado do Movimento Social-Democracia (MSD), após reunião efectuada neste fim-de-semana em que se analisou a situação política do País. Na sua comunicação aos jornalistas, o MSD, depois de vincar a preocupação pedagógica que sempre animou a vida e a actividade do Movimento, afirmou: «Os apelos feitos ao patriotismo dos portugueses pelo Presidente da República nem sempre foram entendidos pelos partidos, que os interpretaram cada um a seu modo, mais interessados em instrumentalizá-los. Os cidadãos, perplexos, continuam a assistir a lutas em que cada partido faz as suas 'jogadas', utilizando os trunfos que supõe dispor, ora o Alentejo, ora os Açores, ora os sindicatos ora o sector privado».

Referindo-se à actividade do Governo afirmou o secretariado do MSD: «Se o Governo quer mobilizar o País tem que fazer uma política nacional e voltada para todos os cidadãos. Enquanto não houver um equilíbrio entre a confiança política e a competência, as opções serão sempre artificialmente 'politizadas' por falsas justificações partidárias». O MSD interroga a seguir: «De que servem os programas se eles se tornam letra morta? As oposições acabam por se encontrar em estranhas coincidências e cumplicidades, enquanto o Governo se acantona num partidarismo estreito e estéril». O MSD defendeu também, referindo-se ao Governo, o encontro de «formas de diálogo entre opções diferenciadas que permitam o estabelecimento de um consenso democrático». Estiveram presentes, entre outros, os drs. Santos Silva, José Augusto Seabra, Santana Dionísio e os membros do secretariado, Fernando Mascarenhas, José Manuel Ramos e Vasco Ribeiro Ferreira.

TRIBUNAL DE FAMÍLIA DE LISBOA
3.º Juízo
PROCESSO N.º 1388
1.ª SESSÃO
ANÚNCIO

Pelo 3.º Juízo e 1.ª Secção deste Tribunal (Proc. 1388) correm éditos de TRINTA DIAS a contar da segunda e última publicação deste anúncio citando o Réu FRANCISCO MANUEL DA CRUZ NUNES PANTALEÃO, ausente em parte incerta, com a última residência conhecida na Av. Frederico Ulrich, 21-8.º, Dt.º em Almada para, no prazo de VINTE DIAS depois de decorrido o prazo dos éditos, contestar, querendo, a acção de divórcio litigioso que lhe move sua mulher, Maria Teresa Dias Vicente Nunes Pantaleão residente no lote 26 - Reboleira Sul, Amadora, e ainda para, dentro do mesmo prazo, deduzir oposição ao pedido de assistência judiciária formulado pela Autora.

O pedido de divórcio é com fundamento em maus tratos físicos praticados pelo Réu à Autora e pelo abandono do lar conjugal há mais de 6 anos por parte do Réu, e o pedido de assistência judiciária é com base na insuficiência económica da Autora.

Lisboa, 10 de Maio de 1977

O CORREGEDOR DO 3.º JUÍZO
Fernando Marques Cordeiro

O ESCRIVÃO INTERINO,
Casimiro Pereira dos Santos

Leia amanhã na "Opção" exclusivo

Neto fala a Portela

O 27 de Maio. O não-alinhamento. As relações com Portugal.

Opção é indispensável

SINDICATO DE GARAGENS, POSTOS DE ABASTECIMENTO, TRANSPORTES E OFÍCIOS CORRELATIVOS DO CENTRO E SUL

MOÇÃO

Considerando que o estudante Rui Gomes é vítima duma arbitrariedade do poder Político e Judicial e que a sua prisão é um atentado à liberdade e à emancipação do povo português, contra o fascismo e o imperialismo o Sindicato dos Rodoviários de Setúbal e Sindicato de Garagens de Lisboa reunidos em plenário exigem:

1.º — A imediata libertação do estudante Rui Gomes vítima duma acção repressiva dos comandos.
2.º — Que seja julgado por um tribunal antifascista isento.
3.º — Que o juiz que ouviu Rui Gomes seja afastado, pois o mesmo decidiu libertar o fascista António de Spínola, implicado no 28 de Setembro de 1976 e no dia 11 de Março de 1975 ter sido um dos responsáveis pela morte do soldado Luís, do Ralis e que após ter roubado um helicóptero desertou para terras espanholas. Pois não acreditam que o mesmo juiz agora venha julgar imparcialmente um antifascista revolucionário como Rui Gomes.

Cópias desta Moção serão enviadas ao Presidente da República, Primeiro-Ministro, Conselho da Revolução, Assembleia da República e Órgãos de Informação.

Esta moção foi aprovada por unanimidade em plenário alargado a todos os trabalhadores da RN realizado no Instituto Superior Técnico no dia 5/6/77.

Lisboa, 6 de Junho de 1977

V/O TECHMASHEXPORT

Fornecedora de máquinas e equipamento para mais de 70 países

PARTICIPA

de 27 de Maio a 7 de Junho de 1977

na Feira Internacional

de Lisboa

EXPÕE

equipamento têxtil

de refrigeração

e para a indústria de produtos alimentícios

Temos o prazer de o convidar a visitar a nossa exposição, onde peritos qualificados responderão às questões do seu interesse.

ESPIRAL/adapt

Presença da URSS na FIL

A soma total dos contratos assinados entre empresas soviéticas e portuguesas durante os dez dias da FIL atingiram os três milhões de dólares.

Para além deste facto, importante para o estreitamento das relações económicas entre os dois países, também este ano a representação soviética trouxe produtos de que o mercado nacional carece e tão necessários são ao desenvolvimento da nossa agricultura e indústria. Assim, as vendas da URSS compreenderam cinquenta tractores, máquinas fotográficas, aparelhos de rádio, relógios, enquanto Portugal vendeu cortiça e tecidos.

Pensa-se, no entanto, que venham a ser firmados novos contratos, até porque firmas portuguesas se mostraram vivamente interessadas na aquisição de máquinas, ferramentas, motociclos, bicicletas, equipamentos de medição, aparelhos cirúrgicos, máquinas de soldar, lanchas e automóveis.

Não foi a primeira vez que a URSS se fez representar na FIL. Segundo os responsáveis da delegação soviética, o valor dos contratos efectuados na FIL-77 «superou quase duas vezes» o nível atingido durante a exposição de 1975 (1.º ano da participação daquele país).

A compra dos tractores soviéticos é a primeira encomenda do nosso país nesse capítulo. Recordamos que os tractores soviéticos existentes em Portugal foram oferecidos por este país a algumas cooperativas agrícolas como prova de solidariedade para com a Reforma Agrária. Nessa altura, a reacção tentou (sem êxito) lançar uma campanha de boatos contra esta dádiva, alegando que os tractores eram de má qualidade, vinham estragados, etc...

Mas a campanha falhou. E eis uma empresa portuguesa a fechar contrato para 50 tractores. Para além disso, segundo informações, a URSS exporta para quase todos os países industrializados da Europa, para os Estados Unidos e para o Canadá. E como nota curiosa: a Espanha fez recentemente uma encomenda de mil tractores. Mais: a União Soviética é o primeiro produtor mundial de tractores.

Mas nem só de tractores vive o comércio externo da URSS. Também a questão energética é uma das preocupações prioritárias daquele país.

Na FIL estiveram expostos vários modelos de turbinas hidráulicas, hidro e turbogeradores, um semiautómato de soldadura-ao-arco por meio de arame-em-pó e arame compacto e instalações para corte por meio de plasma.

No «stand» soviético (300 metros quadrados) estão 20 empresas daquele país, tendo sido um dos principais temas o 60.º aniversário da Grande Revolução Socialista, assinalando-se também o 23.º aniversário da era cósmica, pois foi em 1957 que a URSS lançou para o espaço o primeiro «Sputnik» e em 1961 o primeiro ser humano: Yuri Garagin.

O desenvolvimento da URSS, foi, como já dissémos, o tema central para esta sua representação na FIL. E mais uma vez foram divulgados alguns dos níveis de expansão da sua indústria. Assim, actualmente a URSS é o maior produtor mundial de aço (136,2 milhões de toneladas, em 1974); de ferro gusa; de petróleo (450,6 milhões de toneladas em 1974); de manganés e minério de cromo; de carvão; de tractores; de locomotivas diesel e eléctricas; de algodão e linho.

Entre os participantes soviéticos da FIL, destacam-se três sociedades do Comité Estatal para as Relações Económicas (CERE) que presta assistência a países estrangeiros na construção de empresas. Até agora, com a assistência técnica da URSS, já foram construídas 950 empresas industriais em mais de 40 países de todo o mundo.

O maior pavilhão nesta edição da FIL foi exactamente o da URSS. Uma novidade que despertou o interesse dos visitantes foi a maqueta Tokamak 10 (T-10), a maior instalação do mundo de investigação da reacção termonuclear dirigida (ou seja, um reactor de fusão e não de fissão). A primeira instalação desse tipo foi construída na década de 50, tendo sido, desde então, idealizadas dezenas de variantes. A última, o T-10, é a maior de todas as que existem e está a funcionar desde o ano passado. Segundo os cientistas soviéticos, com os Tokamak poderão ser construídos reactores termonucleares industriais para as centrais nucleares eléctricas do futuro.

ESPIRAL

A EMPRESA SOVIÉTICA
DE COMÉRCIO EXTERNO
V/O AVTOEXPORT
NA FEIRA INTERNACIONAL DE LISBOA
DE 27 de MAIO
A 7 DE JUNHO DE 1977

oferece para o público:

— automóvel confortável "Volga" GAZ-24;

— automóvel "Moskvich", de novo modelo 2140;

— motocicletas e bicicletas de diferentes modelos.

Os representantes da Empresa proporcionar-lhe-ão amplas informações acerca de todos os artigos patentes no nosso stand.

Seja bem-vindo!

AVTOEXPORT

ESPIRAL

A Empresa Soviética para o comércio externo TRAKTOROEXPORT demonstra na Feira Internacional, a ser realizada em Lisboa de 27 de Maio a 7 de Junho de 1977:

— tractor "Belarus" MTZ 82, universal na série de tractores para o cultivo, adaptado para qualquer espécie de trabalhos agrícolas;
— tractor para arrastar troncos TDT-55A;
— tractor de lagarta DT-75 MS4, insubstituível nas condições de terras palustres e pedregosas de difícil acesso.

Os representantes da Empresa poderão fornecer-lhes informações completas, referentes aos artigos expostos.

Convidamo-lo a visitar a exposição da V/O TRAKTOROEXPORT na Feira Internacional de Lisboa.

TRAKTOROEXPORT

ESPIRAL

O GRANDE EXPORTADOR
DE MÁQUINAS E EQUIPAMENTOS
V/O MACHINOEXPORT,
PRESENTE NA
FEIRA INTERNACIONAL DE LISBOA,
DE 27 DE MAIO
A 7 DE JUNHO DE 1977

APRESENTA:

— carregador de frente modelo TO-18
— aparelho eléctrico tipo TEZ-522M
— modelo de escavadeira a céu aberto tipo EKG-4, 6B

Visite o nosso stand
onde obterá todas as informações.

MACHINOEXPORT

Olivais: um bairro de contraste onde os moradores rompem a

Texto de AUGUSTO VILELA

Mais de 70 mil pessoas, segundo as estimativas mais recentes, vivem na zona dos Olivais. É aproximadamente a população de uma cidade como Coimbra e muito mais que a de outras cidades importantes do País. Obedecendo a concepções urbanísticas modernas, e ainda que não isentos de deficiências porque nem sempre a criatividade dos arquitectos poderá ter funcionado livremente, os novos bairros dos Olivais deveriam ser completados com diverso equipamento social e infra-estruturas indispensaveis para que um tão extenso aglomerado residencial não se torne um simples dormitório.

Porém, às boas intenções dos arquitectos e urbanistas sobrepuseram-se outras razões. Para apoio das populações pouco ou nada se construiu, além de uma piscina cujo preço de utilização se vem tornando inacessivel aos que dela mais necessitam, que são principalmente os jôvens e as crianças.

Em contrapartida surgiram construções em terrenos que deveriam ser zonas verdes, degradaram-se construções e jardins sem que ninguém interferisse.

Esta é, em traços gerais, a situação que existia até ao 25 de Abril, embora muito antes já, grupos de moradores procurassem dinamizar as populações e ajudá-las a resolver problemas prioritários do dia a dia, desde o abastecimento de produtos essenciais, à organização de creches, infantários, etc.

As dificuldades eram aquilo que se sabe. Era o tempo em que organizar uma cooperativa ou reunir pessoas para uma qualquer obra de interesse geral constituia actuação subversiva. Só com muito esforço as iniciativas vingavam. A maior parte, porém, não passava de belos projectos. Em todo o caso nem tudo ficou apenas no papel, nem tudo foi apenas imaginação. As ideias que vinham do passado acabaram por germinar. Ainda que de uma forma embrionária, entre dificuldades de toda a ordem, alguma coisa está a ser feita nos Olivais por iniciativa dos moradores, alguma coisa que poderá representar o arranque para uma dinamização mais intensa daquela importante zona residencial, onde os contrastes são muitos, onde uma burguesia endinheirada coexiste com uma pequena burguesia hesitante, e ambas coexistem com uma larga camada de população que tem evidentes dificuldades económicas, quando não se enfrenta mesmo com a pobreza.

COOPOLIVAIS UM EXEMPLO

Um exemplo do esforço unitário de um grupo de moradores é a COOPOLIVAIS, cooperativa de consumo que arrancou em Dezembro de 1976, após um ano de esforços de alguns elementos progressistas ali residentes, preocupados com o abastecimento de produtos essenciais, principalmente no que diz respeito às classes de menores recursos.

A COOPOLIVAIS instalou-se num «atelier» destinado a escultores, propriedade de Câmara, e que pouco depois do 25 de Abril fora ocupado por diversas organizações políticas. Ao que parece os ocupantes não conseguiram, por diversas razões, dar às instalações uma utilização que justificasse a sua permanência. Os dirigentes da cooperativa (na altura reunidos numa comissão pró-secretariado) propuseram-lhes que saíssem para que se instalasse ali, com carácter transitório e até obterem instalações adequadas, uma cooperativa de consumo. A proposta foi aceite, ponderadas várias razões entre elas o facto de, pertencendo os «ateliers» à Câmara, esses agrupamentos políticos não teriam certamente possibilidades de os ocuparem por muito tempo, ao passo que uma cooperativa, não vinculada partidariamente, teria maiores possibilidades de o conseguir.

A COOPOLIVAIS desenvolveu-se e neste momento tem já cerca de 360 associados, regista um volume mensal de vendas da ordem dos 500 contos e resolve os problemas graves de abastecimento de géneros de primeira necessidade, aos preços mais favoráveis, a mais de um milhar de pessoas.

Um dos responsáveis pela cooperativa diz-nos que o número de sócios poderia já ter aumentado muito mais mas o receio de que a cooperativa, com a actual estrutura, não possa dar resposta imediata, obrigou a conter essa previsível expansão.

As instalações da COOPOLIVAIS, que pretende alargar a sua actividade, são evidentemente provisórias e os sócios, bem como outros moradores interessados na iniciativa, aguardam que a Câmara possa dotar aquela zona com equipamentos sociais destinados a cooperativas e outras iniciativas populares.

A permanência da cooperativa nas instalações que actualmente ocupa chegou a estar ameaçada mas, ao que parece, a Câmara terá comunicado entretanto a sua decisão de permitir a utilização dos «ateliers» até que uma solução definitiva seja encontrada. Por outro lado o próprio presidente da Câmara Municipal de Lisboa, eng. Aquilino Ribeiro, esteve recentemente no local, observou o que estava a ser feito e foi sensível ao trabalho que viu, prometendo envidar esforços no sentido de serem encontradas soluções definitivas.

Orlando Mota, presidente da COOPOLIVAIS, confiava em que esta resolução fosse tomada: «já que a Câmara, por carências diversas, não consegue dar resposta às necessidades de equipamento das populações dentro daquilo que a Constituição aponta, não também certamente destruir obras já em funcionamento pleno e com resultados positivos».

Como solução para o futuro, o presidente da Coopolivais aponta o facto de existirem condições para mobilizar os sócios e os moradores em geral para a construção de instalações próprias «dentro da modéstia dos nossos recursos» se a Câmara ceder uma parcela do muito terreno que existe na área.

RETIRAR AS CRIANÇAS DA RUA

Outro dos quatro ateliers do conjunto foi alugado em tempos pela Câmara à junta de freguesia e é agora utilizado para actividades de tempos livres das crianças daquela zona. Trata-se da concretização de uma ideia anterior ao 25 de Abril, lançada por cinco assistentes sociais que estavam a trabalhar em bairros de lata.

«Deu-se o 25 de Abril e pensamos que era útil alargar esta actividade a outro tipo de bairros que tinham carências da mesma ordem, derivados das escolas a meio tempo que não cobrem as necessidades das crianças. Contactámos a Junta de Freguesia dos Olivais que nos acolheu de braços abertos. Havia este atelier alugado pela junta à Câmara e foi então criado um estatuto de utilização para esta actividade e para outras de interesse dos moradores».

O «Atelier de ocupação de tempos livres», uma designação não oficial mas que corresponde com mais aproximação às actividades que ali se desenvolvem, abriu em 1974. É frequentado por cerca de 80 crianças em grupos fixos mas há mais de 200 inscritas. São crianças que vivem em difíceis condições socioeconómicas e que anteriormente passavam o tempo na rua, abandonadas, enquanto os pais estavam a trabalhar. Agora passam ali duas horas diárias, de manhã ou de tarde, consoante o seu horário escolar. Sob a orientação de técnicas assistentes da Misericórdia fazem teatro, fantoches, moldagem em barro, pintura, jogos, visitas de estudo e outros trabalhos que desenvolvendo o seu espírito criativo contribuem ao mesmo tempo para melhorar a sua integração no meio social, muito prejudicada na maioria dos casos pelo ambiente familiar.

Muitas destas crianças habitam na Rua do Dondo, uma rua degradada dos Olivais, espécie de «gheto» de gente pobre armazenada no cimento armado, exemplo típico da forma como o fascismo simulava resolver o problema da habitação e interessar-se pelas «classes mais desfavorecidas». Estas crianças, em grande número de casos, eram logo de manhã «fechadas na rua» pelas famílias que não queriam deixá-las sozinhas em casa enquanto os adultos estavam no trabalho. Abandonadas o dia inteiro, sem qualquer apoio, dedicavam-se a vadiar, a mendigar pelas ruas do bairro e, muitas vezes, a roubar. Nesta zona chegaram a ser detectados casos de organizações dedicadas a pequenos roubos feitos por crianças.

A iniciativa de criar este centro veio facilitar a vida a muitas mães que agora se sentem mais tranquilas quando deixam os filhos. «Isto contribui para a educação das crianças e nós ficamos descansadas» comenta uma delas ao mesmo tempo que se queixa de não haver, num bairro tão populoso, um parque para crianças.

«As crianças estão muito abandonadas nos Olivais, diz-nos outra que ali acorrera preocupada quando lhe constou que a continuidade das actividades do atelier estariam ameaçadas. «Moro aqui há dez anos e não vejo um infantário, uma creche, nada».

A ameaça de despejo das instalações estava latente na altura em que visitámos o atelier e era sentida de tal modo pelas crianças que estas, espontaneamente, queriam ir com cartazes, à Câmara, fazer uma manifestação para obrigar os responsáveis a irem ver como estavam a ser utilizados os ateliers. A posterior visita do eng. Aquilino Ribeiro ter-lhes-á devolvido a tranquilidade.

É certo que há também quem não goste da presença das crianças pobres. Uma certa burguesia da área acha que elas fazem barulho e alguns comerciantes sentem-se inco-

Com poucos meses de existência a COOPOLIVAIS começa já a f de instalações.

es
inércia

Fotos de JOSÉ TEIXEIRA

Nestes terrenos abandonados poderia nascer um Centro Cívico capaz de malhorar consideravelmente as condições de vida dos moradores dos Olivais. A ideia parece que existe mas falta levá-la à prática, que é o mais importante.

modados quando elas vão espreitar os bolos, os gelados e as guloseimas que não podem comprar. Bem vistas as coisas compreende-se. Estas crianças são uma acusação constante a um tipo de estrutura social em que assenta a prosperidade de certas classes.

Entretanto o atelier funciona, com pobreza de meios é certo, mas o entusiasmo das monitoras e a imaginação das crianças ultrapassam todas as carências. O problema grave é que, como estas, há milhares de crianças ainda «fechadas na rua». Por isso estas iniciativas têm que ser apoiadas, dinamizadas, multiplicadas.

ESCOLA E COMUNIDADE

No quadro das iniciativas populares que estão a desenvolver-se nos Olivais, merece também especial destaque o projecto de um grupo de professores do ensino básico e secundário para «a integração da escola na comunidade através do apoio directo a todas as iniciativas pedagógicas e da dinamização e sensibilização das

a ficar estrangulada por falta

pessoas tendo em vista uma total modificação da relação clássica entre professores e alunos, entre os diversos níveis de ensino e ainda a ocupação dos tempos livres das crianças».

Algumas destas ideias foram já concretizadas, especialmente a sensibilização dos professores para as causas dos insucessos escolares.

É claro que este é um problema social que não pode ser resolvido com actuações isoladas e neste tipo de iniciativas nem todos os professores encontram a resposta que gostariam de ter. Maria Helena Cavaco professora do Liceu D. Donis confirma esta ideia afirmando: «Muitos saem até com um certo sentimento de culpa e insegurança porque tudo aquilo em que acreditavam é posto em causa. É muito fácil classificar os alunos que têm todos os seus problemas sociofamiliares resolvidos e classificar os outros de «incapazes». É um dos aspectos que nos propomos debater e contribuir para modificar». Explica-nos como muitas vezes o insucesso escolar das crianças é apenas a consequência de muitos traumas familiares ou de uma deficiente inserção da criança no meio social.

Mas existem outras iniciativas importantes dependentes da utilização dos «ateliers», como é o caso de um grupo de jovens que está a organizar-se tecnicamente, com o apoio do mesmo grupo de professores, no sentido de actuar junto das crianças carecidas de apoio escolar, diminuidas no seu aproveitamento devido as suas más condições de vivência, ambiente familiar, dar-lhes uma vivência cultural que lhes permita aproveitar as suas aptidões e compensar as carências materiais e afectivas que interferem negativamente no rendimento escolar e no desenvolvimento geral da criança.

«A ideia, dizem-nos os componentes do grupo, surgiu da constatação do problema social de um bairro onde nós vivemos e do qual não nos podemos abstrair. Além disso já tínhamos contactos anteriores e realizações práticas em conjunto com esses professores. Daremos o nosso entusiasmo e criatividade e receberemos o apoio técnico e pedagógico dos professores».

O grupo é constituído em princípio por 15 rapazes e raparigas do Liceu D. Diniz, que é o Liceu daquela área. O seu trabalho depende também das instalações e do apoio que receberem. De qualquer modo estão determinados a prosseguir vencendo as dificuldades que surgirem certos da importância social do seu objectivo.

«Estamos convencidos que, se subtrairmos essas crianças ao ambiente prejudicial da rua isso será um passo importante para a sua normal integração na sociedade, dado que o seu ambiente familiar não lhes permite essa integração e condena-as a uma situação de marginalidade perante as outras crianças».

O plano de trabalho foi fá delineado pelo grupo: «De imediato pretendemos obter uma preparação técnica mínima para dar ao nosso trabalho uma orientação correcta e eficaz. Recorreremos a professores especializados em técnicas de educação e pedagogia. A partir dessa fase iniciaremos o trabalho propriamente dito, que começa por uma proximação às crianças nessas condições».

Não queremos terminar sem referir uma outra iniciativa de jovens.

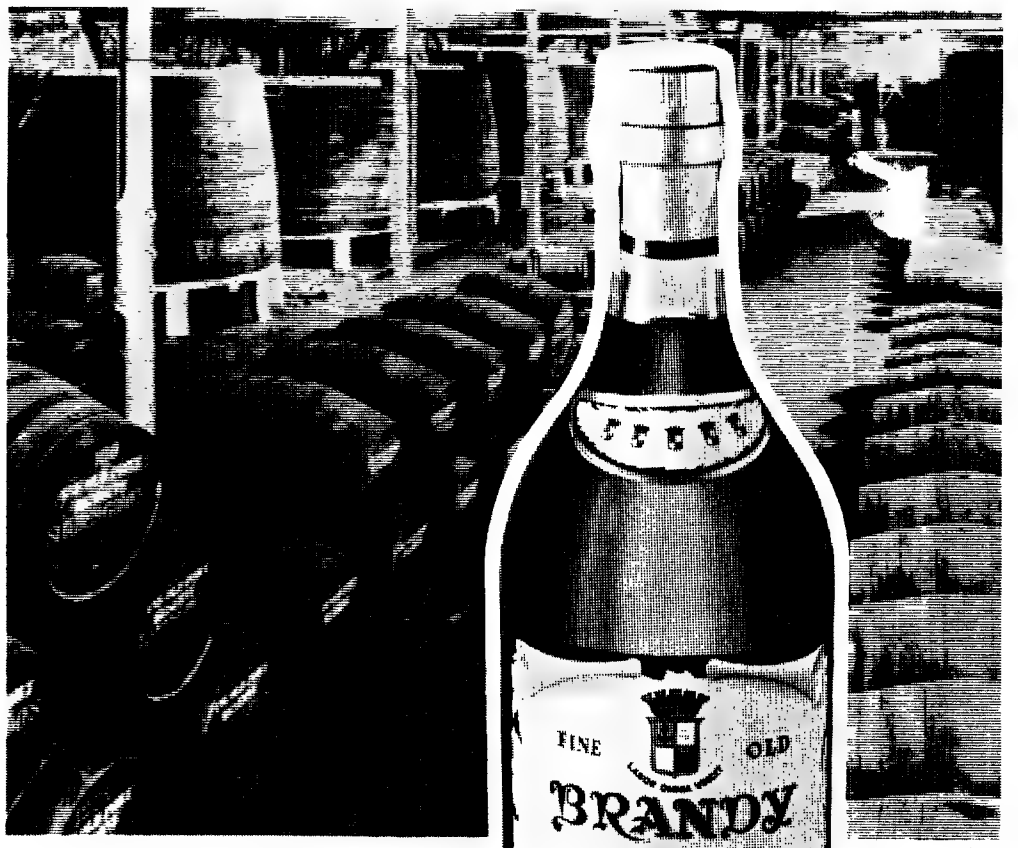
Trata-se da verdadeira transformação que eles fizeram no chamado «Vale do Silêncio» uma ampla zona verde dos Olivais Sul. Até há pouco tempo era um local apenas frequentado por drogados onde quase ninguém se atrevia a ir. Agora, pela acção dinamizadora de jovens que no trabalho concreto ultrapassam as diferentes opções aos domingos e feriados centenas de crianças brincam, correm, jogam e praticam os mais diferentes jogos, assistidos por rapazes e raparigas daquela zona que assim ocupam os seus tempos livres e levam a Revolução á prática. Os drogados e os vadios desapareceram dali e o «Vale do Silêncio» foi devolvido às crianças, perdendo o silêncio mas ganhando vida.

Os moradores arrancaram. É agora a vez da Câmara apoiar para que iniciativas destas se estendam a todo o bairro

INFORMÁTICA
ANALISTAS

BANCO NECESSITA RECRUTAR PARA LISBOA ANALISTAS COM EXPERIÊNCIA.

RESPOSTA, INDICANDO CURRICULUM DETALHADO E VENCIMENTO PRETENDIDO, AO N.º 1922 DESTE JORNAL.



PORTO CABRAL
o sabor da tradição

distribuidores: SERAFIM CABRAL LDA.
AV. INFANTE SANTO lote B Nº23-6ºB LISBOA
TELEF 675689.664185.605341 TELEX 13361 P

DIA 22

Jornada comum de luta em Lisboa e Setúbal

«É cada vez mais crescente o descontentamento dos trabalhadores e das mais vastas camadas populares perante a actual situação política, económica e social. A degradação desta situação é da responsabilidade do Governo. A sua política traduz a cedência grave às pressões das forças sociais e políticas contrárias ao projecto constitucional».

Assim se exprimem em Manifesto conjunto aos trabalhadores de Lisboa e Setúbal, as Uniões Sindicais dos respectivos distritos, sobre a jornada de luta que o Movimento Sindical promove, no próximo dia 22. No Manifesto, divulgado numa conferência de Imprensa das Uniões Sindicais de Lisboa e Setúbal, esta manhã, enunciam-se os objectivos da jornada de luta: revogação da lei dos 15 por cento e das leis imperativas, contra o congelamento da contratação colectiva, contra o aumento do custo de vida, contra o desemprego e os despedimentos, pela Reforma Agrária, pela defesa das Nacionalizações contra a entrega das empresas intervencionadas ao patronato.

A jornada é aberta a todos os portugueses que entendam ser seu dever lutar por aqueles objectivos. Os trabalhadores e a restante população que queiram integrar-se na jornada devem concentrar-se na Praça do Comércio, às 19 horas. O termo do desfile que se seguirá deverá ser ainda decidido na próxima semana, em função dos contactos que até lá se estabelecerem, mas será certamente S. Bento ou Praça de Londres, junto ao Ministério do Trabalho. De Setúbal só virão manifestantes da zona Norte do distrito, pois a zona Sul concentrar-se-á em Sines.

A jornada é promovida pela CGTP a nível nacional, registando-se manifestações nas localidades de grande concentração de trabalhadores. Estes reunir-se-ão junto às delegações locais do MT ou, no caso de não haver delegações, junto às câmaras municipais. As mobilizações e coordenação local ficam a cargo das respectivas uniões sindicais do distrito.

No caso de Lisboa e Setúbal, foi eleita uma Comissão Dinamizadora, (que funciona no n.º 8 do Largo Vitorino Damásio, com o telefone 661350), que terá a seu cargo a mobilização para a jornada e discussão dos objectivos a nível de zona e de empresa.

A União dos Sindicatos de Lisboa e a sua congénere de Setúbal apelam a todos os trabalhadores e à população em geral para a ampla participação na jornada e na discussão dos seus objectivos.

O abstencionismo é assim

. «O mal é o abstencionismo. Foi sempre assim» — assinala-se em editorial de «A Luta» no dia 4, assinado pelo dr. Vítor Direito, a propósito das eleições para os corpos gerentes do Sindicato dos Trabalhadores do Comércio do Distrito de Lisboa, de que saiu vencedora uma lista unitária, adversa aos princípios defendidos pela «Carta Aberta».

Este conceito, de que o mal é o abstencionismo, ou seja, de que existem maioriais silenciosas já vem de longe, Marcelo Caetano referiu-se a essa gente. Spínola não lhe foi alheio e o calendário assinala as suas intenções.

Mas o que é interessante é assinalar aqui como certas pessoas se lembram do abstencionismo em determinadas alturas e o esquecem noutras. Por exemplo, também ontem um dirigente sindical ligado à «Carta Aberta» Torres Couto, à saída de uma reunião com o Primeiro-Ministro, se preocupava: «Vai muito mal o movimento sindical português quando uma direcção sindical inicia o seu mandato numa base de apoio tão reduzida».

Bem, supomos que não vale a pena ter intuitos polémicos sobre isto, mas é de recordar o que se passa pelo menos no caso do Sindicato dos Trabalhadores do Comércio de Lisboa, para não citar outros exemplos.

Vejamos: em Setembro de 1975 realizaram-se eleições para os corpos gerentes daquele sindicato. Então, quando o número de sócios era sensivelmente maior, registaram-se aproximadamente 8400 votos, assim repartidos: cerca de 5100 para a lista que agora terminou o mandato, e cerca de 3300 para a equivalente da que agora foi eleita. Não nos consta que, na altura tenha havido qualquer problema com o abstencionismo.

Nas eleições efectuadas na sexta-feira, votaram 18148 trabalhadores. A lista eleita teve 54,7 por cento dos votos, contra 40,8 por cento da cessante, ou seja, de que obteve o seu apoio. E pronto, aí está o abstencionismo.

Claro que nem toda a gente alinha nas teses de Vítor Direito ou de Torres Couto. Mesmo em «A Luta», na sua edição do dia 6, JPC tenta uma abordagem da questão. E embora seja uma visão pessoal não vai nestas histórias de pessoas bem conhecidas.

E, agora, vejamos: as eleições no Sindicato do Comércio foram antecipadas por causa do abstencionismo em 1975? A direcção cessante não foi nunca alertada para o facto de, com a sua «política sindical», estar a desmobilizar os trabalhadores? O apelo ao partidarismo na campanha eleitoral não tem nada que ver com o resultado destas eleições? Os trabalhadores não sabem o que se passa quando apesar de desmobilização tentada e das condições presentes, continua a comparecer e ainda em maior número?

. Acabem com isso, vá lá, pluralistas...

CONTRATOS POR SAIR

Nova reunião adiada no sector cerâmico

Representantes da Federação dos Sindicatos dos Trabalhadores das Indústrias de Cerâmica, Cimentos e Similares compareceram ontem no Ministério do Trabalho, para uma reunião que estava aprazada para as 10 e 30 da manhã, e se integrava nos trabalhos de elaboração da portaria de regulamentação do trabalho para o sector. Com alguma surpresa, viriam a tomar conhecimento de que o encontro, afinal, se destinava apenas a convocá-los para nova reunião, amanhã.

Comentam os dirigentes da Federação, que tem sede em Coimbra: «Como esta deslocação, além de alimentar uma esperança envolveu milhares de escudos com deslocações de dirigentes sindicais a centenas de quilómetos, a suportar pela magra bolsa dos trabalhadores, cabe-nos esclarecer a opinião pública em geral e os cerâmicos em particular de mais uma manobra não só lesiva dos fracos recursos financeiros dos trabalhadores como, mais grave ainda, atentatória da sua dignidade».

TALHOS: GRANDE PLENÁRIO

Dificuldades suscitadas quanto ao acordo da tabela salarial do contrato colectivo para o comércio de carnes (talhos) motivaram a convocação de um grande plenário de trabalhadores do sector, a realizar no próximo dia 15, uma quarta-feira.

Ali se decidirá da posição a assumir perante a recusa do patronato em aceitar a proposta apresentada pelo Sindicato dos Trabalhadores em Carnes dos distritos de Lisboa e Setúbal, cuja direcção se mantém inflexível. «O nosso CCT será uma realidade se a classe souber ser firme, decidida e combativa, pois só através da luta conseguem os trabalhadores garantir condições de trabalho e sociais que o patronato recusa sistematicamente» — afirma.

O plenário realiza-se no salão nobre do Instituto Superior Técnico, pelas 19 horas.

Mineiros no desemprego

Devido à falta de condições de segurança da mina em que trabalhavam, que fazia perigar as suas vidas, nove operários da empresa francesa «Sociedade Minas de Susão», em Valongo, encontram-se há já algus dias sem trabalho.

O proprietários daquela empresa vem, aliás, manifestando desinteresse pelo prossequimento da laboração, desinteresse partilhado também por outros patrões que têm encerrado outras minas e lançado para o desemprego grande número de trabalhadores, como aconteceu recentemente na «Manuel Branco da Fonseca», onde doze operários foram privados dos seus postos de trabalho.

PASTELARIA E CONFEITARIA

Os problemas suscitados em torno do contrato colectivo de trabalho para as indústrias de pastelaria, confeitaria e conservação de fruta vão mais uma vez ser analisados pelos trabalhadores interessados, em reunião convocada para amanhã pela direcção do Sindicato Nacional do Pessoal da Indústria de Doçaria do Distrito de Lisboa.

«Há oito meses que andamos a negociar o contrato: já é tempo mais que suficiente. O custo de vida aumenta todos os dias, temos que dizer **basta!**», adianta a direcção daquele sindicato, apelando no sentido de uma grande participação, à semelhança do que se verificou em anterior reunião.

O plenário efectua-se no salão dos Bombeiros Voluntários Lisbonenses, ao Marquês de Pombal, a partir das 18 e 30.

Cantoneiros de limpeza querem melhores salários

Os cantoneiros de limpeza urbana da Câmara Municipal de Lisboa, em luta pela alteração da categoria que actualmente lhes é atribuída e a consequente melhoria de salários, concentram-se esta tarde, às 18 horas, junto do Ministério da Administração Interna.

Além disso, os cantoneiros deverão efectuar uma paralisacção-aviso no próximo dia 16 no caso de, até essa data, o MAI não dar uma resposta satisfatória à sua pretensão — em conferência de Imrpensa ontem promovida por uma Comissão de Luta eleita em plenário de trabalhadores realizado no dia 3.

Durante a paralisação do dia 16 os trabalhadores deverão efectuar nova reunião para decidirem sobre as formas de luta a adoptar.

Os cantoneiros têm actualmente um salário de 6400$00 correspondente à letra S, reivindicando a passagem à letra O, o que lhes proporcionaria, desde logo um aumento de 1400 escudos.

Em documento aprovado no último plenário, os trabalhadores afirmam que «tem sido, desde sempre, votados ao desprezo pelos responsávies tanto da Câmara como do Ministério da Administração Interna».

E acrescentam que a «publicação no dia 1/3/77 do Decreto-Lei 76/77 , que segundo o Ministério serve para corrigir as injustiças existentes, na prática aumenta as injustiças sobre os cantoneiros e outras categorias».

Segundo foi divulgado na conferência de Imprensa, «já em 31 de Maio de 1976 a Câmara aprovou a reivindicação dos cantoneiros, enviando-a para o Ministério, tal como agora voltou a fazer, tendo como resposta que só seria alterada a categoria destes trabalhadores quando saísse a correcção para todas as categorias». Assim, com a publicação do referido decreto, o caso teria voltado ao esquecimento.

Um apelo da Comissão de Luta dos cantoneiros de limpeza da Câmara Municipal de Lisboa: que o público compreenda a sua luta pela satisfação das reivindicações. Eles são 1180 pessoas e limpam, diariamente, a cidade, de ponta-a-ponta.

ONTEM FOI A "CARTA ABERTA"

Primeiro-Ministro recebe delegação da CGTP-IN

O Primeiro-Ministro, que ontem recebeu a Comissão de Redacção da «Carta Aberta», volta a reunir-se, nesta tarde, com uma delegação do Secretariado da Confederação Geral dos Trabalhadores Portugueses-Intersindical Nacional. Nesta reunião marcada para as 16 e 30, deverão estar presentes os ministros do Trabalho e do Plano e da Coordenação Económica.

Os elementos da «Carta Aberta» que ontem se deslocaram a S. Bento foram recebidos por Mário Soares, acompanhado pelos ministros e secretários de Estado do Trabalho e, ainda, pelo adjunto do Primeiro-Ministro para assuntos laborais, Pelágio Madureira.

A delegação da «Carta Aberta» era constituída pelos seguintes elementos: Torres Couto (Sindicato dos Seguros e Ilhas), João Luís Fernandes (Sindicato dos Telefonistas do Porto), Serafim Bastos (Sindicato dos Escritórios do Porto) e Roque Martins (Sindicato dos Bancários do Sul e Ilhas).

No encontro, que durou cerca de quatro horas, foram abordados problemas relativos ao aumento do custo de vida e à erosão do poder de compra dos trabalhadores e, ainda, outros sobre problemas de trabalho, como a Lei da Greve e das Associações Sindicais e a Lei dos Despedimentos.

A saída, Torres Couto referiu os resultados «muito positivos para o movimento intervencionista da 'Carta Aberta'», afirmando que novas reuniões se efectuarão com o dr. Mário Soares, «uma vez que não reconhecemos a ninguém legitimidade para nos representar no cumprimento de um preceito constitucional que é o facto de os trabalhadores, através das suas organizações, serem ouvidos em tudo o que lhes diz respeito».

Serviço doméstico aponta injustiça

As delegadas sindicais do Serviço Doméstico decidiram denunciar publicamente a maneira injusta como têm sido tratadas pelo ministro do Trabalho e pelo Primeiro-Ministro aos quais têm recorrido no sentido de conseguirem a publicação da Portaria de Regulamentação de Trabalho para o Serviço Doméstico, cujo projecto o respectivo sindicato entregou ao Governo em 1974.

As delegadas sindicais das trabalhadoras do Serviço Doméstico decidiram também entregar pessoalmente aos deputados da Assembleia da República o comunicado em que denunciam a injustiça do Governo em relação ao seu problema, e pedir aos sindicatos «que se prezam de ser revolucionários» que se unam solidariamente ao seu Sindicato. Lançam ainda um apelo a todas as suas camaradas de trabalho para se unirem na luta pela legislação que lhes diz respeito.

No comunicado, as trabalhadoras domésticas denunciam também o regozijo com que os seus patrões vêem regressar formas da antiga repressão fascista e abordam a situação cada vez mais difícil do povo trabalhador, não só pelo aumento do custo de vida mas também pela legislação antioperária do Governo.

Falta de salários pára empresa têxtil

. Os trabalhadores da Sociedade Industrial de Malhas e Fiação, SARL, Porto, têm a laboração parada desde sexta-feira por não receberem salários há mais de dois meses. Comto, os 170 trabalhadores não recebem desde a segunda quinzena de Março, não lhes tendo sido pagos ainda os subsídios de natal e férias de 1975 e 76.

A administração da firma (com interesses noutras empresas de lanifícios) há vários meses que não comparece na Sociedade Industrial, estando a gestão desta entregue, praticamente, ao contabilista. Por outro lado, conforme nos informou um dirigente sindical, o administrador Sousa Coutinho tem sido convocado para reuniões na delegação do M.T., mas não tem comparecido.

Entretanto, segundo a mesma fonte, a situação presente deve-se também à forma de actuação da banca, concretamente do Banco Borges e Irmão, em relação à empresa. Disse-nos o dirigente sindical que aquele banco continua a cativar 40 por cento das receitas para liquidação de dívidas, contrariamente àquilo que ficara acordado numa reunião recente na delegação do M.T.

ESPANHA

Clima de violência prejudica campanha eleitoral

O clima de violência iniciado sábado passado com explosões em cinco torres de condução de energia elétrica na área de Madrid, e que teve continuação com o assassinato de dois guardas civis e a explosão de bombas no domingo pela manhã em torres de televisão em Guipuzcoa e num quartel da Guarda Civil de Tidela (Pamplona), adquiriu ontem continuidade com novas explosões nas torres da televisão do Monte Serantes (Bilbau), num restaurante em San Debastian. tian.

Numa estrada que une dois bairros, em Bilbau, foi encontrada uma bomba que pesava treze quilos. Também entre duas torres da catedral de Santiago de Compostela foi encontrada uma bomba presa a uma bandeira preta.

Todos os partidos políticos condenam esta onda de terrorismo denunciando-a como «parte de um palno de desastabilização para impedir o processo eleitoral».

Até agora a ETA apenas reivindicou as explosões de Madrid. Esta nota sombria vem juntar um novo motivo de confusão final no processo eleitoral espanhol que tinha causado surpresas, exactamente pela moderação, apenas com alguns incidentes considerados um tanto à margem e sem maior significado já que foram protagonizados pela extrema direita, de quem já se esperava uma atitude provocatória.

Por outro lado, as grandes camadas populares assistem bastante confusas ao intensificar de uma campanha eleitoral que não chegou ainda a convencer o grande público.

As sondagens da semana passada, divulgadas por «Cambio 16», revelam um alto nível de indecisão.

A União do Centro Democrático e os socialistas de Felipe Gonzalez afirmam-se convictos de que vão ganhar.

As previsões também indicam essa possibilidade, mas ninguém se atreve a indicar percentagens.

Mas a atenção pública, que se poderia ter concentrado no grande esforço de propaganda que estão fazendo os principais partidos como o «PSOE», os comunistas, democratas-cristãos, Alianza Popular e União do Centro-Democrático, embora estes sem tanto impacto, foi traída pela onda de terror.

ITÁLIA

Dedo de Nixon aparece em intentona fascista

Um telefonema de Roma deveria avisar o então presidente norte-americano Richard Nixon de que principiara o golpe de Estado preparado pelo príncipe neofascista Valério Borghese contra o Estado italiano, na noite de 7 de Dezembro de 1970.

O telefonema, programado para que Nixon o recebesse em Washington no caso de a conjura ter ido por diante, seria canalizado através de Nápoles, onde estava o comando da Organização do Tratado do Atlântico Norte, e de Malta, em cujas águas permanecia ancorada a Sexta Esquadra dos Estados Unidos,

A declaração foi ontem feita em Roma pelo advogado Beiamino Scucces Muccio, defensor do neofastista Sandro Saccucci, perante o tribunal que está a julgar os implicados na intentona, descoberta pouco antes da data prevista para a sua concretização.

A fim de confirmar as suas afirmações, o advogado pediu ao tribunal que permitisse a audição pública de uma gravação com declarações de Remo Orlandini, lugar-tenente do Príncipe Borghese, aos serviços italianos de segurança.

O tribunal retirou-se para deliberar e acabou por decidir que tal gravação não seria ouvida em público.

Outro dos advogados solicitara, entretanto, que fosse chamado a depor John Volpe, antigo embaixador dos Estados Unidos em Roma, para que falasse das eventuais ligações do seu país com a intentona neofacista do príncipe Borghese.

BRASIL

Uma semana difícil

«Uma semana difícil para o Governo brasileiro, que está sob o vento de revolta que sopra nas universidades e enfrenta «actividades subversivas» de alguns deputados da oposição, factos que poderão levá-lo a tomar uma série de decisões de consequências graves para a evolução do regime»: assim o correspondente da France Presse no Brasil, Yvan Chemla vê a situação neste país neste início de semana, marcado por prisões maciças de estudantes, pela possibilidade de suspensões de mandatos de deputados oposicionistas e pela chegada de Rosalyn Carter, além da divulgação de vários manifestos assinados por jornalistas, intelectuais, artistas e sacerdotes.

Ontem, foram presas mais 50 dos 20 mil estudantes da Universidade de Brasília que estão em greve há seis dias. Parte deles foram retidos nas suas casas pelas chamadas «forças de segurança». Pelo seu lado, a Polícia Federal recusou-se a fazer comentários, afirmando que os diferentes chefes de serviço não podiam ser contactados porque «a polícia está a mudar de instalações». Também foi preso o jornalista da sucursal de Brasília do jornal «O Estado de São Paulo» quando tentava ir à Universidade de Brasília fazer o ponto da situação.

Entretanto, com mais de 350 assinaturas, e na sequência dos textos divulgados no Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre e Salvador, foi ontem tornado público em Belo Horizonte um «manifesto à nação», firmado por artistas, intelectuais e sacerdotes, no qual se protesta contra a repressão policial ao movimento estudantil. Simultaneamente, 130 professores e chefes de departamento da Universidade Federal desta cidade aprovaram um documento que tem por título «Em Defesa da Universidade», onde o «manifesto» é reiterado.

Por outro lado, o líder do partido governamental ARENA na Câmara, José Bonifácio, avisou que «o presidente Geisel aplicará esta semana sanções severas a quatro deputados da oposição e a outros agitadores comunistas». Recorde-se que três deputados do MDB expressaram, publica e pessoalmente, a sua solidariedade aos estudantes de Brasília que estão em greve e o deputado Marcos Tito leu no Congresso um manifesto do Partido Comunista Brasileiro, José Bonifácio, muito nervoso, disse que a presença de Rosalyn Carter no Brasil não vai impedir as sanções pois «somos um país independente».

Pelo seu lado, o secretário de Imprensa da Presidência da República, coronel Toledo Camargo disse que não está tolerada aquilo a que chama «perturbação de ordem pública».

O deputado Sinval Boaventura adiantou que «dentro de dias terão lugar importantes decisões porque o regime não pode aceitar esta sucessão de provocações». Este parlamentar pretence ao partido do Governo.

O correspondente da France Presse escreve que poucos observadores acreditam na possibilidade dos militares ouvirem os conselhos do chefe da diplomacia brasileira, Antônio Azeredo da Silveira, que recomendou moderação nas atitudes a serem tomadas por causa das consequências desastrosas que poderão ter na opinião pública mundial.

O mal-amado

Rádio Uganda anunciou que o presidente Idi Amin (na foto) partiu num avião especial para a Europa, acrescentando ser provável que Amin aterre algures perto da Inglaterra donde possa viajar de barco para Londres, a fim de assistir à conferência da Commonwealth. A notícia deixou estupefactos os funcionários britânicos e comunitários, pois todos estavam certos de que Amin não ousaria ir a Londres depois da forte oposição que a sua presença ali tem suscitado. Recorde-se que Amin se apoderou do poder há seis anos aproveitando a ausência do presidente Milton Obote, que, na altura, estava a assistir precisamente à conferência da Commonwealth. Normalmente «inspirado por Deus» (segundo diz), Amin parece ter sido desta vez comandado por potências maléficas. É que a história repete-se e pode muito bem acontecer que Idi Amin não regresse mais à pátria

Não-alinhamento para as Seychelles

O presidente das ilhas Seychelles, France Albert Rene, indicou que o país seguirá a via do não-alinhamento, permanecendo à margem dos grandes blocos do poder.

O novo presidente, até há pouco primeiro-ministro, falou ontem pela rádio a fim de desmentir as acusações, feitas pelo seu antecessor, James Mancham, de que o levantamento de domingo fora inspirado pela União Soviética.

France Albert Rene observou que os soviéticos não terão qualquer base militar nas Seychelles, pois o país atribui grande importância ao não-alinhamento.

Por outro lado, indicou que não se manterá por muito tempo o recolher obrigatório decretado depois do golpe de Estado de domingo, que nas suas palavras visou libertar o país da subordinação ao capitalismo.

Dado o recolher obrigatório, quase todos os 62.000 habitantes das Seychelles se têem mantido dentro de casa, excepção feita aos empregados dos hotéis, onde se alojam centenas de turistas europeus e norte-americanos.

O presidente Mancham mantinha o país como paraíso de turistas, enquanto a maior parte da população local vivia em casas sem um mínimo de condições.

"Concorde" motiva discórdia

A Grã-Bretanha e a França fizeram hoje saber que a continuação da proibição de aterragem do jacto supersónico «Concorde» no aeroporto John F. Kennedy, de Nova Iorque, poderá «prejudicar gravemente» as relações anglo-francesas com os Estados Unidos, além de arruinar o projecto de operacionalidade do avião.

Ao solicitar o levantamento da proibição por parte das autoridades dos portos de Nova Iorque e Nova Jersey, os dois governos europeus afirmaram que encarariam «a recusa na observância de direitos consignados em tratados com os Estados Unidos, como uma questão com sérias implicações políticas».

Se o «Concorde» não for autorizado a operar nas rotas de Nova Iorque, Paris e Londres, será extremamente difícil manter comercialmente o aparelho», acrescentaram as autoridades anglo-francesas.

Num relatório dirigido ao Tribunal Federal de Recurso de Nova Iorque os dois governos afirmam que o «Concorde» foi originariamente construído para efectuar ligações entre Nova Iorque e os aeroportos europeus e só poderá atingir o seu potencial económico pleno, se for autorizado a operar nessas rotas».

Finalmente, os governos britânico e francês declararam que a proibição que pesa sobre o jacto supersónico representa «uma grave violação do espírito e de algumas normas específicas dos acordos bilaterais relativos a transportes aéreos que os dois países têm com os Estados Unidos».

Turquia: Ecevit não obteve maioria absoluta

O antigo primeiro-ministro Bulent Ecevit, vencedor das eleições gerais turcas, enfrenta a perspectiva de uma coligação, dado que não conseguiu chegar à maioria absoluta dos 450 lugares da assembleia.

Com mais de 95 por cento dos votos contados, Ecevit tinha 5,9 milhões (41,3 por cento) e o primeiro-ministro cessante, Suleyman Demirel, líder do Partido da Justiça, 5,3 milhões (37,12).

A maioria absoluta seria de 226 lugares, enquanto os populares republicanos de Ecevit teriam conseguido uns 218 e o Partido da Justiça, 188.

Um Governo de maioria poderia resolver o problema de Chipre sem ter de efectuar concessões a parceiros de coligação, enquanto um gabinete composto por mais de um partido terá mais dificuldade em actuar no caso cipriota e nos demais problemas que se levantam ao Estado turco.

Em 1974, Ecevit chefiou uma coligação dos populares republicanos (de linha social-democrática) com o partido de Salvação Nacional, agrupamento muito conservador que mais tarde se aliaria com Demirel.

Israel: Begin formar Governo

O presidente Ephraim Katzir de Israel convida hoje Menahem Begin, secretário-geral da coligação direitista Likud, a formar novo Governo. O dirigente do Likud procura, entretanto, uma coligação com o Movimento Democrático para a Mudança, que tem 15 lugares no Parlamento. Mesmo que estas conversações não resultem, o Likud encontrará apoios suficientes em pequenos partidos religiosos de extrema-direita para formar Governo.

Enquanto isto, o representante da Liga Árabe na Argentina, Adel Sibai, afirmou que uma eventual quinta guerra israelo-árabe pode conduzir a uma terceira guerra mundial.

Noticiário em colaboração com as agências ANOP, France Press, Inter Press Service, Novosti, Prensa Latina e Reuter

sb

A não perder:
Linha Natura
Em exibição
stand sb móveis
Fil/77

A LUTUOSA DE PORTUGAL — A.S.M.
Avenida dos Aliados, 168 — Porto

ÉDITOS DE 30 DIAS
1.ª Publicação

De harmonia com o § 2.º do Art.º 20.º dos estatutos, são convocadas as pessoas que se julguem com direito ao subsídio deixado pelo Sócio n.º 20 387, Sr. Mário de Sousa Pereira Leão, que residiu em Torres Novas, na Rua Entre Muros e faleceu em 29 de Novembro de 1976, sem deixar testamento nem Declaração, a procederem à sua habilitação perante a Direcção desta Mutualidade.

Porto, 6 de Junho de 1977

O PRESIDENTE DA DIRECÇÃO.

a) **Custódio Augusto de Araújo Teixeira**

Memória de "Os Malefícios do Tabaco"

Há anos, muitos, estava com alguns amigos numa sala portuense. Conversávamos, sei lá de quê, provavelmente de teatro, quase de certeza da situação política, com os cuidados que naquela altura eram de regra.

Tratava-se de uma pequena sala onde havia um pequeno palco e neste uma secretária, dadquelas de tremidinhos, e sobre ela um copo e uma garrafa com água. Estou a ver a cena.

Em determinado momento, entrou um senhor de certa idade que transportava uma pequena mala que colocou junto da secretária. Caminhava com dificuldade, melhor, como se fosse um homem muito tímido que de repente se visse atirado para a frente de uma pequena multidão. Queria falar, mas a sua voz tartamudeava, trocava as palavras. Olhava constantemente para o lado como se temesse que alguém — um inimigo — aparecesse por ali.

Esfregava as mãos e um dos seus olhos piscava muito, como se se tratasse de um tique nervoso.

Mais desinibido, enfim, começou a falar, a falar. Coisas que ao princípio me pareciam sem nexo, como se nem ele próprio soubesse muito bem o que tinha vindo ali fazer. Parece-me que estou ainda a ouvi-lo:

..«Minhas senhoras e, de certo modo, meus senhores. Pediram a minha mulher que eu viesse aqui fazer uma conferência, para fins de beneficência, sobre um assunto qualquer. E por que não fazê-la? Se é preciso uma conferência, façamos então uma conferência; a mim é-me absolutamente indiferente. Bem... para dizer a verdade, eu não sou propriamente um professor, e nem sequer estou munido de qualquer título académico ou científico: pois, apesar disso, há trinta anos ininterruptamente, e posso mesmo acrescentar que em detrimento da minha saúde e de outras coisas semelhantes, eu trabalho em assuntos de natureza estritamente científica. Dou trato aos miolos quando, às vezes — imaginem Vossas Excelências! — tenho de escrever artigos científicos ou... talvez muito pouco científicos, mas que, vá lá, têm um certo ar científico. (...) Escolhi para tema da minha conferência de hoje, se assim lhe podemos chamar, o prejuízo que traz à humanidade o uso e abuso do tabaco. Quanto a mim, devo confessá-lo, sou um fumador inveterado. Mas a minha mulher ordenou-me que falasse hoje dos malefícios do tabaco, e não tenho por isso outro remédio senão obedecer-lhe. Ja que é preciso falar de tabaco, falemos então de tabaco. (...) Quando faço uma conferência pisco ordinariamente o olho direito, mas Vossas Excelências não façam caso: é efeito da emoção. Eu sou, de uma maneira geral, um homem muito nervoso. O meu olho direito começou a piscar em 1889, a 13 de Setembro, exactamente no dia em que, por assim dizer, a minha mulher deu à luz a sua quarta filha, Bárbara... Todas as minhas filhas nasceram em dias 13. Mas de resto, dado o pouco tempo de que dispomos, não nos afastemos do tema da nossa conferência. Devo em todo o caso dizer a Vossas Excelências que a minha mulher tem uma escola de música e um pensionato particular, ou, talvez mais exactamente, não é bem um pensionato, mas qualquer coisa no género...

(...) No pensionato da minha mulher sou eu o encarregado da administração. Faço as provisões, fiscalizo o pessoal, assento as despesas, tomo conta da escrita, mato os percevejos, passeio o cãozinho da minha mulher e dou caça aos ratos. (...) Entre parêntesis, esqueci-me de dizer a Vossas Excelências que na escola de música de minha mulher, além das particularidades domésticas, eu tenho a meu cargo o ensino das matemáticas, da física, da química, da geografia, da história, do solfejo, da literatura, etc. Para as danças, o canto e o desenho a minha mulher ministra os rudimentos, embora seja eu, igualmente, quem ensina essas matérias (..) Para quaisquer informações que Vossas Excelências pretendam encontrarão sempre a minha mulher em casa, e o programa da escola, se alguém deseja conhecê-lo, está à venda no porteiro ao preço de 30 copeks. E até se alguém está interessado, posso vender alguns a Vossas Excelências. São a 30 copeks o exemplar. Ninguém deseja? Então a 20!... É pena...

Pois é verdade, a nossa casa tem o número 13. E nada me sai bem: envelheci, tornei-me estúpido...Assim, reparem Vossas Excelências, estou a fazer uma conferência, tenho um ar alegre e contudo desejaria gritar de desespero e fugir, fugir, fosse lá para onde fosse!

E como não tenho ninguém a quem contar as minhas mágoas, até chego a ter vontade de chorar...(...) Bom, parece-me que a minha mulher ainda não chegou. E como ela ainda não está cá, posso dizer tudo o que eu quiser. Tenho um medo horrível... um medo horrível quando ela olha para mim...(...) A gente recorda-se, não se sabe porquê, do tempo em que era novo, e só apetece fugir não se sabe para onde...(...) Não importa para onde... desde que se deixe esta vida estúpida e banal, esta vida mediocre que fez de mim um deplorável pateta, um velho idiota e ridículo...(...)

Fugir da música, da cozinha, do dinheiro de minha mulher, de todas estas ninharias, de todas estas baixezas... E parar num campo, em qualquer parte, longe, muito longe!... E debaixo de um céu imenso ser como uma árvore, uma vara... ser como um espantalho de pardais...e ver, toda a noite, por cima de mim, a lua tranquila e clara...» (...)

Durante quinze, vinte minutos vi e ouvi aquele homem falar, gesticular, rir, chorar, despir a casaca, deitá-la ao chão, pisá-la num gesto de cólera. Durante esses minutos saí de mim mesmo, identifiquei-me com a comédia, que fazia chorar, daquele homem que vivia mergulhado, e disso tinha consciência, na mais funda, na mais patética e pungente das solidões. Eu não sabia ainda que há muitas formas de teatro e que aquela que estava a ver, em que o actor se transforma de tal maneira na personagem que impele o espectador a identificar-se com ela, a alienar-se-lhe, esse tipo de teatro, cuja técnica Stanislavski tinha sistematizado na Rússia do princípio do século, estava já desactualizado. Não importa. Esses quinze, vinte minutos foram para mim, espectador inexperiente uma revelção de tal maneira forte sobre a **arte do actor** que mais do que um deslumbramento, esse instante foi na minha vida de espectador de teatro (mais tarde transformado em crítico) qualquer coisa como a palavra de ordem. As lágrimas que então chorei, as gargalhadas que então ri, permanecem vivas na tinta com que quase quotidianamente escrevo sobre teatro.

Leio agora no jornal que o Jaime Valverde morreu. É possível. No entanto, uma coisa posso garantir sem fazer quqlquer retórica: Jaime Valverde continua na minha frente oculto, transparente, em Nioukhine, personagem de Anton Tchekhov. A prova aqui está, nestas palavras que substituem a crítica que nunca fiz a esta criação maravilhosa, a esse parto doloroso e magnífico em que o actor sacrifica ou o seu corpo e a sua alma à personagem que representava.

Um ataque de asma, diz o jornal. Ainda, talvez, malefícios do tabaco...

P.S. O mais curioso é que o ilustre crítico sr. João Gaspar Simões, continua a ignorar, como a mulher de Nioukhine, que Tchekhov não escreveu uma peça sobre o vício tabagista. Azares de quem não vai ao teatro e só lê os títulos das obras que cita...

CARLOS PORTO

..(1) Tradução destes excertos da peça de Tchekhov «Os Malefícios do Tabaco» de Luiz Franciso Rebello, na edição da velha «Divulgação»

Crítica de Cinema

JORGE LEITÃO RAMOS

Godard na Semana dos "Cahiers" — o lugar "donde"

Há um nome, nos últimos vinte anos de cinema, que coincide com os últimos vinte anos. Jean-Luc Godard, de quem Pierrot continua a ser, na sua genialidade, o mal menor: há muitos que o querem sepulto lá, nesse local sublime em que Belmondo se destrói. Sepulto como um deus venerado, mas cujo lugar é o das ideias-feitas, dos mitos arquivados, a galeria artística da burguesia «esclarecida» e consumida. Por isso o marginalismo a que hoje Godard se condena é visto como um esgotamento. Não há lugar «onde» mais longe do que Pierrot.

Só que, nessa aparente razão (em matéria de limites Pierrot é de facto o ponto mais longe onde Godard chegou), a burguesia dominante e os seus críticos dóceis (alguns fingem até aplaudir o cinema actual de Godard) escamoteiam o dado fundamental que é saber se o cinema da Sonimage (grupo dirigido por Godard e Anne Marie Mièville) é um trabalho que procura ir para o «além» ou se prefere falar do «aqui»; se procura falar dos outros ou se prefere falar de si mesmo; se esconde o lugar «donde» se articula ou se o assume numa atitude que desrespeita a regra um do cinema da transparência: o olhar da câmara é um olhar universal e desprovido de toda e qualquer contingência.

Os dois filmes da Sonimage apresentados na Semana dos «Cahiers du Ciném» (**Ici et ailleurs** e **Comment ça va?**), como já o era **Numéro deux**, são dois exemplos desse incómodo discurso que é falar de si. Não apenas do filme enquanto material em organização (imagem e som), mas também da dicotomia entre quem manipula e aquilo que é manipulado (eu e este filme). Cinema, por isso, não totalmente preenchido, onde não é detectável uma «moral da história», uma lição no sentido estanque do termo, mas onde se julga mais justo proceder à revelação das contradições, das perguntas sem imediata resposta, das dúvidas que **uma imagem mais uma imagem mais um som mais um som** levantam. Dúvidas éticas, sem dúvida (não será o acto de roubar e manipular uma imagem um acto profundamente obsceno?), mas cujo enunciar marca uma ruptura numa ordem preestabelecida, na Relação espectador-autor-filme; não mais eu-espectador me defronto com um material atrás do qual se esconde um eu-realizador, mas ao contrário, eu e ele nos defrontamos com estas imagens e estes sons que nos perturbam e fascinam igualmente.

Há uma espécie de pudor no seu cinema. Uma espécie de desgosto transcrito nessa violenta separação entre duas imagens, entre imagem e som, entre dois sons, entre duas palavras, entre eu e os outros, entre o aqui e o algures, entre o lugar «donde» e o lugar «onde». Uma vontade de atomizar o mundo (e portanto o cinema), de quebrar a cadeia deslizante e ininterrupta de imagens e sons que os veículos de comunicação despejam, friamente, todos os dias.

Não admira, por isso, que o cinema de Godard-Mièville seja, cada vez mais, um cinema que fala de comunicação. Seja ela um ex-filme «político» (em **Ici et ailleus**) um ou fotografia de imprensa vinda de Portugal (em **Comment ça va?**), ou ainda os milhares de discursos vindos «de parte nenhuma» que a Imprensa, a TV e o cinema nos transmitem quotidianamente. Não admira, por isso, que o cinema de Godard-Mièville seja, obsessivamente, um cinema que procura revelar **como** (mas não **porquê** nem **para quê**, isso virá depois) tudo isso se passa.

Pierrot estava longe, é certo, Godard está, porém, cada vez mais perto de nós.

a incrível aventura!

VIAGEM AO CENTRO DO MUNDO
AT THE EARTH'S CORE

Max J. Rosenberg
e Milton Subotsky
Apresentam
Uma Produção AMICUS de
EDGAR RICE BURROUGHS

DOUG McCLURE · PETER CUSHING · CAROLINE MUNRO

HOJE às 21.30 ESTREIA MONUMENTAL

Não Aconselhável a Menores de 13 Anos

TEATRO LAURA ALVES
rua da palma Tel. 864756

UMA COMÉDIA DE José Vilhena
CALCINHAS AMARELAS
com
IRENE ISIDRO
BARROSO LOPES
MANUELA MARIA
LUIZ HORTA
CARLOS MIGUEL
TEREZA ZILOC
MARIA JOÃO
PAULA LIMÃO

4.º MÊS

a mais divertida comédia portuguesa dos últimos 50 anos

MAIS DE 50 000 PESSOAS JÁ VIRAM ESTAS CALCINHAS

Todas as noites às 21,30
Matinées: domingos às 16 h.
(à 2ª feira não há espectáculo)

HOJE NÃO HÁ TEATRO
NO ABC
PARA MERECIDO DESCANSO DA COMPANHIA

AMANHÃ
SENSACIONAL ESTREIA DA FABULOSA
IVONE SILVA
Integrada no elenco da Revista
EM ÁGUAS DE BACALHAU
(agora com números novos)

Canal da Crítica

Por MARIO CASTRIM

TAMBÉM TV NÃO FAZ MAL AOS DOUTORES

Cumpriu-se, logo ao primeiro assalto, aquilo que nesta secção foi já apontado relativamente ao concurso «A visita da Cornélia»: a sua capacidade para interessar a audiência.

Baseava-se essa capacidade na variedade dos motivos, o que afastava o perigo da monotonia (chama-se *monotonia* exactamente o suicídio de qualquer espectáculo, de qualquer amor, de qualquer tarefa) e também (principalmente, deve dizer-se) naqueles pontos em que apelava para a criatividade, a humanidade, a verdade dos concorrentes.

O perigo do ridículo, da extrema falta de qualidade em si mesmo deseducativa, tanto mais quanto mais ampliada for, foi evitado (ou pelo menos diminuído) com a selecção prévia. É triste rir de quem dá barraca, por ignorância ou vocação para a palhacice, como é feio rir das pessoas que escorregam e se estatelam na calçada.

Para isso não servirá a Televisão. É certo que nem sempre acontecerá a qualidade que aconteceu ontem. Que não ande nunca muito afastada dela, são os meus votos.

A mediocridade não ajuda ninguém.

É certo que não são muito frequentes na Televisão a inteligência, a sensibilidade, a imaginação de que deram provas Fernando Assis Pacheco e Maria do Carmo Ruella Ramos.

Não são frequentes, diga-se, não porque faltem, até à absurda penúria, casos potencialmente *assim*, mas porque das grandes navegações nos ficaram as grandes frustrações e as grandes inibições. Muitos intelectuais oriundos da burguesia transportam consigo traumas de classe, gostam de se constituir em casta, fisgam-se em poses de mármore, resumindo: lixam-se para o convívio popular, para a graça no meio da praça, para a exuberância da libertação do excessivo trabalho, dos dias excessivamente uteis.

Mesmo sem a presença dos concorrentes citados, diga-se que a primeira sessão do concurso atingiria nível apreciável. A simpatia da professora Isabel, de Matosinhos, a simplicidade de Diamantino Santos, tudo isso acrescentado ao sentido do trabalho em conjunto e à média cultural apresentada, bastariam para justificar um entretenimento sem remorso. E quando se trate da Televisão Portuguesa, caramba, que mais se poderá exigir sem provocar a ira dos deuses, ou da deusa da função, que é, segundo consta, a Santa Clara?

UMA LIÇÃO DE CONVÍVIO

Mas não há dúvida que o espectáculo dentro do espectáculo foi a participação da equipa constituída pelo par Maria do Carmo Ruella Ramos e Fernando Assis Pacheco. O público presente no teatro bem o sentiu e bem o deu a entender.

Escrevi *equipa* sabendo o que escrevia. Porque, se a contribuição particular e pessoal de Fernando Assis Pacheco esteve patente no decorrer de todo o concurso, a verdade é que os números de maior êxito (a coladera cabo-verdiana e a interpretação teatral) assentaram no trabalho de ambos, com relevo para Maria do Carmo no primeiro. E estou mesmo em crer que, se na cena da cigana, o Solnado tivesse sido substituído pela sua companheira, talvez aí Fernando Assis Pacheco tirasse maior partido do seu engenho e da sua capacidade de improvisação.

E aqui está leitores, aqui está como uma verdadeira lição de presença na TV acabou por ser dada por simples amadores que o acaso de um concurso levou diante das câmaras!

Lição de convívio e de alegria popular, mas também de seriedade e responsabilidade (como naquele texto do *Fiel da Balança* a que Assis Pacheco emprestou, por leitura adequada, a indispensável caracterização para lhe anular a aparente ambiguidade) a participação do par Maria do Carmo Ruella Ramos-Fernando Assis Pacheco vai ficar gostosamente na memória dos telespectadores.

A provar que, se não fazem mal as musas aos doutores, também a Televisão não faz.

QUEDA VERTICAL DO JÚRI

Apontámos aqui como possível trunfo de valorização do concurso a existência de um júri, e particularmente daquele.

Diga-se que a sua actuação ontem foi simplesmente decepcionante, cortada embora de onde em onde por lampejos de bom senso ou de imaginação.

E evidente que um critério, assentando fortemente em razões de ordem subjectiva e de formação cultural, deve procurar ampla justificação em dados concretos que, ao mesmo tempo que convençam o público, o eduquem na difícil tarefa de julgar.

O júri não se libertará mais da injustiça clamorosa que praticou ontem ao avaliar tão por baixo uma das coisas mais belas que aconteceram no concurso — e essa foi a quadra de Fernando Assis Pacheco.

O poeta, exactamente porque se tratava de uma questão de poesia, ele próprio declarou ter sido «a única coisa que trabalhou seriamente». De um mote tão desconsolado como «Tomei-lhe o gosto e depois...» o poeta (que o é, e dos mais significativos da poesia portuguesa) escreveu esta pequena obra-prima:

Sem saber que eras um vinho
tomei-lhe o gosto. E depois
dóis menos do que me dóis
quando o gosto é poucochinho

Apenas a sensibilidade de Maria Leonor a entendeu quando, em 15 possíveis, lhe concedeu 14. Paulo Renato, num comentário absolutamente despropositado, não achou melhor do que 3..., Raul Calado e Maria João Seixas, quase por favor, arrumaram com um 5. Stau Monteiro aventurou-se a um 8...

Está mais que visto, com este júri, Maria Leonor à parte, os poetas estão bem aviados...

Em tempo: o juri não deve partir do princípio de que está a avaliar provas universitárias e concorrentes a simpósios altamente especializados. Sem se cair, nem nada que se pareça, no abandalhamento, outra plataforma terá de ser entendida. Que não queira parecer um júri de dótores são os meus votos. Que não caia no ridículo do mau da fita já assumido por Paulo Renato. Os concorrentes terão de ser avaliados nos seus méritos relativos, mas não podem se egredidos pelos humores, pelas *sensibilidades*, pelas manias dos componentes do júri. Estes vão ali para servirem os concorrentes. Servirem-se deles, para seu uso pessoal, é muito feio.

PAULO DE CARVALHO: OUTRA LIÇÃO

Não quero terminar sem dois apontamentos.

O primeiro, para recordar a presença de Paulo de Carvalho, um dos melhores (senão o melhor) cançonetista português. Para além disso, porém, Paulo de Carvalho é o artista que encontra o tom justo e equilibrado para cantar na Televisão, mesmo quando não actua em programas de estúdios, como se viu ontem. No palco, Paulo de Carvalho deixa de cantar para o palco: canta para a câmara. Não é a mesma coisa. Como não é a mesma coisa o teatro de TV e o teatro de palco.

Outro apontamento respeita à extensão do concurso. Duas horas, em Televisão, é muito tempo. É demasiado, com a agravante das tensões provocadas pela luta entre os concorrentes a que só a presença do convidado dá trégua. Cada parte não deverá exceder, no máximo, 45 minutos.

Onde se poderá cortar, não sei. Mas sei que se terá de proceder a um reajustamento. Mais do que a austeridade, manda o equilíbrio do espectáculo.

Hoje

Os Marretas

I PROGRAMA

1.º Período
13.30 Ciclo Preparatório TV.
18.05 Fecho.
2.º Período
18.45 Abertura e *Peço a Palavra.*
19.10 *Um, dois, três... é a tua vez.*
19.40 *Telejornal* — Flash.
19.45 *Telecinema* — Magazine de actualidades cinematográficas.
20.20 *abriela* — Telenovela baseada na obra «Gabriela, Cravo e Canela» de Jorge Amado. Adaptação de Walter Durst. Realização de Walter Avancini. Produção da Rede Globo de Televisão.
21.00 *Telejornal* — 1.ª edição.
21.30 *Os Marretas* — O famoso «muppet show» da Televisão Independente Britânica. Artista convidado: Paul Williams.
22.05 *Mosaico* — Ovnie e a vida no Universo. Levantamento do problema do aparecimento dos discos voadores relacionado com a vida extraterrestre.
23.35 *Telejornal* — 2.ª edição.
23.55 Fecho.

TUDOR
BATERIAS · PILHAS

II PROGRAMA

21.02 *Os solistas de Veneza* (3.º Programa).
21.50 *Por exemplo: Alemanha* — Documentário que apresenta, em pequenos apontamentos, diferentes aspectos da Alemanha e da sua gente.
22.30 *Telejornal* — Em diferido no I Programa.
23.00 Fecho.

Amanhã

I PROGRAMA

1.º Período 13.30 Ciclo Preparatório TV; **18.05**: Fecho 2.º Período; **18.45**: Abertura e Catarina, Gulp e Aventuras dum rato em Marte; **19.05**: Abre te Sesamo, **19.35**: Vamos jogar no Totobola, **19.45**: Telejornal Flash; **19.47**: Cientificamente; **20.20**: Gabriela, Cravo e Canela **21.00**: Telejornal 1.ª edição: **21.40**: Melomania, **22.10**: O Milagre de S. Francisco Filme de grande metragem, **23.55**: Telejornal 2.ª edição; **00.15**: Fecho.

II PROGRAMA

21.00: Abertura e Opereta «Uma noite em Veneza» de Johann Strauss, **22.30**: O Ciclo da Pedra, **23.30**: Telejornal; **00.00**: Fecho.

NÃO ACONSELHÁVEL A MENORES DE 13 ANOS
estúdio
AMANHÃ ÀS 21.30 H
UM ATENTADO POLÍTICO QUE LIQUIDOU A DEMOCRACIA!
FRANCO NERO
MARIO ADORF
DAMIANO DAMIANI

color
il delito Matteotti
MORTE DE UM DEPUTADO
um filme de Florestano Vancini
DOPERFILME

O MAIOR POLICIAL DO ANO!

JOHN WAYNE

"McQ"
-UM DETECTIVE ACIMA DA LEI-
com EDDIE ALBERT · DIANA MULDAUR · COLLEEN DEWHURST · CLU GULAGER
DAVID HUDDLESTON · AL LETTIERI
AMANHÃ ESTREIA NO IMPÉRIO
INTERDITO A MENORES DE 18 ANOS

PARA REPARAÇÃO DO SEU TV
SOS - CLÍNICA DE TELEVISÃO
COM RADIO-TELEFONE PARA MAIOR RAPIDEZ E EFICIÊNCIA
DESLOCAÇÃO E ORÇAMENTO GRÁTIS — SERVIÇO PERMANENTE
Telefs. 882786 899826
Avenida S. João de Deus, 13-B - Rua Macau, 8

cooperativa teatro popular

APRESENTA na

ACADEMIA ALMADENSE

Rua Capitão Leitão, 64

Tel 2752127

ALMADA

A FARSÁTIRA DE AGUSTIN CUZZANI

O SEGREDO DO FAÍSCA

NOVO ÊXITO DE TODA A COOPERATIVA TEATRO POPULAR

De 3.ª a 6.ª feira às 21.45
Sábados às 20.45 e 23 h.
Domingos às 16 e 21.45 h.

EM LISBOA — BILHETES NA ABEP

DIA 9 — 5.ª FEIRA — FERIADO
MATINÉE às 16 h., e às 21 e 45 h.

DIA 10 — DIA DAS COMUNIDADES
APENAS 2 ESPECTÁCULOS
às 16 e às 21 e 45 horas
«HISTÓRIAS COM GRADES»
pela
COOPERATIVA COMEDIANTES RAFAEL DE OLIVEIRA

TRIBUNAL CÍVEL
DA COMARCA DE LISBOA

6.ª VARA

ANÚNCIO

Por este Tribunal correm éditos de trinta dias, que começarão a contar-se da 2.ª e última publicação dos anúncios citando o executado para no prazo de dez dias, findo o prazo dos éditos, contestarem a acção, sob pena de poderem vir a ser condenados no pedido que, em extracto, é o seguinte: pagar ao exequente a quantia de 102 648$00 e mais 10 111$00, num total de 112 759$00.

Execução de Sentença n.º 3250/A 1.ª secção.

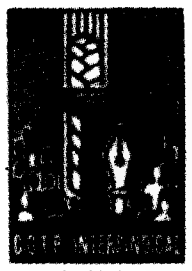
Exequente: H. Parry & Son - Estaleiros Navais, S. A. R. L.

Executado: — Vieira Pita, Lda., com última sede conhecida na Rua do Arsenal, n.º 160-1.º Dt.º em Lisboa.

Lisboa, 25 de Maio de 1977.

O Corregedor, (Assin. ilegível)

O Escrivão de Direito, (Assin. ilegível)



UNIÃO DOS SINDICATOS DE LISBOA

INFORMAÇÃO

A União dos Sindicatos de Lisboa, informa todos os Sindicatos e os Trabalhadores em geral que a Comissão Organizadora da jornada de Luta a efectuar no dia 22/6/77, funciona no Largo Vitorino Damasio, 8, 1.º, Telefone 661350 pelo que, tudo o que diga respeito a esta jornada deve ser canalizado para a morada atrás indicada.

Lisboa, 6 de Junho de 1977

O Secretariado da da União dos Sindicatos de Lisboa

FAÇA FÉRIAS ECONÓMICAS

Instale o economizador de gasolina no seu carro antes de ir para férias e passe a gastar gasolina a 16$50/litro

Peça o a MEPROTEX, Lda – Av Julio Dinis, 10-1º B ☎ 772938 em Lisboa e Av da Boavista, 992-3º Esq ☎ 69 2195 no Porto

"Beiríadas" arrancam amanhã

Começam amanhã as «Beiríadas». Eis o programa das várias actividades:

Dia 8: Dia do desporto escolar: cerimónia de abertura no Estádio Universitário de Coimbra, às 10 e 30; ginástica (percursos cronometrados), no mesmo recinto às 15; provas de atletismo, ainda no EUC, às 17.

Dia 9: Dia das modalidades: minibasquetebol masculino (jogos do Torneio Cidade de Coimbra, na Escola Eugénio de Castro, às 9 horas); râguebi (convívio de iniciados no Estádio Universitário, às 9 e 30); atletismo (prova pedestre nos Olivais, às 10); minibasquetebol feminino (jogos do Torneio Cidade de Coimbra, na Escola Eugénio de Castro, às 15); ciclismo (convívio no Estádio Municipal), às 16; Chegada da 1.ª etapa do Porto-Coimbra-Lisboa, ao Estádio Municipal, às 18; halterofilia (sessão de divulgação, no pavilhão universitário, às 18); basquetebol (abertura da assembleia geral da Associação Nacional de treinadores de Basquetebol, na Escola de Regentes Agrícolas, às 21); atletismo (Volta à Beira, no Estádio Universitário, às 21 e 30); basquetebol (ANTB — projecção de filmes na Escola de Regentes Agrícolas, às 22).

Dia 10: Dia das Federações (minibasquetebol masculino — Torneio da Cidade de Coimbra, na Escola Eugénio de Castro, às 9); futebol (Torneio Verão-77, no Estádio Universitário, às 9); futebol (Torneio do Animador, no Estádio Municipal, às 9); basquetebol (ANTB-1.ª sessão de trabalho, na Escola de Regentes Agrícolas, às 9); atletismo (corrida de orientação, no Choupal, às 9 e 30); hóquei em patins (jogos no pavilhão dos Olivais, às 10); ciclismo (Coimbra-Conimbriga; cicloturismo no Estádio Universitário, às 11 e 30) ciclismo (partida para a 2.ª etapa do Porto-Coimbra-Lisboa, no Estádio Universitário, às 12 e 30); basquetebol (ANTB início da 2.ª sessão de trabalho, na Escola de Regentes Agrícolas, às 14 e 30); futebol (Torneio Verão 77 no Estádio Universitário, às 15); minibasquetebol feminino (Torneio da Cidade de Coimbra, na Escola Eugénio de Castro, às 15); natação (cartão do nadador, nas piscinas municipais, às 15); futebol (Torneio do Animador, no Estádio Municipal, às 15 e 30); Atletismo (estafeta Cidade de Coimbra, para infantis e iniciados, no Estádio Universitário, as 17); râguebi (Taça das Beiras, no Estádio Universitário, às 18); basquetebol (ANTB — 1.ª sessão de actualização técnica, na Escola dos Regentes Agrícolas, às 18); ténis de campo (sessão de divulgação no Estádio Universitário, às 18 30); lutas amadoras (sarau no pavilhão universitário, às 21); natação (sarau nas piscinas municipais, às 21); atletismo (estafeta Cidade de Coimbra, para juvenis, juniores, seniores e veteranos, no Estádio Universitário, às 21 e 30).

Os elementos que compunham a Lista B («de opção») que foi candidata às eleições benfiquistas, reuniu-se ontem, em torno de Fernando Martins. Propósito expresso no encontro: ajudar e apoiar o Benfica (em todas as eventualidades) e, também, dar o braço à gerência eleita, para um progresso maior da colectividade da «águia»

"Canarinho" em exame

A selecção brasileira de futebol, que não perde desde há 21 meses, efectua amanhã o seu primeiro «exame» importante do ano, ao defrontar, no Maracanã, a selecção da Inglaterra.

A equipa brasileira, que não perde há 23 jogos (vinte vitórias e três empates) conseguiu no domingo a sua 20.ª vitória, ao suplantar (por 4-2) um misto do Rio de Janeiro, depois de ter estado a vencer, ao intervalo, por 4-0.

As selecções da Inglaterra e do Brasil defrontaram-se pela última vez no ano passado, nos Estados Unidos, tendo a vitória pertencido ao «onze» brasileiro (1-0).

O director técnico, Cláudio Coutinho, determinou novamente a concentração dos 23 jogadores, faltando apenas o defesa Luís Pereira (do Atlético de Madrid) para completar a sua preparação para os próximos encontros, de carácter particular, com selecções europeias e para estabelecer a táctica a adoptar para Cali (na Colômbia) onde defronta o Peru e a Bolívia, para a segunda fase de qualificação até ao «Mundial 78».

Foi precisamente o Peru que infligiu ao Brasil a sua última derrota: em 30 de Setembro de 1975, quando o «onze» peruano venceu o Brasil (3-1) em encontro a contar para o campeonato sul-americano.

PUB.

STAL

SINDICATO NACIONAL DOS TRABALHADORES DA ADMINISTRAÇÃO LOCAL

A LUTA DOS TRABALHADORES DA ADMINISTRAÇÃO LOCAL PELA CORRECTA APLICAÇÃO DO DECRETO-LEI 76/77

Os Corpos Gerentes do STAL — Sindicato Nacional dos Trabalhadores da Administração Local — reunidos em 2 de Junho analisaram a aplicação, que vem sendo feita do Decreto-Lei 76/77

Dos dados já recolhidos pode-se concluir a existência das seguintes situações

— Locais de trabalho, a grande maioria, onde o decreto-lei foi aplicado na ignorância do ilegal e inconstitucional "despacho normativo" do MAI, havendo mesmo alguns onde os retroactivos já foram pagos,
— Locais de trabalho onde o decreto se encontra aplicado mas de forma não definitiva aguardando o evoluir da situação,
— Locais de trabalho onde o decreto foi aplicado segundo as "instruções" do referido despacho

Foi ainda salientado o facto de em alguns locais de trabalho, os trabalhadores terem desencadeado, de forma espontânea, firme e em unidade acções que impuseram a aplicação do decreto, de acordo com os seus legítimos direitos e segundo as instruções do seu Sindicato

Os Corpos Gerentes saudam de forma calorosa todos os trabalhadores que assim souberam compreender e assumir as suas responsabilidades nesta luta

Face ao referido, deliberaram os Corpos Gerentes do STAL

1.º Prosseguir as diligências, visando a anulação do "Despacho" já encetadas a nível de Assembleia e de Presidência da República,

2.º Exortar os trabalhadores a que, pelos meios que acharem correctos, a nível do seu local de trabalho procurem levar as autarquias — únicas responsáveis pela aplicação do decreto — a aplicá-lo correctamente e de acordo com a versão publicada, única que mereceu o aval da Assembleia da República,

3.º Realizar um Conselho de Secretariados restrito na próxima 4.ª feira, dia 8 de Junho, onde para além de ser feito o ponto da situação se elaborará uma proposta de luta que inclua uma possível greve no decorrer da 2.ª quinzena

Santarém, 3 de Junho de 1977

O SECRETÁRIO-GERAL DO STAL

Concluiu-se, no Pavilhão dos Desportos (de Lisboa) o primeiro torneio de futebol de salão promovido pelo grupo dinamizador da comissão de juventude do Sindicato dos Escritórios de Lisboa, que redundou em êxito da equipa do GDVSTP, que venceu, na final, por 4-1, a Univex, com 4 golos de Paixão contra um de Cabral. De salientar que esta iniciativa (iniciada a 28 de Fevereiro) envolveu mais de meio milhar de trabalhadores que deram, assim, mais uma achega na popularidade que o futebol de salão tem já na ocupação dos tempos livres. O festival de encerramento incluiu, ainda, um encontro entre jogadores até aos 14 anos, o apuramento dos 3.º e 4.º classificados e, ainda, exibição de patinagem artística. Na imagem: a turma representativa da Cinzano que logrou o ineditismo de vergar a representação que triunfaria no certame. Simplesmente, outros resultados não ajudaram a chegar ao pódium final...

HOSPITAIS CIVIS DE LISBOA

SERVIÇO DE AQUISIÇÕES

ANÚNCIO

Concurso n.º 3-1195/77

Fornecimento de uma máquina automática de encher e fechar bisnagas de pomada, destinada aos Serviços Farmacêuticos-Laboratório de Farmacotecnica no Hospital de S. José.

Recebem-se as propostas até às 9.30 horas do dia 1 de Julho próximo, para o mencionado concurso.

Os concorrentes poderão pedir no Serviço de Aquisições (Campo dos Mártires da Pátria, 91), todos os dias úteis das 9 às 11.30 horas e das 14 às 16, e aos sábados, das 9 às 12 horas, as respectivas condições.

Serviço de Aquisições dos Hospitais Civis de Lisboa, em 30 de Maio de 1977.

O CHEFE DO SERVIÇO

a) Alexandre Pinheiro

O estilo de dois futuros «craques»

Milhares de miúdos jogam à bola em Portugal

Reportagem de JOÃO FERREIRA

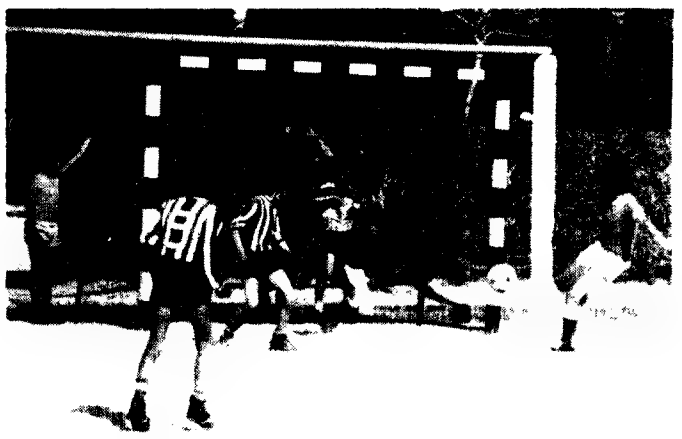
Que a DGD saiba, há cerca de setenta mil crianças, separadas em dois escalões etários (de oito a dez e de 10 a 12), que praticam futebol (denominação mais vulgar: minifutebol). E que saiba, por um razão simples: 70 mil é o total de jovens que se inscreveram nos dois últimos torneios daquele organismo: o «Ovo da Páscoa» e o «Torneio de Verão 77», que actualmente decorre em jornadas a nível distrital que servirão para apurar os finalistas. Será Lisboa (Luz, Restelo, Pina Manique e Tapadinha) a acolher as equipas classificadas para a final, na qual participarão os melhores de cada distrito.

Os representantes dos órgãos da Comunicação Social tomaram ontem contacto, acompanhados por representantes da Direcção-Geral dos Desportos (Fernando Delgado e Rui Silva), dos pormenores que concernem a este acontecimento, afinal a sequência, por assim dizermos, do «Torneio do Ovo da Páscoa», agora reforçado com uma inscrição que passa a constituir autêntico recorde nestes escaninhos. Setenta mil crianças espalhadas por todo o País a jogar alegremente à bola é qualquer coisa como o dobro de futebolistas federados, é um arranque nunca antes feito em Portugal apontando para um novo tipo de «descobertas», de saber estar no campo (da bola) e no outro (da vida).

Em Almada (meio campo) em S. João de Brito (Lisboa) vimos alguns dos quarenta mil futebolistazinhos inscritos neste torneio que contempla os apurados de cada distrito com uma viagem e estada em Lisboa por alturas do Torneio Internacional de Juniores do Benfica. Os encontros que os então classificados efectuarão podem funcionar como «aperitivo» aos desafios desse «habitué» da capital, ou como interlúdio.

Fernando Delgado, coordenador-geral do Plano de Desenvolvimento do Futebol Juvenil, expôs aos jornalistas as linhas gerais da iniciativa, reportando-se à forma «hierarquizante» e progressiva que leva cada um dos representantes distritais a Lisboa. A «luta» (sempre no bom sentido entre «miúdos») começa nos concelhos, que apuram um representante, continua nos distritos, onde impera a mesma fórmula e sistema, até à fase derradeira. Quer dizer que os apurados para os «últimos toques», quando chegam à capital, já trazem muitos quilómetros nas pernas e muitos pontapés dados no couro. A fase que presentemente decorre, como ontem vimos em Almada (distrito de Setúbal) e S. João de Brito (Lisboa) é a intermediária, isto é, daquela que fica entre a concelhia e a final.

Duas palavras ainda para a mesma questão (estrutura organizativa): a sua planificação assenta em coordenadores a nível de concelhos e distritos (Carlos Malta é o responsável por Setúbal), apoiados por monitores e pelos pròprios dirigentes de clubes, e há equipas que representam clubes populares, juntas de freguesia e comissões de rua. Apenas três exemplos de tipo representativos, para dizer, ainda, que tal movimentação não era possível antes de 25 de Abril de 1974. Um convite, portanto, para que todos defendam imperfeitamente essa extraordinária conquista revolucionária.



A miudagem leva a coisa a sério

Montijo: um apelo

Hoje é dia especial, para os adeptos do Clube Desportivo do Montijo: em assembleia geral, a colectividade irá debater os problemas com que se atormenta, nomeadamente os resultados da baixa de divisão futebolística e do inquérito federativo aos incidentes ocorridos no «Luís de Almeida Fidalgo», com o juiz Adelino Antunes, que dirigiu a partida Portimonense-Montijo de cujo desfecho resultou a queda do «onze» montinjense no escalão secundário.

Carlos Dias, presidente do clube, faz um apelo aos apaniguados do seu emblema: é preciso, nesta hora difícil, que todas as boas vontades do Montijo se unam em torno do seu emblema, dando-lhe o melhor incentivo para o progresso e para uma vida mais desafogada. Há belos planos em perspectiva de realização (pavilhão gimnodesportivo, nova sede social, rinque de patinagem, arrelvamento do campo de jogos) mas só será possível realizá-los com unânime e entusiástico apoio dos associados e amigos do clube mais representativo da vila.

Daí a chamada geral: é nos instantes difíceis que se conhecem os amigos. E o Clube Desportivo do Montijo, pelo que representa em simbolismo dos emblemas populares a debaterem-se com problemas de subsistência e continuidade, bem merece, não apenas um olhar das entidades que deveriam ajudar à concretização dos seus projectos (em prol da juventude de uma vasta zona populacional) mas, por igual, de todos quantos vibram com o historial de uma colectividade onde a cultura física não é mera e simples figura de retórica.

A propósito: espera-se que a verdade dos factos ressalte das conclusões do inquérito dos federativos de futebol ao procedimento do Montijo. Uma agremiação prestigiosa não pode ser culpada das diatribes de meia dúzia de energúmenos: e terá de ser a [illegible] em derradeira análise [illegible] latar como as coisas se [illegible] saram e também como [illegible] zem-nos que «impávida [illegible] serena») assistiu à [illegible] são ao árbitro lisboeta [illegible] um bando de díscolos [illegible] esmagadora maioria [illegible] à lista de sócios do Montijo.

Em Portugal, a justiça terá de presidir a todos os julgamentos. Só assim será democrática a vida de um país.

N. de S.

Basquetebol português nos EUA

No âmbito do acordo desportivo Portugal-Estados Unidos, desloca-se a este país, em Novembro próximo, a selecção portuguesa de basquetebol — revelou Máximo Couto, presidente da Federação basquetebolística.

Máximo Couto, que integrou a delegação portuguesa que, chefiada pelo secretário de Estado da Juventude e Desportos (Joaquim de Sousa) visitou os Estados Unidos a convite do Governo norte-americano, precisou (para a ANOP) que *a selecção portuguesa participará durante três semanas num curso de formação de jogadores, conjuntamente com basquetebolistas norte-americanos.*

Acrescentou que à selecção portuguesa, formada por 16 jogadores jovens e com possibilidades na modalidade, serão agregados mais 6 ou 7 jogadores dos escalões juniores e cadetes. Referindo-se à viagem que efectuou aos Estados Unidos, Máximo Couto considerou-a muito proveitosa em todos os capítulos, salientando os contactos com as entidades estaduais ou particulares que apoiam o desporto, as visitas feitas aos centros desportivos e os encontros com as comunidades desportivas e culturais portuguesas.

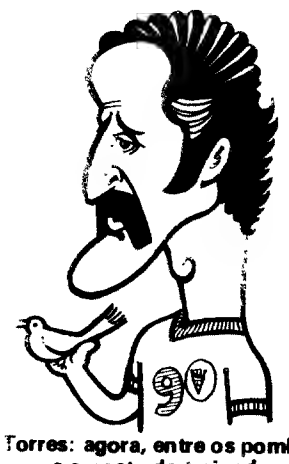
Se soubermos utilizar aquilo que os EUA têm para nos oferecer, estou certo de que o desporto português dará um grande passo em frente — sublinhou, a concluir, aquele dirigente desportivo

Acampamento nacional em Furadouro

A Federação Portuguesa de Campismo e Caravanismo (em colaboração com o Clube de Campismo S. João da Madeira) realiza, de 9 a 13 do corrente, em Furadouro (Ovar) o XI Acampamento Nacional, que compreenderá manifestações de carácter desportivo, cultural e recreativo.

O programa indica, para as 21 horas do dia 8, a «Noite de boas vindas», com exibição de um filme. Dia 9: alvorada, com música folclórica da região (8 horas), concurso de pesca no mar (9), passeio na ria, em moliceiro (15 e 30), provas desportivas (16) e abertura da exposição de fotografia (17). Dia 10: provas desportivas e concurso de pesca na ria (10 horas), visita ao Museu de Ovar (14 e 30), concerto por uma banda (16) e noite teatral (21). Dia 11: provas desportivas (9 e 30), colóquio sobre campismo (10), lançamento de pára-quedistas (14 e 30), desfile de trajes típicos da região e do carnaval de Ovar (17 e 30) e fogo de campo (21 e 30). Dia 12: finais das competições desportivas (9 e 30), entrega de prémios e arrear de bandeiras (15), regatas de vela, na ria (15 e 30) e noite folclórica (21). Dia 13: visita guiada ao castelo da Vila da Feira (9 e 30) e encerramento da recepção (15)

O TRAÇO DE PARGANA



Torres: agora, entre os pombos e o posto de treinador

PORTUGAL

CICLISMO

Hoje, em Santarém, é apresentado à Imprensa o plano do Prémio Clok, que se realizará de 16 a 19 do corrente.

A corrida ciclista Porto-Coimbra-Lisboa é contestada pela GNR, a pretexto de que a intensidade do trânsito não aconselha a sua realização. Daí que Idalino de Freitas, presidente da Federação de Ciclismo, esteja na disposição de se demitir se a prova ficar sem efeito.

XADREZ

Na Guarda, de 17 a 20 do corrente, realiza-se o «I Campeonato Aberto de Xadrez da Guarda», com a participação dos «mestres» Joaquim Durão e João Cordovil.

HÓQUEI PATINADO

Ernesto Honório substitui Vítor Pinheiro como treinador dos hoquistas do Benfica. Entretanto, o Belenenses abriu inscrições para rapazes (dos 9 aos 14 anos) que queiram praticar hoquei patinado no clube do Restelo.

LÁ FORA

«DAUPHINE»

Terminou o «Dauphine Libére» Agostinho ficou em 4.º lugar (3.º na classificação para o Prémio da Montanha), Fernando Mendes foi o 13.º e José Martins o 24.º. A prova foi ganha por Hinault, à frente de Thevenet e Van Impe. Atrás de Agostinho ficaram, nomeadamente, Danguillaume, Nazabal, Zoetmelk e Eddy Merckx.

FUTEBOL EM FIM DE ESTAÇÃO

Esperanças arrancam para Toulon

Está feita a selecção de esperanças, que vai até Toulon (França). Jogadores escolhidos: Jorge (Portimonense) e Delgado (Montijo), guarda-redes; Teixeira II (F.C. do Porto), Eduardo Luís (Marítimo), Festas (Varzim), Vilaça (Sp. Braga), Alberto (Benfica) e Cardoso (Atlético), defesas; Isidro (Belenenses), Barão (Sporting) e Frasco (Leixões), médios; Amaral (Belenenses), Garcês (Beira Mar), Gomes (F.C. do Porto), Fonseca (Montijo) e Folha (Leixões), avançados.

ESPANHA

Pela tiragem à sorte efectuada na Federação Espanhola de Futebol, as meias-finais da Taça do Rei serão: Espanhol (Barcelona)-Real Bétis (Sevilha) e Atlético de Bilbau-Salamanca. Os jogos da primeira «mão» terão lugar em 12 deste mês, nos campos das equipas citadas em primeiro lugar, disputando-se a segunda «mão» no dia 19.

A final da Taça do Rei realizar-se-á no estádio Vicente Calderon do Atlético de Madrid, no dia 25.

FEIRENSE

Mais um reforço para o Feirense, novo primodivisionário: o médio Brito, que estava ao serviço do Paços de Ferreira.

ÍLHAVO

Ao 7.º torneio de futebol de salão organizado pelo Illiabum, concorrem 56 equipas. Os primeiros jogos realizam-se no sábado.

JORDÃO

Jordão é (decididamente) um homem com sorte: enquanto o Sporting assegura que tem em seu poder um documento vinculativo do jogador por quatro temporadas, o Benfica prossegue em negociações para o regresso do dianteiro angolano à luz e, no centro de um interesse de duas frentes, o ainda empregado do Saragoça pode pedir dinheiro graúdo na certeza de que o embolsará...

JUNIORES

Vai tornar-se realidade o Torneio Internacional de Juniores Cidade de Lisboa 1977», previsto para o período entre 21 e 26 do corrente.

RIOPELE

Depois de Garcês (que envergava a camisola do Beira Mar), o Riopele adquire outros jogadores: Trindade (guarda-redes do Portalegrense), Fonseca (Montijo) e Sacramento (Freamunde).

SURDO-MUDOS

A selecção de futebol do Porto, de surdo-mudos, classificou-se em 2.º lugar no torneio internacional de Paris. A representação portuguesa teve no guarda-redes Manuel a grande figura do torneio, recebendo uma medalha como prémio da sua actuação.

Os resultados verificados nos jogos disputados foram os seguintes: Porto-Colónia, 1-0; Porto-Glasgow, 0-1 e Porto-Paris, 2-2.

A classificação final ficou assim ordenada: Glasgow, 6 pontos; Porto, 3; Colónia, 2; Paris, 1; Torino, 0 pontos.

TAÇA «FPF»

O jogo Académico-F.C. Porto, para a Taça FPF, disputa-se hoje, pelas 21 e 30. A turma conimbricense parte a manhã para o Zaire, onde vai efectuar uma exibição.

TROCA

A partir de hoje troca [illegible] comando técnico de Vitória de Guimarães e de Boavista [illegible] nando Caiado toma conta [illegible] «axadrezados» e Mário Wilson é empossado como [illegible] sável vimaranense.

TOTOBOLA

Jogue connosco

[illegible] Farense	X
[illegible]	1
[illegible]	1
Marítimo - Setúbal	1
Portimonense - Atlético	1
[illegible]	X
Chaves - Gil Vicente	X
Penafiel - U. de Lamas	X
Sanjoanense - Covilhã	1
Peniche - U. Santarém	1
Sesimbra - Barreirense	1
Farense - Olhanense	1
V. da Rama - Juventude	X

Motonáutica no Tejo

Organizado pelo Clube Oriental de Lisboa, sob a supervisão técnica da Federação Portuguesa de Motonáutica e o patrocínio da CML realizou-se o «GP da Câmara Municipal de Lisboa». A prova disputada em Lisboa, na zona de Marvila em frente à doca do COL) foi a segunda prova pontuável para o campeonato nacional, tendo reunido 19 pilotos, divididos pelas classes TE (Turismo), SD (Sport até 700 cc) SE (Sport de 701 a 850 cc) e ON (Corrida com mais de 1500 cc).

Sob um vento bastante forte, a prova foi assinalada por várias desistências (caso de Sérgio Telles e José Matos, cujos barcos colidiram) Walter Batos (com rombo), Azevedo Moreira (por ter partido [illegible] do acelerador) e Mário Pestana e José Carolo (avarias [illegible]).

Na classe SE (aquela que reuniu maior número de participantes: 10) [illegible] Fernando Jorge Correia [illegible] quanto que João Fernandes venceu a TE, Carlos Miranda triunfou na SE e Carlos Mendes era o melhor na ON.

Fernando Jorge Correia [illegible] neste momento, o «leader» do campeonato, na classe SE enquanto Carlos Miranda aproveitou a primeira prova em que a classe SD reuniu o número mínimo de participantes para se colocar no posto cimeiro da classificação na sua classe.

NO TRIBUNAL DE MATOSINHOS

Vinte e dois anos de prisão para senhorio que matou inquilino

PORTO, 7 — O juiz dr. Ary Elias da Costa, do Tribunal de Matosinhos, condenou o senhorio Fernando Rodrigues da Silva, de 48 anos, (que em Agosto de 1975 assassinou o seu inquilino Duarte Nuno Simas Marques de Carvalho) a 22 anos de prisão maior, 40 contos de indemnização à esposa da vítima, e 250 mil escudos aos herdeiros do assassinado. Com a leitura da sentença, ontem, no Tribunal de Matosinhos, terminou o julgamento do «Crime de Pampelido», no qual o réu, era acusado de ter praticado um homicídio voluntário consumado e dois homicídios frustrados, infringindo ainda a lei por uso e porte de arma sem licença.

Como na ocasião noticiamos, Fernando Rodrigues da Silva pretendia aumentar o custo do arrendamento ao inquilino Duarte Nuno Simas Marques de Carvalho, de 29 anos, industrial, que se opôs às intenções do primeiro argumentando com o congelamento das rendas determinado por despacho governamental promulgado dias antes. Não conseguindo levar a sua avante, o Fernando Rodrigues da Silva cortou a àgua e o elevador àquele seu inquilino.

Duarte Nuno não se conformou com aquela «medida» e, acompanhado da esposa e do sogro, foi a casa do proprietário para averiguar daquela atitude. A «recepção» do senhorio foi brusca e descontrolada: sacou de uma pistola e sem qualquer advertência ou aviso alvejou o inquilino com quatro tiros, tendo este caído no solo sem vida. O sogro, ao tentar intervir, foi também atingido, bem como a esposa da vítima. A mulher e a sobrinha do senhorio participaram na «refrega» e, segundo depoimento de algumas testemunhas, espancaram a esposa da vítima quando aquela se encontrava, também atingida por uma bala, prostrada no chão.

O julgamento do «Crime de Pampelido», como o acontecimento passou a ser conhecido, ocupou várias audiências. O tribunal considerou provadas todas as acusações, e condenou também a esposa e a sobrinha do senhorio em um mês de prisão efectiva para cada ré, e cinco dias de multa à razão de 40 escudos diários, dando como provado para ambos o crime de ofensas corporais e voluntárias na pessoa da esposa da vítima.

A defesa recorreu para a Relação, tendo o condenado recolhido à prisão de Custóias enquanto as rés saíam em liberdade pelo facto do advogado ter interposto recurso.

Albergues passam a Centros Médicos

Seis alberques distritais serão convertidos em centros médicos, destinados a proporcionar assistência sobretudo no foro psiquiátrico e doenças da terceira idade.

Os albergues abrangidos por esta medida são os de Évora, Leiria, Santarém, Setúbal, Vila Real e Guarda.

O albergue da Guardá destinar-se-á exclusivamente aos retornados das ex-colónias, enquanto o de Vila Real será reconvertido em centro de reabilitação de crianças inadaptadas.

Esta remodelação foi decidida por despacho do ministro dos Assuntos Sociais, publicado no «Diário da República».

grande cabeleireiro de senhoras EVA, lda.

As Senhoras sabem que a EVA é um Cabeleireiro muito bom

Pr. Marquês de Pombal, 1 e R. Camilo Castelo Branco, 23

LISBOA

VITALIDADE

«REVIGORAL»

O seu interesse pelas mulheres não se perdeu: Foi o seu organismo que enfraqueceu.

É preciso revitalizá-lo, mas cuidado: Não tome estimulantes, que podem afectar-lhe a saúde e nada resolvem. Não é uma questão de idade. Recorra a este produto natural para recuperar o seu antigo vigor.

«REVIGORAL» vende-se em embalagens ao preço de esc. 250$00 e de 400$00. Enviamos à cobrança acrescido de 20$00 para despesa de correio. Depósito Geral:

ERVANÁRIA JEOVANA

Rua Pedro Nunes, 33-D — LISBOA-1 — Tel. 554919

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE OEIRAS

2.ª publicação

ANÚNCIO

Pelo 1.º Juízo e 1.ª Secção do Tribunal Judicial da comarca de Oeiras correm termos, por apenso aos Autos de Falência da Sociedade Clínica de Santa Cruz, SARL, com sede em Lisboa e estabelecimento em Carnaxide, desta comarca, uns Autos de Acção de Processo Sumário que a Caixa de Previdência e Abono de Família dos Serviços do Distrito de Lisboa, com sede na Avenida dos Estados Unidos da América, 39, em Lisboa, move contra o Administrador da massa falida e credores daquela Sociedade, e neles correm éditos de dez dias a contar da 2.ª e última publicação deste anúncio, citando os credores para no prazo de dez dias, findo que seja o dos éditos, contestarem, querendo, o pedido da Autora, que consiste em ser verificado e graduado o crédito da Autora no montante de 4.290 598$20 e a sua graduação no lugar que lhe competir no apenso de verificação e graduação de créditos, sob pena, não contestando vir a ser considerado o pedido.

Oeiras, 14 de Maio, de 1977

O Juiz de Direito
(Francisco José Galrão de Sousa Chichorro Rodrigues)

O escrivão de Direito
(Adelino Augusto Miguens Carvalho)

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE OEIRAS

2.ª publicação

ANÚNCIO

Pelo 1.º Juízo e 1.ª Secção do Tribunal Judicial da comarca de Oeiras correm termos, por apenso aos Autos de Falência da Sociedade Clínica de Santa Cruz, SARL, com sede em Lisboa e estabelecimento em Carnaxide, desta comarca, uns Autos de Acção de Processo Sumário que o Ministério Público, como representante legal do Fundo do Socorro Social, move contra o Administrador da massa falidade e credores daquela Sociedade, e neles correm éditos de dez dias, a contar da 2.ª e última publicação deste anúncio, citando os ditos credores para, no prazo de dez dias, findo que seja o dos éditos, contestarem, querendo, o pedido do Autor, que consiste em ser verificado o crédito do Fundo do Socorro Social no montante de 65.100$00 e a sua graduação no lugar que lhe competir no apenso de verificação e graduação de créditos, sob pena, não contestando vir a ser considerado o pedido.

Oeiras 4 de Maio de 1977

O Juiz de Direito,
(Francisco José Galrão de Sousa Chichorro Rodrigues)

O escrivão de direito,
(Adelino Augusto Miguens Carvalh)

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE OEIRAS

1.º Juízo

2.ª publicação

ANÚNCIO

Por este Juízo e na 2.ª Secção, pendem uns autos de Acção Ordinária de Impugnação de Paternidade em que é Autor o Digno Agente do Ministério Público e Réus Mário Artur Carvalho de Figueiredo, Elisabete Filipe Pereira Duarte Figueiredo e o menor Marco Alexandre Filipe Duarte Figueiredo e neles correm éditos de 30 dias a contar da data da 2.ª e última publicação do presente, citando a 2.ª Ré, referida Elisabete Filipe Pereira Duarte Figueiredo, que teve o seu último domicílio conhecido na Estrada da Circunvalação lote A-1.º Frente em Algés, e actualmente ausente em parte incerta, para no prazo de 20 dias, findo que seja o dos éditos contestar, querendo, a referida acção, pela qual o Autor pretende que o Réu menor seja declarado filho de pai incógnito, sob a cominação de não contestando nem se fazendo representar por mandatário Judicial, a acção correr termos à sua revelia.

Oeiras, 7 de Maio de 1977

O Juiz de Direito
(a) Francisco Rodrigues

O escrivão de Direito
(a) Regino Augusto Lança

tempo

Situação do tempo 09.00 H.

Em Portugal Continental o céu estava muito nublado nas regiões do Norte e pouco nublado nas do Sul e o vento era fraco.

TEMPERATURAS EXTREMAS

TAVIRA
Máxima 26,6º
PENHAS DA SAÚDE
Mínima 7,5º

PREVISÃO GERAL ATE ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Céu muito nublado nas regiões de Norte e Centro e pouco nublado nas do Sul, o vento era fraco predominando de Noroeste; períodos de chuviscos nas regiões de Norte e Centro

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H

PORTO	15º
P. DOURADAS	13º
COIMBRA	16º
PORTALEGRE	17º
LISBOA	17º
SAGRES	15º
FARO	20º
PONTA DELGADA	19º
FUNCHAL	19º

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
7.21	3,7 m	0.39	1,3 m
19.41	3,8 m	12.57	1,5 m
Dia 8			
8.19	3,5 m	1.42	1,5 m
20.41	3,6 m	14.04	1,7 m
Dia 9			
9.23	3,4 m	2.52	1,6 m
21.48	3,5 m	15.19	1,8 m

AMANHÃ

NASCER AS 6.12
OCASO AS 21.00

Dia 8 Dia 16 Dia 24 Dia 1

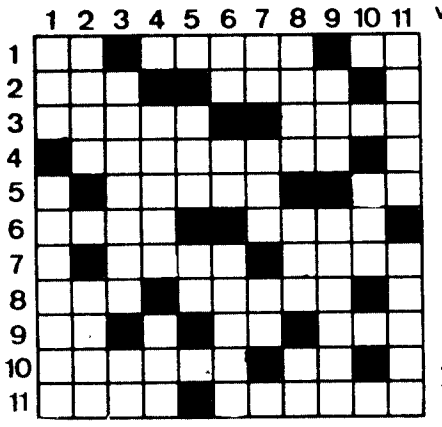
Palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO

PROBLEMA N.º 11761

HORIZONTAIS:

1 Em o. Qualquer líquido alcoólico obtido por fermentação. Post scriptum.
2 Armaria. Elemento que entra em algumas palavras com a significação de ar.
3 Nome de vários rios da Alemanha. Tempo do verbo estar.
4 Olvidaria.
5 Poisa no mar (o avião). Autores.
6 Espécie de gato bravo. Fechar as asas para descer mais depressa.
7 Aprel Ser.
8 Médico dinamarquês que recebeu o Prémio Nobel da Medicina em 1943. Magnetiza.
9 Amónio (s.q). Rio de Itália. Bigorna de aço sem hastes.
10 Fizera doação. Apelido.
11 Épocas. Velhacos.



VERTICAIS:

1 Em as. Realidade.
2 Cidade da Argélia. Grande afeição.
3 Sugaram o leite materno. Basta.
4 Aperfeiçoar. Conjunção
5 Letra grega. Medida itinerária do Japão.
6 Sódio (s.q). Caminhar. Sustens com estacas, ou ligas a estas as videiras.
7 Hélio (s.q) Freguesia do concelho de Penafiel. Preposição e artigo.
8 Rezei. Unidade monetária do Japão Serviço Nacional.
9 Sufixo que designa abundância. Cobres de nata.
10 Artigo.
11 Transpirara. Pronome demonstrativo.

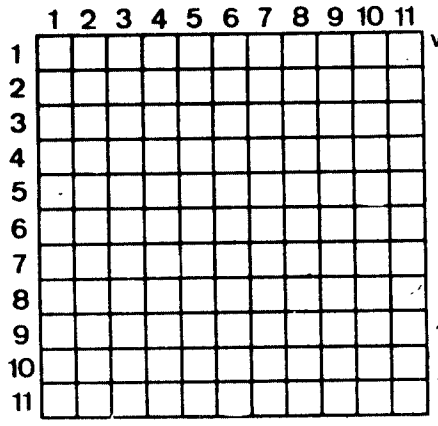
Resolveu completamente este problema?
Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito

NOVA MODALIDADE

PROBLEMA N.º 7821

HORIZONTAIS:

1 Cidade da Bélgica. Armaria. Preposição.
2 Nesse lugar. Educar. Ruim.
3 Esbeltas.
4 Ligeiro. Fechara as asas para descer mais depressa.
5 Reino da Federação Indochinesa. Gorgulho tropical.
6 Cidade de Espanha.
7 O mais. Licença. Pata.
8 Arena em que os orientais escaramuçavam ou faziam torneios. Franco
9 Querida. Matemática.
10 Disfarça (fig). Três das cinco letras que formam o nome de uma cidade da Sicília que foi destruída durante as Guerras Púnicas.
1 Toste. Desejaras.



VERTICAIS:

1 Cidade da Arábia Saudita. Cidade da Pérsia.
2 Suspiro. Artigo definido (ant). Imundices.
3 Pegas. Ofereceis.
4 Íntimo Sacerdote.
5 Suporta. Autores.
6 Curso de água natural e abundante. Costume.
7 Povo da África entre a costa de Zanzibar e o lago Vitória. Pronome pessoal.
8 Corisco. Pronome pessoal
9 Nome de mulher. Os espaços celestes.
10 Preposição. Letra grega. Utensílio doméstico. Batráquio.
11 Suga o leite materno. Tirais a pele a.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 11760

HORIZONTAIS:	VERTICAIS:
1 Oiro. Se. DOS	1 Oiro. Se. DOS.
2 FILHOS. Ale.	2 FILHOS. Ale.
3 Ripara. Il.	3 País. Ar.
4 Olá. Ri. Rosa.	4 Uva. Moa.
5 Hinos. Bi.	5 Terroristas.
6 Sós. Dor	6 Usais. Rea
7 És. Mira. Are.	7 Dar. Os
8 Cosera. El.	8 Orário. Am.
9 Dá. Ata. MDLV.	9 É. OBRA DOS.
10 Olá. Oiã.	10 PAIS. Relia.
11 Serosas. Sãs.	11 Aliar. Elvas.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 7820

VERTICAIS:	HORIZONTAIS:
1 Pargo. Morda.	1 Pá. Ga. Avisa.
2 Aturo. Asir.	2 Atuar. Coral.
3 Ua. Ml. Mar.	3 Ruasse. Gira.
4 Gasta. Ga. Sa.	4 Gr. Ter. Asar.
5 Arse. Sare	5 Oó. Ror. Ma.
6 Erro. Rio.	6 Só. Im
7 Ac. Caá.	7 Malga. Caças.
8 Vogarias. Ar.	8 Os. Arras. Re.
9 Iris. MC. Ado.	9 Rim. Eia! Aar.
10 Saram. Arais.	10 Dras. Adir.
11 Alara. Serra.	11 Rãs. Arosa.

PROVÉRBIO: O FUTURO DOS FILHOS É OBRA DOS PAIS

farmácias de serviço

LISBOA

AFRICANA — R. Bernardino Costa, 45. Tel. 369120.
ARNALI — Rua Escolas Gerais, 83-A. Tel. 863940.
ASCENSO — Praça do Norte, 22-A (bairro Encarnação) Tels. 311216-310172.
AVENIDAS — Av. República, 27-A. Telefone 533688.
AZEVEDO, FILHOS — Pr. D. Pedro IV, 31 (Rossio). Tel. 327478.
CARRASCO — Rua Presidente Arriaga 39. Tel. 667460.
CELTA — Rua Moura Girão, 3-B. Telefone 890621.
CENTRAL DO LUMIAR — Rua do Lumiar, 77. Tel. 790480
CUNHA — Rua Escola Politécnica, 16. Tel. 325455.
DIMAR — Rua Conde Monsaraz, 17-B. Tel. 842553.
G. SILVA — Rua Francisco Tomás da Costa, 3-C. Tel. 771873.
GAMA — Calçada da Estrela, 130. Telefone 660339.
J. RIBEIRO — Estrada da Luz, 199-A. Tel. 780969.
JOÃO XXI — Ave. João XXI, 16-A. Tel. 726482.
MARLUZ — Calç. da Picheleira, 140-B. Telefs. 720703-728395
MENDES GOMES — C.º da Ajuda, 222. Tel. 638258.
NOBEL — Rua Actor Vale, 53. Telefone 842152
OLIVEIRA — Rua de Campolide, 54-A. Tel. 684424.
OLIVEIRA VIEGAS — Rua Viriato, 29-A. Tel. 548966.
ORIENTAL DE LISBOA — Rua Alves Torgo, 2-B. Tel. 45079.
PORFÍRIO — Rua Francisco Metrass, 59-B. Tel. 663349.
RAINHA SANTA — Rua Afonso Lopes Vieira, 57-B. Tel. 765262.
S.A.E. SILVA, F.ºs — Rua S. José da Mata, 72-74. Tel. 661010.
SALTER — Rua de Xabregas, 63-65. Tel. 381185.
SANEX — Av. da Igreja, 31-C. Telefone 897505.
SIMÃO — R. Cidade de Cabinda, 16-A. Tel. 310581.
TAPADA — Calçada da Tapada, 83-A. Tel. 634721.
UNIÃO — Estrada de Benfica, 592-594. Tel. 700092.

Permanente

AVENIDAS — Av. da República, 27-A. Tel. 533688.
AZEVEDO, FILHOS — P.ª D. Pedro IV, 31 (Rossio). Tel. 327478.
CELTA — Rua Moura Girão, 3-B Telefone 890621.
CUNHA — Rua Escola Politécnica, 16. Tel. 325455.
PORFÍRIO — Rua Francisco Metrass, 59-B Tel. 663349
SIMÃO — R. Cidade de Cabinda, 16-A. Tel 310581.
OLIVEIRA — Rua de Campolide, 54-A. Tel. 684424.
SALTER — Rua de Xabregas, 63-65.tel. 381185.
TAPADA — C.ª da Tapada, 83-A. Telefone 634721.
UNIÃO — Est de Benfica, 592-594. Telefone 700092.

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Miraflores — R. António Granjo, 2 (tel 2113161)
ALCABIDECHE
Carvalho — Até às 21 horas
PORTO SALVO
Ferreira Bastos Até às 21 horas
CARCAVELOS
Central Até às 24 e das 0 às 9 horas
S. DOMINGOS DE RANA
Godinho da Silveira, Av. Saboia, 29-B (Tel. 260085) Até às 21 horas.
PAÇO DE ARCOS
Pargana — Av. eng.º Bonneville Franco (Tel. 2435147) Até às 24 horas e das 0 às 9 horas.
OEIRAS
Oeiras — L. Henrique Paiva Couceiro (Tel. 2430485) até às 22 horas
NOVA OEIRAS
Leal — Até às 21 horas

PAREDE
Macau — R. J. Elias Garcia, 60-C (tel. 2471785) até às 24 e das 0 às 9 horas
Junqueiro-Mendes — Até às 21 horas
AMOREIRA
Amoreira (Telefs. 262313/267314) até às 24 e das 0 às 9 horas
CASCAIS
Misericórdia — R. Regimento 19, 41 (Tel. 280141) até às 21 horas
Cascais — R. Conde de Monte Real - B.º Caixas (Tel. 282407) até às 24 e das 0 às 9 horas

LINHA DE SINTRA
AMADORA
Dias — Av. Marquês de Pombal, lote 9 (Tel. 934589) Permanente
Campos — R Elias Garcia, 185 (Tel. 930072) até às 22 horas
Nova — R Elias Garcia, 10 (Tel. 972530) até às 22 horas
DAMAIA
Lemos R de Goa, 21-A (tel. 971121)
MERCÊS
Claro Russo
QUELUZ
Correia — L. do Mercado, 3 (Tel. 950906)
CACÉM
Garcia — Av. dos Missionários, 2 (Tel 2942181)
MEM MARTINS
Miranda Garcia — Est. de Mem Martins, 173-B (Tel. 2914103)
RIO DE MOURO
Riomouro — Av. Óscar Monteiro Torres, 8 (Tel 2960194)
SINTRA
Marrazes Vila (Tel 2930155)
COLARES
Abreja (Tel 299088)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Nunes — L Coronel Ramos da Costa, 10 (Tel. 234137)
ALHOS VEDROS
Portugal — Av. da Bela Rosa, 8 (Tel. 204250)
BAIXA DA BANHEIRA
Nova Fátima Est Nacional, 244-A (Tel 2040141)
BARREIRO
Mascarenhas Neto — R. Almeida Garrett, 1 (Tel 2072454)
ALMADA
Castro Rodrigues — R. Capitão Leitão, 21-A (Tel 2750076)
COVA DA PIEDADE
Morgado — R. Cabo da Boa Esperança, 25-A (Tel 2767356)
MOITA
Silva Rocha — P da República, 16 (Tel. 239029)
MONTIJO
Higiene — R. José Joaquim Marques, 142 (Tel. 2310370)
SESIMBRA
Lopes — R Cândido dos Reis, 21 (Tel. 2233028)
SETÚBAL
Higiene — R Frei Agostinho da Cruz, 51 (tel. 22408) PERMANENTE
Portugal — R. Camilo Castelo Branco, 134 (Tel 23211) Até às 22 horas.
SEIXAL
Gocinho — L da Igreja, 51 (Tel. 2218580)

PORTO

PASTELEIRA Rua André de Resende, 92-Tel 687011; **ALMEIDA, CUNHA** — Rua Formosa, 327-Tel 24874; **CONTUMIL** — Rua de Contumil, 540-Telefone 485755; **SAMPAIO** — Rua de Cedofeita, 636-Tel. 21782; **VAZ TEIXEIRA** — R. do Heroísmo, 56-Tel 52782; **COSTA LIMA** — Av. da Boavista, 855-Tel 60606; **MARQUES DE MENDONÇA** — Rua do Ameal, 251-Tel. 487118; **SÃO JERÓNIMO** — Rua de Santos Pousada, 622-Tel. 54526

(De dia e toda a noite)

ORIENTAL — Rua do Bonjardim, 727 — Tel. 27878; **CARDONA DOS SANTOS** — Rua D. Manuel II, 90-Tel. 315051; **BIRRA** — Praça da Liberdade, 125-Telefone 20463; **MONTE CATIVO** — Rua do Monte Cativo, 444-Tel 481687.

COIMBRA

ADRIANA Praça da República, 20 Tel 23609; **ESTÁDIO** — Rua do Brasil, 348 — Tel. 72710.

cinemas

ALVALADE
Tel. 897480 15.30, 18.30 e 21.30
Nick Nolte. Don Johnson, Robin Mattson em
UMA AVENTURA NA ESTRADA
Um filme de Richard Nampton
Não acons. a menores de 18 anos

APOLO 70
Tel. 763319 14.15, 17.45 e 21.15
Não acons. men. 13 anos
BARRY LYNDON
14.ª Semana
Um filme de Stanley Kubrick
Às 0.30h **Grupo D. m/18 anos**
O REGRESSO DA PANTERA COR DE ROSA

AVIS
Tel. 47163 15.30, 18.30 e 21.30
Interdito a menores de 18 anos
Cinema/Emoção
BAÍA SANGRENTA
Claudine Auger, Luigi Pistilli

BERNA
Tel. 776098 14.00, 16.30, 19.00, 21.30
Dustin Hoffman, Laurence Olivier, Roy Scheider
O HOMEM DA MARATONA
um filme de John Schlesinger
Não acons. a men. de 18 anos

CALEIDOSCÓPIO
Tel. 795033 14.00, 16.30, 19, 21.30
Dustin Hoffman, Laurence Olivier, Roy Scheider
O HOMEM DA MARATONA
um filme de John Schlesinger
Não acons. a men. de 18 anos

CASTIL
Tel. 530194 15, 17, 19 e 21.30
(inter. a M/18 anos)
EMANUELLE E FRANÇOISE
George Easyman Rose Marie Lindt Karole Annie Edel
Realização de Joe D'Amato
em 2.ª semana

PALÁCIO FOZ
Sessões: 15,15, Bilhetes: Esc. 5$00
Ciclo: «Cinema no Feminino» 1.ª série
JOVENS E ATREVIDAS
Não acons. a menores de 13 anos

CONDES
Tel. 322523 14, 16.30, 19 e 21.30
Int. men. 18 anos
ESCÂNDALO
c/ Franco Nero

EDEN
Tel. 320768 14, 16.30, 19, 21.30
Barbara Bouchet, Sydne Rome, Edwige Fenech, Marty Feldman
40 GRAUS À SOMBRA DO LENÇOL
um filme de Sergio Martino
Não acons. a men. de 18 anos

ESTÚDIO
Tel. 535134 15.30, 18.30 e 21.30
Não acons. m/ 13 anos
JaneBirkin, Serge Gainsbourg em
AS PARTISANS
um filme de Milan Kosovac

ESTÚDIO 444
Tel. 779095 15, 17, 19, 21.30
Não acons. m/ 18 anos
O DESPERTAR
Louise Marleau, Jacques Riberolles

IMPÉRIO
Tel. 555134/5 15.15, 18.30 e 21.30
Não acons. men. 18 anos
TENTÁCULOS
com John Hunton Shelley Winters Henry Fonda

LONDRES
Tel. 801313 14.15, 16.30, 19 e 21.15
Para todos
A ÚLTIMA LOUCURA DE MEL BROOKS
c/ Liza Minneli
A melhor comedia dos últimos 50 anos

MUNDIAL
Tel. 538743 15.15, 18.30 e 21.30
Não acons. men. 13 anos
Música, Romance, Emoção e Aventura
ZAMEER

D. JOÃO V DAMAIA
Tel. 971794 21.30
Não acons a menores de 13 anos
TARZAN NAS MINAS SALOMÃO

NIMAS
Tel. 574362
14.15, 16.30, 18.45 e 21.30
Panavision Eastmancolor
Não acons. men. 13 anos
A 5.ª OFENSIVA
(Os últimos dias da 2.ª Guerra Mundial)

ODEON
Tel. 326283 15.15, 18.15, 21.15
Não acons. men. 13 anos
VIVA RAMA — VIVA KRISHNA

PATHÉ
Tel. 821933.
14.15, 16.30 18.45, 21.15
Não acons. menores 18 anos
AMÉDICA DA INSPECÇÃO MILITAR

POLITEAMA
Tel. 326305 14.15, 16.30, 19, 21.30
Ei-lo de novo: Montgomery Woodna escaldante aventura
Não acons. m/ 13 anos)
FRICA EXPRESSO
c/ Ursula Andress, e Jac Palance

RESTELO
Tel. 610375 21.15
Não acons a menores de 13 anos
GRIZZLY

ROMA
Tel. 887778 Estreia às 21.30
Não acons a menores de 18 anos
UMA MULHER PARA DOIS HOMENS
Nino Manfredi, Rosanna Schiaffino

ROXY
Tel. 48560 14.15, 17.45 e 21.30
Da Índia uma bela história de amor e aventura!
PASSADO INESQUECÍVEL
Um filme de Nasir Hosain
11.ª semana
Nao acons. men. 13 anos

S. JORGE
Tel 579294 15.15, 18.15, 21.15
Peter Sellers é o Inspector Closeau
A PANTERA VOLTA A ATACAR
Não acons. a men de 13 anos

STADIUM (Algés)
Tel. 2112544 21, 23.30
Maiores 17 anos
SACCO E VANZETTI
Robert Rosselini
Guarda de crianças durante as sessões

TIVOLI
Tel. 570595 15.15, 18.30, 21.30
Dustin Hoffman, Laurence Olivier Roy Scheider
O HOMEM DA MARATONA
Não acons. a men. de 18 anos
um filme de John Schelesinger

UNIVERSAL
Tel. 774402
AS 15 19 e 23 h
A MULHER CASADA
um filme de Jean Luc Godard
Às 17 e 21 h
PEDRO, O LOUCO
um filme de Jean Luc Godard

LISBOA/Teatros

VARIEDADES
21.45 (18 anos)
«Isto é que me Dói»

LAURA ALVES
20.30 e 22.45 (18 anos)
«As Calcinhas Amarelas»

BARRACA
R. Alexandre Herculano, 70 (13 anos)
«Barraca Conta Tiradentes»

COMUNA
21.30 (13 anos)
«Em Maio ...»

CASA DA COMÉDIA
21.45 (13 anos)
«A Invenção do Amor»

TEATRO ABERTO
21.30 (13 anos)
«As Duas Viagens de Job Cardoso»

MONUMENTAL
21.15 (18 anos)
«Aqui quem Manda sou Eu»

OS BONECREIROS
21.30 (13 anos)
«O Conde de Novion»

LISBOA/Cinemas

PROMOTORA
21.15 (10 anos)
«Os Dez Gladiadores»

MONUMENTAL
21.15 (13 anos)
«Viagem ao Centro do Mundo»

CINEBOLSO
21.30 (18 anos)
«As Raparigas Alegres do Campo»

PARIS
21.15 (13 anos)
«Chrizilly o Monstro da Floresta»

RESTELO
21.15 (18 anos)
«Chrizzly»

VOX
21.15 (13 anos)
«A Pantera volta a Atacar»

SATÉLITE
21.15 (13 anos)
«Um Homem para a Eternidade»

CAPITÓLIO
21.00 (18 anos)
«Rapariga para Casal Precisa-se»

CINEARTE
21.15 (13 anos)
«Rivais Temerários»

CINE AUDITÓRIO
21.15 (13 anos)
«Mar Cruel»

OLÍMPIA
Sessões contínuas (18 anos)
«As Memórias Íntimas de Miss Aggie»

CALEIDOSCÓPIO
21.15 (18 anos)
«O Homem da Maratona»

EUROPA
21.15 (13 anos)
«O Sexto Continente»

LIMUIAR
21.130 anos)
«Metello»

JARDIM
21.15 (18 anos)
«Escada de Caracol»

ROYAL
21.15 (13 anos)
«O Raio Relâmpago dos Comandos»

LINHA DE CASCAIS

PAÇO DE ARCOS
Chaplin
21.15 (18 anos)
«O Bombista Louco»

OEIRAS
Oeiras-Cine
21.15 (18 anos)
«Karate em Hong-Kong»

PAREDE
Royal
21.15 (14 anos)
«Cobras Venenosas»

CASCAIS
Oxford
21.15 (18 anos)
«Por Uma Mão Cheia de Diamantes»

CASCAIS
S. José
21.30 (13 anos)
Profissão Aventureiros»

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Cinestúdio
21.30 (6 anos)
«A Última Loucura»
Recreios Desportivos
21.15 (18 anos)
«Um Detective Sem Importância»
Lido
21.15 (13 anos)
«A Viagem dos Malditos»

MEM MARTINS
Cine Chaby
21.15 (13 anos)
«Aaaina»

SINTRA
Carlos Manuel
21.15 (18 anos)
«Coxas Quentes»

OUTRA BANDA

ALMADA
Incrível
21.15 (6 anos)
«Os Dois Missionários»
Academia
21.15 (13 anos)
«O Segredo do Faisca»
Cinema
21.15 (13 anos)
«Liza, a Submissa»

PORTO/Teatros

ANTÓNIO PEDRO
21.30 (13 anos)
«Schmurz»

PORTO/Cinemas

PASSOS MANUEL
21.30 (13 anos)
«Uma Mulher Fiel»
OLÍMPIA
21.15 (18 anos)
«5 Demónios do Kung-Fu»
CARLOS ALBERTO
21.15 (13 anos)
«Por obra e graça»
JÚLIO DINIS
21.15 (18 anos)
«Emmanuelle»
SÁ DA BANDEIRA
21.30 (18 anos)
«Sex Concert»
ESTÚDIO
21.15 (13 anos)
«O Assalto dos Dobermans»
SALA BEBE
21.30 (13 anos)
«Brandos Costumes»
COLISEU
21.15 (18 anos)
«Os Parasitas da Morte»
ÁGUIA DE OURO
21.15 (18 anos)
«O Mestre do Kung-Fu»
S. JOÃO
21.00 (13 anos)
«Os Guerrilheiros»
VALE FORMOSO
21.15 (13 anos)
«Sofrimento de Amor»
ESTÚDIO FOCO
21.15 (13 anos)
«Barry Lyndon»
RIVOLI
21.15 (18 anos)
«A Menina da Inspecção Militar»
ESTÚDIO 400
21.30 (18 anos)
«Domingo, Maldito Domingo»
TRINDADE
21.15 (18 anos)
«Taxi Driver»
BATALHA
21.15 (6 anos)
«O Corsário Negro»

COIMBRA

GIL VICENTE
21.15 (18 anos)
«O Importante é Amar»
S. TEOTÓNIO
21.15 (10 anos)
«Grande Prêmio»
AVENIDA
21.15 (18 anos)
«Noitadas de Paris»
TIVOLI
21.15 (18 anos)
«Exposé»

rádio

1.º PROGRAMA

16.00, Noticiário — «Musivária»; **17.00,** Música portuguesa; **18.00,** Separador; **18.10,** «Hoje respondemos por música», por António Vitorino de Almeida, Música variada; **19.00, Poemas** e poetas — música variada; **20.00,** «Jornal da noite»; **20.30,** Melodias; **21.00,** 2.º Episódio do folhetim «os mistérios do Castelo de Udolfo», de ANN Radoliffe; **21.19,** «Contraponto»; **24.00,** «Último jornal; **00.00,** «Último jornal»; **00.30,** «Vozes na noite»; **01.00,** «Música na noite».

2.º Programa

16.10, Musica de câmara: — Quadrante n.º 2, em lá maior, op. 26, de Brahms: **17.00.** Música sinfónica: — sinfonia n.º 5, em si bemol maior, de Bruckner; **18.20,** Duetos Instrumentais; **19.00,** «Música portuguesa»; **20.00,** Conjuntos de câmara: — «Le parnasse», de François Couperin, — Suite n.º 3, em ré maior, BWV 1068, de Bach, — Trio em mi maior, K. 542, de Mozart: **21.00.** Música sinfónica: — Sinfonia n.º 13, em si bemol menor op 113, de Chostakovitch; **22.00,** A Soprano Leontyne Price, acompanhado pela Orquestra Sinfónica de Londres; **22.30,** «O Gosto pela música», pelo dr. João de Freitas Branco; **23.00,** Intercâmbio musical: Dias de música em donaueschingen, 1976 — «Vocis Imago», para voz solista por Carol Plantamura; **23.22,** Quarteto op. 18 n.º 1, de Beethoven; **23.48,** Solos de piano: Obras de Janacek, **00.10,** Suite-Sinfónica Schéhérazade, de Rimsky-Korsakow.; **01.00,** Fecho

3.º Programa-Nacional e Regional (290 m)

16.00, «Variante» (continuação); **16.10:** Casos ao acaso, por Orlando Dias Agudo (repetição); **16.20,** Disco... rendo, por Mário Martins; **17.10,** Prevenção e saúde, pelo dr. Sousa Pereira (repetição); **18.00,** «Contacto»; **18.20,** Títulos de 1.ª página; **18.30,** Actualidade; **18.45,** Fórmula 1; **19.05,** Teatro trágico, pelos Parodiantes de Lisboa; **20.15,** Antologia; **20.30,** Pesquisa; **21.00,** A música e as vozes; **21.30,** «Quando o telefone toca»; **23.03,** «Nocturno»; **23.06,** Novas de alegria; **24.00,** «Nocturno» (continuação); **00.15,** «Dia a dia com o passado»; **02.00,** Fecho

RÁDIO RENASCENÇA

18.08, Apelos; **18.15,** Igreja em Notícias-Palavra do Dia; **18.30,** Transmissão do Terço da Igreja de S. João de Brito; **19.00,** Programa da Liga dos Amigos de RR; **20.00,** Objectivo; **20.53,** Apelos; **21.05,** Pentagrama; **21.30,** Ao Encontro da Grande Música; **22.00,** Quando o telefone Toca; 22.30; Temas Vivos; **23.05,** A Última Hora; 23.30; Dicionário de Economia; 23.55, Meditando; **01.00,** Rotação; **02.00,** Encerramento da Estação No final Actualidade Internacional-Voz da América.

DL

RENASCENÇA GRÁFICA S A R L
ADMINISTRAÇÃO GERAL
RUA CASTILHO, 185 1.º 2.º
TELEF 654531/2/3/4
REDACÇÃO, SERVIÇOS TÉCNICOS E PUBLICIDADE
RUA LUZ SORIANO 44
TELEF 321154/5 320271/2/3
RUA DA ROSA 75
END TEL DIBOA TELEX 17363
LISBOA PORTUGAL

CDS da Guarda ausente do "Dia das Comunidades"

A Comissão Executiva distrital da Guarda do CDS, emitiu um comunicado informando que não tomará parte nas comemorações do Dia das Comunidades Portuguesas no Mundo — 10 de Junho — e que terão como local principal aquela cidade beirã.

O partido de Freitas do Amaral protesta, no seu comunicado contra o que considera «manobrismo político, que, na sua opinião, levou à constituição de uma subcomissão distrital para as comemorações que, sob o falso argumento do apartidarismo, foi autoritariamente formada por convites, à revelia do CDS, partido que mantém na Assembleia da República um deputado pelos emigrantes e é de longe o maior do distrito».

O CDS refere que não participará nas cerimónias oficiais desta semana na Guarda e que «os seus dirigentes lamentam ter de abster-se de a elas comparecer, reservando-se a actuação política que se mostrar adequada para evidenciar o seu veemente protesto e descontentamento público nos próximos dias».

EANES VIU FILMES

Acompanhado pelo chefe da sua Casa Militar, brigadeiro Garcia dos Santos, e pelo major Vítor Alves, presidente da comissão organizadora do «Dia das Comunidades», o Presidente da República, general Ramalho Eanes, assistiu ontem no Instituto dos Altos Estudos da Defesa Militar, à projecção de dois filmes mandados produzir pela comissão a que preside Vítor Alves.

Foram sucessivamente projectados «Abraço Português», filme a preto e branco com 50 minutos de duração que será passado pela RTP no dia 10 de Junho, e «Sons e Cores de Portugal», com 10 minutos de duração. Este último será exibido em grande número de cadeias de televisão dos países onde existem comunidades portuguesas.

Assistiram ainda membros do Conselho da Revolução, além de elementos da Comissão Organizadora do «Dia das Comunidades».

Bandeira oficial dos Açores inspirada na FLA

PONTA DELGADA, 7 — Inspira-se no símbolo separatista da FLA — «Frente de Libertação dos Açores», o desenho da bandeira (oficial) açoriana que se pretende criar a pretexto da necessidade de um estandarte representativo do arquipélago.

Cidadãos açorianos confiaram ao «DL» que o desenho proposto, e que poderá vir a ser aprovado, é afinal o da bandeira da FLA com uma única diferença: as nove estrelas que os separatistas colocam sob o açor, foram colocadas por cima deste

As circunstâncias fazem supor que o «artista» que desenhou a bandeira fez o possível por agradar à FLA, faltando apenas a sigla desta «Frente».

TIRAGEM MEDIA DIÁRIA EM ABRIL · 45 345
(Hoje 28 páginas)

Mais de 20000 carros foram roubados em 1975 e 1976

porque não havia

Novo aparelho com sistema de segredo que impossibilita o roubo do seu carro

Pontex

Testado e aprovado pela Divisão de Trânsito da PSP de Lisboa e oficinas da especialidade

Distribuidores
• J J Gonçalves, Sucrs.
• Soc. de Lubrificantes Ingleses

Pontex - Aparelhos Pontex - Av. da República, 45-8.º Dt.º LISBOA

NO 11º DIA DE GREVE DA FOME

Rui Gomes visitado pela URAP em Caxias

Entra hoje no 11.º dia a greve da fome do estudante antifascista Rui Gomes, preso em Caxias sem culpa formada há 20 meses.

Segundo uma nota de Imprensa da Comissão de Luta para a Libertação de Rui Gomes, este foi ontem visitado em Caxias por uma delegação da URAP (União dos Resistentes Antifascistas Portugueses), composta pelo comandante Costa Santos, dr. Levy Baptista e dr.ª Alcina Bastos. Estes antifascistas manifestaram a Rui Gomes a sua total solidariedade.

A Comissão de Luta divulgou ainda uma mensagem do preso, datada de ontem. Afirma Rui Gomes: «As autoridades militares continuam com toda a sua arrogância a enfrentar o protesto da opinião pública, dos democratas e antifascistas. Insistem nesta provocação ao povo e ao 25 de Abril. Mas não pensem eles que conseguirão vergar o meu protesto e o de milhares de portugueses. Nada, nem ninguém, nos fará calar, enquanto se mantiver a minha prisão.»

A terminar a sua mensagem e depois de salientar as manifestações de apoio que tem recebido, Rui Gomes refere: «Não permitiremos de novo presos políticos antifascistas nas cadeias de Portugal! Reafirmo a minha disposição de continuar em greve da fome ilimitada até à minha libertação.»

Entretanto, continuam a ser divulgadas tomadas de posição de protesto pela manutenção da prisão de Rui Gomes. De entre outras salientam-se a de Associações de Moradores de Setúbal, de estudantes do Liceu D. Diniz e da Faculdade de Farmácia, de professores do ISEL e da Escola Secundária do Laranjeiro, de estudantes iranianos, marroquinos e africanos a estudar em Universidades de França e da Bélgica e, ainda, de operários da Titan, da Cometna, da Cel-Cat, da Interlastex, do Hospital de Vila Franca de Xira e Vialonga.

Também o GAC (Grupo de Acção Cultural — Vozes na Luta) e o Conselho Nacional da UMAR (União das Mulheres Antifascistas e Revolucionárias) protestaram contra a manutenção da prisão de Rui Gomes e manifestaram o seu apoio à luta deste antifascista, ao mesmo tempo que exigem a prisão e julgamento dos «pides» e dos bombistas.

Conferência "Anti-Apartheid" divulga objectivos e programa

António Macedo, presidente do PS, Silas Cerqueira, secretário executivo, Vasco Castro, da Liga Portuguesa dos Direitos do Homem, José Manuel Galvão Teles, ex-embaixador da ONU, Carlos Candal, deputado, e Joe Ele e Joe Nlhanha, do ANC, da África do Sul, presidirão, entre outros, à conferência de Imprensa desta tarde que terá lugar no palácio dos Coruchéus, acerca da Conferências Mundial contra o «Apartheid», o Racismo e o Colonialismo na África Austral.

Na conferência de Imprensa serão abordados problemas políticos, objectivos, programa e participação internacional da Conferência Mundial, que decorrerá em Lisboa, de 16 a 19 de Junho, registando já a participação e patrocínio de mais de 300 individualidades de alto nível internacional.

"Semana da Cultura de Moçambique"

Realiza-se esta tarde, pelas 18 horas, na sede da Associação de Amizade Portugal-Moçambique, uma conferência de Imprensa em que será anunciado o programa da «Semana da Cultura de Moçambique».

Esta iniciativa tem o apoio oficial do Ministério dos Negócios Estrangeiros, Secretaria de Estado da Comunicação Social, Secretaria de Estado da Cultura e Câmara Municipal de Lisboa.

A Comissão de Honra é constituída pelos drs. António Galhordas, Silva Graça, eng. Aquilino Ribeiro, Armando de Castro, Carlos Candal, Carlos Costa, Eurico Figueiredo, Fernando Piteira Santos, Ruy Luís Gomes, Fernando Lopes Graça, João de Freitas Branco, Luís Francisco Rebelo, Maria Velho da Costa, Mário Ruivo, Pedro Borges, Rui Grácio e Vespeira.

Soares na TV

Continuação da pág 1

a afirmação de que «as esperanças nascidas com as primeiras atitudes tomadas» pelo Governo deram lugar «a um sentimento generalizado de perplexidade» soa como uma retirada de apoio a formação governativa PS. A CIP diz ainda não existirem condições propícias ao investimento privado porque, «volvidos quase doze meses sobre a entrada em funções do primeiro Governo constitucional, continuam por estabelecer as condições efectivas de inspirar nos empresários privados a confiança indispensável ao investimento», acusando o Governo de «duplicidade».

Entretanto, ao princípio da tarde, e segundo a agência ANOP, foi anunciado que Proença de Carvalho, director do vespertino «Jornal Novo», tido como afecto à CIP, substituirá Pinto Balsemão no programa da TV desta noite.

Eanes recebeu delegação do Soviete Supremo

O Presidente da República general Ramalho Eanes, recebeu esta manhã em audiência no Palácio de Belem a delegação do Soviete Supremo, da URSS, que se encontra de visita oficial a Portugal.

Sector adubeiro

Continuação da pág 1

Sociedade Portuguesa de Petroquímica ficaria de fora, pois seria destinada a produzir gas canalizado para consumo doméstico.

Uma vez aprovada a proposta e constituído o conselho de gerência, este deverá dar parecer, no prazo de 12 meses, sobre as seguintes variantes: 1) transformação dos serviços gerais do Barreiro em parque industrial com vista ao fmecimento de serviços à nova empresa e às empresas da área, tais como a Equimetal, Fisipe, Tinco, EDP, etc.; 2) criação de um parque industrial em Estarreja, também para fornecimento de serviços às existentes e novas actividades daquela área; 3) criação de mais uma empresa pública englobando sectores de actividade que se considerem foram b âmbito vocacional da nova empresa.

Não haverá inicialmente cisões de sectores o eng. Nobre da Costa afirmou também aos trabalhadores, em relação as variantes atrás citadas, que «nenhum sector de actividade será desligado da nova empresa se ententento se chegar à conclusão de que constitui suporte económico indispensável à mesma».

ONTEM EM BRUXELAS

Miguel Torga recebeu "Grande Prémio de Poesia"

O poeta Miguel Torga recebeu ontem em Bruxelas o Grande Prémio de Poesia da Bienal de Knock-Kleiss com que há cerca de um ano foi distinguido em consideração da sua obra poética.

Na circunstância — rara, porquanto Miguel Torga tem à volta da sua figura a imagem tecida dum relutante em relação a realizações deste teor —, o premiado proferiu um discurso passando para a poesia portuguesa e para a língua portuguesa a honra do prémio recebido.

«A poesia está de festa — disse Torga. — Não só porque a vemos neste momento celebrada na pessoa de um poeta qualquer, mas porque uma das tonalidades da sua voz foi, finalmente, ouvida e reconhecida num conclave onde até agora nenhum espírito santo a fizera descer» — disse Torga, referindo-se ao Português (de Camões a Pessoa, de Bernardim a Teixeira de Pascoaes — conforme a propósito citou).

O grande Prémio foi atribuído a Torga por um júri de que faziam parte poetas e críticos de cerca de duas dezenas de países — entre eles Portugal, representado por David Mourão Ferreira.

REFERENDO EM COIMBRA

Previstos para amanhã resultados definitivos

Continua-se a trabalhar afanosamente no MEIC para apurar em definitivo os resultados do referendo do domicílio determinado por aquele Ministério aos estudantes da Academia de Coimbra. Os boletins obtidos no MEIC representam 68,1 por cento do total dos boletins enviados pelos MEIC (11 718)

Espera-se que os resultados sejam conhecidos amanhã. Face à forma como o boletim estava elaborado — ou aceitar a reabertura da Universidade segundo as normas estabelecidas pelo MEIC ou preparar-se para um ano perdido — qualquer dos resultados será considerado, para aquele controverso Ministério, uma vitória. Pelo menos uma vitória a curto prazo depois da desmobilização evidente que determina neste momento o movimento estudantil no País e após as acusações de carácter político feitas a um dos dirigentes académicos, José Neves.

Nota

A ENTREVISTA

Francisco Balsemão, director do «Expresso», declinou o convite de Mário Soares para ser um dos seus entrevistadores esta noite, na Televisão, decisão tomada depois de uma longa conversa com o Primeiro-Ministro. Deste modo, o único jornalista a fazer perguntas a Mário Soares depois da sua comunicação ao País será José Carlos de Vasconcelos.

Francisco Balsemão, embro da Comissão Política Nacional do PSD/PPD, não considerou conveniente participar na discussão, dadas as actuais relações entre o PS e o PPD.

José Carlos de Vasconcelos, que recentemente já entrevistara o Primeiro-Ministro para «O Jornal», sentir-se-á com forças para representar, nas perguntas, os milhões de telespectadores que gostariam de fazer perguntas naquela oportunidade?

VIAGENS AOS PAÍSES SOCIALISTAS

Polónia 7 a 14 e 14 a 21 Julho
RDA 28 de Agosto a 4 de Setembro
Checoslováquia 22 a 29 de Julho 7 a 14 de Setembro
Roménia 18 a 25 de Setembro

Programa, informações e incrisções na

MUNDIRAMA

MUNDIRAMA

PASSAPORTES

EXCLUSIVO

SUPLEMENTO
Síntese da vida internacional

Le Monde
Prensa Latina
Interpress
Novosti

N.º 18/77

Terça-feira, 7 de Junho de 1977

Djibouti: Conforto e esperança
Etiópia: Milícias camponesas para defender a revolução
Cuba: A igreja vai ao campo
Polémica: Sakharov e a liberdade da irresponsabilidade
Figura em Destaque: Agostinho Neto

As relações fino-soviéticas

UM EXEMPLO APONTADO AO FUTURO

■ **Vladimir Lomeiko**
□ **NOVOSTI**

A visita oficial que o presidente Uhro Kekonnen da Finlândia fez na segunda quinzena de Maio à URSS não terá decerto escapado à atenção dos políticos europeus. Mais uma vez fica demonstrada a cooperação produtiva que tem caracterizado as relações de dois países vizinhos com sistemas sociais diferentes.

O espírito de Helsínquia, hoje determinante do novo clima de relações europeias, nasceu no nordeste do continente nos fins dos anos 40. Quando em 1948, (em plena guerra fria portanto, a Finlândia e a URSS assinaram um tratado de amizade e cooperação, ninguém pareceu atribuir grande significado a um tal acordo.

Passados trinta anos, essas relações surgem como o exemplo duma nova era onde a desconfiança cedeu o passo à compreensão reciproca e à cooperação. Os dois países souberam resolver o difícil problema da segurança mútua, garantindo a inviolabilidade das fronteiras, mediante o compromisso de lutarem em conjunto contra uma agressão militar à Finlândia ou à União Soviética através de território finlandês.

Graças a esse acordo, a paz foi preservada no norte da Europa Respeitando-se um ao outro, confiando um no outro os dois países optaram decididamente pelo caminho do diálogo Qando surge um problema sentam-se a mesa das negociações e buscam uma solução mutuamente aceitável para o seu diferendo.

Podemos, pois, afirmar que Moscovo e Helsínquia foram pioneiros da reestruturação das relações entre os povos. Não apenas no plano da segurança; mas também no da cooperação económica.

Esta cooperação assenta nos princípios da igualdade de direitos, vantagens mútuas, renúncia à discriminação e às barreiras artificiais. A longa duração e a envergadura dos acordos assinados pela URSS e Finlândia são o resultado dum trabalho constante, iniciado em 1950, e que permite a duplicação do volume das trocas comerciais todos os cinco anos. Hoje a URSS é o principal importador de produtos finlandeses, que apreciam altamente a grandeza e a estabilidade do mercado soviético, bem diferente dos capitalistas, cada vez mais flutuantes. A Finlândia é, depois da RFA e do Japão, o maior importador ocidental de produtos soviéticos. Em 1973, quando a economia finlandesa foi afectada pela alta mundial dos preços do petróleo, uma compra suplementar da URSS permitiu que a Finlândia liquidasse um débito de meio bilião de dólares.

Por outro lado, os dois países constroem em comum importantes obras de interesse para ambos. Na região de Murmansk foram já edificadas quatro centrais hidroeléctricas que servem os habitantes dos dois lados da fronteira. Na Finlândia os soviéticos ajudaram a construir o complexo metalúrgico «Rautaruukki» e apoiam tecnicamente a construção de centrais nucleares.

Durante a visita que o presidente Kekonnen fez agora a Moscovo foi assinado um novo acordo de desenvolvimento e cooperação a longo prazo. O plano, previsto até 1980, envolve o comércio externo, a construção de grandes empreendimentos industriais, a energia, os transportes, as telecomunicações, a protecção do meio ambiente e os serviços.

Enquanto os representantes do complexo militar-industrial no Ocidente fomentam a desconfiança para acelerar a corrida aos armamentos, a Finlândia e a URSS constroem obras comuns, com base na confiança e certeza do futuro.

Helsínquia tornou-se, de direito, a «capital da Europa, quando, em Agosto de 1975, a Conferência Europeia para a Segurança e Cooperação conduziu à mais rica experiência de relações pacíficas entre Estados com regimes sociais diferentes. A via de Belgrado está, em grande parte, pavimentada com pedras finlandesas e tanto Helsínquia como Moscovo desejam que constitua mais um enriquecimento da experiência de cooperação.

Seguindo os seus próprios caminhos, a Finlândia e a URSS aprenderam a respeitar a originalidade da outra parte e a desenvolver a confiança nas condições de interdependência do mundo actual. ●

Uhro Kekonnen e Leonid Brejnev saúdam-se à chegada do dirigente soviético, na altura em que este se deslocou a Helsínquia para participar na Conferência de Segurança e Cooperação Europeias. As relações entre os dois países são um exemplo da cooperação que pode estabelecer-se entre países de regimes sociais diferentes

BRASIL
PROJECÇÃO MILITARISTA

■ **Manuel Somoza**
□ **PRENSA LATINA**

As declarações no Chile do Ministro da Aeronáutica do Brasil, no sentido da defesa duma maior complementaridade militar nesta região, contribuem para avaliar, melhor o alcance que o governo brasileiro atribui a sua indústria bélica.

O titular da aeronautica, tenente brigadeiro Joelmir Campos de Arrpe Macedo, defendeu, em Santiago do Chile, «a criação de maiores laços de cooperação e ajuda logistica entre as forças armadas da America Latina».

Este ponto de vista, relacionado com a aquisição de armamentos, representa o pensamento dos altos comandos militares do Brasil e coincide com os critérios de outros países da area, afirmou o Ministro depois do seu encontro com o membro da Junta Militar chilena, general Gustavo Leigh

Ainda que Macedo não tenha nomeado os Estados que, segundo ele, partilham dos mencionados critérios, outras afirmações que proferiu na capital chilena e os factos registados neste domínio nas últimas semanas oferecem algum material de reflexão.

O ministro brasileiro disse, antes de voar de regresso ao seu país, que a sua visita ao Chile teve por objectivo criar maiores laços de cooperação e ajuda logística entre os dois países, cujos governantes se dizem defensores da chamada civilização ocidental e cristã.

A estas afirmações pode adicionar-se a significativa situação do Chile, Brasil, Argentina, Uruguai, Guatemala e S. Salvador, países intimamente ligados a Washington e que, por diferentes razões, se encontram este ano sem assistência militar dos Estados Unidos.

De acordo com uma tal situação (e apesar de Brasília vir recentemente falando das suas aspirações a terminar com a dependência externa no sector de fabricação de equipamentos militares), os observadores recordam alguns factos que desmentem tais afirmações e as situam nas suas consequencias estratégicas.

O diário «Jornal do Brasil» anunciou que a França e o Brasil podem vir a estabelecer um sistema de cooperação militar em substituição do denunciado acordo militar com os Estados Unidos, denuncia essa que, na opinião dos especialistas, não limita o desenvolvimento bélico do único país sul-americano de língua portuguesa. Além disso, nas últimas semanas, a imprensa e a rádio brasileiras e de outros países da região anunciaram que empresas da Alemanha Federal, França, Bélgica, e outros governos aliados de Washington, aumentaram os seus investimentos na indústria bélica dessa nação.

Entre elas figuram a «Euromissile» (franco-germana), a «Krupp» (Alemanha Federal), a «Mercedes Benz» (que produz motores para tanques) e a «Fabrique Nationale Belgique» (fornecedora da OTAN). De acordo com o Instituto Sueco de Investigações sobre a Paz, o Brasil é auto-suficiente na produção de equipamentos bélicos e munições para diversos tipos de exércitos, a partir de patentes

BRASIL
PROJECÇÃO MILITARISTA

1

comparadas e adaptadas por engenheiros nacionais.

Contudo, uma nação que depende do financiamento externo — as multinacionais controlam quase 60 por cento dos sectores básicos da economia brasileira — dificilmente pode ser auto-suficiente em matéria de industrialização militar, tendo em conta o alto grau de sofisticação tecnológica que exige um tal sector.

Apesar disso, o referido interesse dos consórcios bélicos da Europa pelo investimento no sector militar-indústrial radicado no Brasil, pode implicar um interessante «negócio» que aponta tanto para o fortalecimento militar ofensivo desse país, como para a captação, através dos brasileiros, de novos mercados em zonas onde as possibilidades de guerras locais não são de excluir.

Até agora o Brasil exportou equipamentos militares para o Chile, Uruguai, Paraguai, Guatemala e algumas nações árabes e, neste momento, parecem estar reunidas as condições favoráveis à consolidação desta tendência expansiva.

Há várias semanas o diário norte-americano «Christian Science Monitor», afirmou que o crescimento da indústria bélica no Brasil, com apoio estrangeiro, pode converter a referida nação «num protagonista do comércio internacional de armamentos».

Ao mesmo tempo a revista venezuelana «Resumen» chamou a atenção, para o facto de que o incremento da indústria bélica no Brasil e o desenvolvimento do presente acordo nuclear entre a Alemanha Ocidental e o Brasil, dotará este país duma tecnologia militar atômica. Dada a tradicional tentação expansionista dos militares brasileiros, acrescentou a revista, não poderá haver tranquilidade neste Continente.

É neste conjunto de declarações, factos e hipóteses que devem inserir-se as declarações no Chile do Ministro da Aeronáutica brasileira, que em todas as suas declarações públicas falou, paradoxalmente, em «estreitar laços» e «assegurar a soberania».

Só fica por saber com que é que o Brasil — o principal aliado de Washington na América Latina — estreitará laços militares e qual a soberania que diz querer assegurar. ●

CHILE de hoje /3/
O CATACLISMO FINANCEIRO

Como as autoridades económicas não conhecem outra receita para lutar contra a inflação, além da diminuição da massa monetária em circulação e da velocidade de rotação, produz-se um estrangulamento da liquidez. Essa situação é aproveitada por um sector limitado para «vender» o dinheiro a um preço excessivo sem controlo de qualquer espécie... Era impossível que aqueles que eram obrigados a recorrer ao crédito, principalmente as empresas, deixassem de se arruinar progressivamente».

E, com efeito, assim aconteceu. O estremeção foi tão forte e afectou tão profundamente o modelo económico da Junta, que a Imprensa chilena fala, sem rodeios, dum «cataclismo financeiro». Ao mesmo tempo aparecem expostas à luz do dia as lutas internas entre os diversos grupos que apoiam o Governo e que, impudicamente, usufruiram da tão «manobrada» «liberdade de mercado». As falências mais espectaculares atingiram dois desses grupos: o **sector juvenil gremialista**, nascido e formado na Universidade Católica do Chile (que controlava) e cujos representantes fazem parte da equipa de assessores de Pinochet e o grupo financeiro chamado «os crocodilos», ligado a certos elementos da Democracia Cristã e alguns elementos expulsos deste partido, que colaboram com a ditadura. Entre ambos os sectores e os seus apoiantes desencadeou-se uma dura polémica pública, na qual se trocaram acusações e insultos pessoais. No debate participou também o sector **nacionalista**, mais abertamente fascista, tentando canalizar o descontentamento dos pequenos aforradores burlados e atacando com violência os dois grupos envolvidos («gremialistas» e «crocodilos»), e, de passagem, a política económica da Junta que torna possíveis tais escândalos.

No final de contas a verdade é que o regime se decompõe ao seu nível civil mais elevado. Aparecem à luz do dia as tendências em luta pela influência sobre os militares. Estes, certamente, não podiam deixar de se inquietar ao contemplarem a série de actos dolosos realizados por colaboradores directos de Pinochet e o fracasso estrondoso dum aspecto central do modelo económico da ditadura.

A seguir:

O escândalo dos «gremialistas»

O BOTSWANA NO CENTRO CICLONE AUSTRAL

2 UM DESENVOLVIMENTO HARMONIOSO

■ **Christiane Chombeau**
□ **LE MONDE**

GABORONE Algumas centenas de habitantes, cabanas com tecto de colmo e já o barulhento carrossel dos bulldozers. Era assim Gaborone na altura da independência do Botswana, em Setembro de 1966: uma aldeia que se transformou em capital.

A Bechwanalândia foi por duas vezes declarada protectorado britânico. Em 1884, quando as tropas de Sua Magestade protegeram o país contra a invasão dos Boers, e em 1895, a pedido de Khama III, chefe dos Bamangweto e antepassado do actual presidente. Khama III receava, e com razão, a megalomania de Cecil Rhodes, que sonhava criar um imenso império desde o Cabo a Suez. Mas a Grã-Bretanha nunca julgou útil instalar a sua administração dentro das fronteiras, preferindo estabelecer os seus quartéis em Makefing, em território sul-africano.

A cidade ilustra bem o caminho percorrido pelo Botswana desde 1966, e o seu tipo de desenvolvimento: harmonioso e sem falsos brilhos. A cidade, que hoje tem trinta mil habitantes, foi construída em semicírculo em volta de um centro comercial, o «Mall», onde os peões são reis. Não há construções feitas para dar nas vistas, não há despezas de prestígio, mas construções modestas e casas graciosas embora sombrias.

O SEGUNDO JAZIGO DE DIAMANTES DO MUNDO

O Botswana era um dos mais pobres entre os vinte e cinco países menos desenvolvidos: gado bovino como simples recurso, rendimento nacional demasiado fraco para cobrir as despezas correntes. Poucas nações começaram a voar com as próprias asas, tendo tão poucos trunfos.

«Quando nos tornámos independentes, toda a gente pensava que não seríamos capazes de equilibrar o nosso orçamento sem o auxílio britânico», diz o vice-presidente e ministro das Finanças Quett Masire. «Conseguimo-lo, no entanto, ao fim de dez anos».

Nos anos de 75-76 o orçamento acusava mesmo um excedente de 187 milhões de francos. A situação era suficientemente sã para que em Agosto passado o Governo decidisse retirar-se da zona monetária sul-africana rand, e cunhasse a sua própria moeda, o pula. «Pula» é, em setswano, uma invocação ao céu, e, significa, «que chova». É também o slogan neste país que tem dois terços de deserto.

Este notável progresso do país está ligado aos dez anos de buscas feitas pelas filiais da Anglo-American Corporation — sociedade sul-africana presidida por Harry Oppenheimer — e à descoberta de jazigos de diamantes, níquel e cobre.

Foram necessários doze anos de prospecção para que a De Beers Botswana descobrisse, em 1967, a 240 quilómetros de Francistown, o segundo jazigo de diamantes do Mundo, depois do de Williamson, no Tanzânia. Segundo os peritos este jazigo pode ser explorado a um ritmo de 24 milhões de carats por ano, durante quarenta anos. As primeiras pedras foram extraídas em 1971. O ano passado a sua venda deu à De Beers e ao Governo um lucro de 210 milhões de francos.

Outros dois jazigos, o DK 1 e o DK 2, mais pequenos mas de melhor qualidade, situados em Lathakane, a 40 quilómetros de Orapa, vão começar a ser explorados ao ritmo de 320 000 carats por ano, e depois de 400 000 carats por ano, até 1979.

A situação é muito menos brilhante no que diz respeito à extracção do cobre e do níquel de Selebi-Pikwe. A Bamangwato Concessions LTD (BCL), companhia botswana cujos principais accionistas são o Governo do Botswana (34 por cento), o American Metal Climax (30 por cento) e a Anglo-American Corporation (30 por cento), tem, com efeito, grandes dificuldades. Nos planos originais, a sociedade devia utilizar carvão rodesiano. Entretanto, porém, a Anglo-American Corporation descobriu um jazigo em Marupule, relativamente perto de Serowe. Os planos foram então modificados e passaram a ser utilizados os recursos nacionais. Estes, porém, revelaram-se pouco apropriados para os fornos térmicos. Para mais, a exploração do mineral ao ar livre provoca reacções químicas e variações de concentração. Enfim, os lucros calculados diminuiram muito.

As reservas de Selebi-Pikwe são calculadas em 44 milhões de toneladas, com uma percentagem de 1,14 por cento de níquel e 1,54 por cento de cobre. A extracção devia atingir em 1974, o ritmo de 42 000 toneladas por ano. Mas o balanço da operação é parado: gastaram-se 1300 milhões de francos, isto é, o dobro do orçamento previsto. É preciso acrescentar 370 milhões de fundos públicos para a construção da central térmica, de uma barragem, de uma cidade para os operários, de uma estrada e de uma linha de caminho-de-ferro.

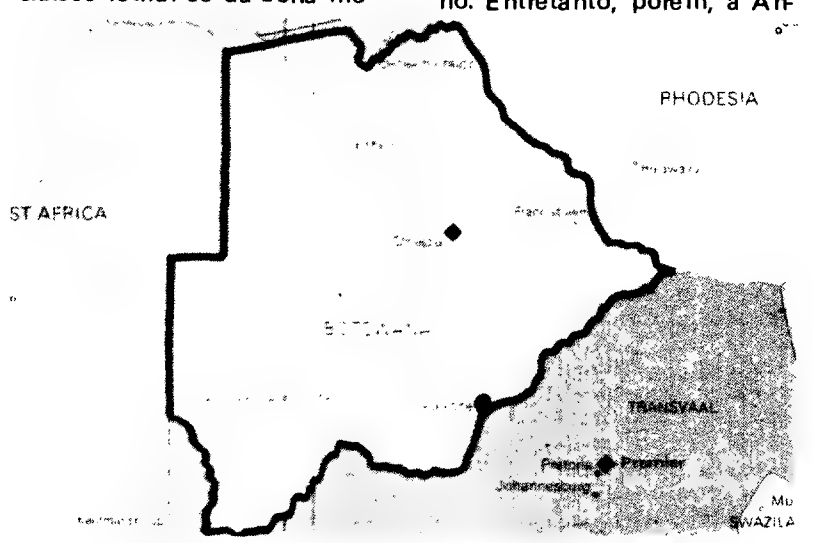
Estas riquezas mineiras — o subsolo do Botswana também tem minério de ferro — não dão somente benefícios, e o Governo vê com maus olhos os camponeses que afluem às cidades, onde aparece um subproletariado.

Em 1975 houve pela primeira vez um importante movimento grevista. O conflito estalou quando a direcção das minas de Selebi-Pikwe resolveu aumentar os salários dos mineiros «mais merecedores» em vez de generalizar os aumentos. Aparentemente o Governo dera o seu acordo. Os mineiros reagiram e o Governo interveio energicamente. O próprio presidente fez um discurso muito fime: «A minha paciência tem limites», disse. «O país espera que os poucos botswanas que têm a sorte de ter um trabalho, contribuam para a sua riqueza, trabalhando. É vital para o desenvolvimento do país, continuar a atraír capitais estrangeiros. Isso só é possível se as companhias que investem, poderem esperar um proveito substancial para os seus investimentos».

A fim de deter o despovoamento dos campos, o Governo tenta limitar os salários dos operários. Actualmente, se um camponês (80 por cento da população activa) ganha 60 francos por mês, um mineiro pode esperar obter mais de 300.

MODERNIZAR A CRIAÇÃO DE GADO

Avaliada num milhão de cabeças antes da independência, a manada conta actualmente uns dois milhões e meio de bovinos, mas só 8 por cento passam pelo matadouro ultramoderno da Botswana Meat Commission, situado em Labatse, no Sul do país. A persistência das tradições, as condições climatéricas difíceis e a insuficiência da infrastrutura das estradas, impedem o desenvolvimento no sector. A va-



A MAURITANIA E O SARA OCIDENTAL

■ **Pierre Biarnés**
□ **LE MONDE**

NOUAKCHOTT — A Mauritânia celebrou sem relevo particular, no sábado, 26 de Fevereiro, o primeiro aniversário do início do controlo sobre uma parte do Sará ocidental. Foi, com efeito, há um ano que a Assembleia territorial desta região, reunida em El Aiun, ratificou, através da maioria dos seus membros de notáveis designados pela antiga administração colonial, o acordo concluído em Madrid, em 14 de Novembro. Nos termos de tal acordo a Espanha transferia a sua possessão ao Marrocos e à Mauritânia. O dia de sábado foi feriado e o chefe de Estado lembrou numa mensagem à nação, **a determinação do seu país em defender a sua integridade territorial.**

Nouakchott parece ter procurado, com esta discrição, evitar provocar embaraços a certas representações diplomáticas que, como é o caso da dos Estados Unidos, desejam manter uma prudente expectativa esperando que a Organização da Unidade Africana e as Nações Unidas se pronunciem, definitivamente, sobre a legalidade duma devolução combatida pela Frente Polisário e a Argélia. Talvez, pensa-se aqui, ainda não tenha chegado a hora de festejar quando prosseguem os combates mortíferos.

A nível administrativo e político foram erguidas, nos novos territórios, estruturas idênticas ás existentes na Mauritânia. A região de Tiris-Al-Gharbia (Tiris ocidental), dirigida como as restantes por um governo, tem por capital Dakhla (ex-Villa-Cisneros) e está dividida em quatro prefeituras que têm por sede, além de Dakhla, as localidades de Argoub, Aousserd e Tichili. O porto de La Guera, igualmente transformado em prefeitura, foi ligado à antiga região de Nouadhibou. O Partido do Povo Mauritano, que é a única formação política existente, implantou aí as suas secções. Em 8 de Agosto, sete dos seus candidatos foram eleitos deputados do território à Assembleia Nacional. Além disso, a moeda nacional, o ouguiyas, independente da zona do franco, circula agora na antiga possessão espanhola. Esta conserva contudo, durante algum tempo o seu antigo estatuto aduaneiro de zona franca. Por outro lado, foram atribuídas importantes apoios orçamentais para colmatar as despesas de funcionamento e de equipamento da zona, na perspectiva duma integração mais ampla.

O sistema mauritano de ensino em árabe foi adoptado no Sará ocidental, excepto no que se refere ao colégio de Dakhla, onde os alunos terminam em espanhol os cursos secundários iniciados nesta língua.

Nouakchott calcula que cerca de dois terços da população já voltaram às suas casas e às zonas de percurso e de acampamento tradicionais.

No plano diplomático a Mauritânia pensa ter obtido importantes êxitos. A própria Líbia que pareceu tanto tempo indecisa, parece agora inclinar-se para o lado de Nouakchott. De acordo com fontes oficiais o coronel Kadhafi deseja fazer uma visita amistosa ao presidente Ould Daddah.

Apesar do forte reforço dos seus efectivos, que passaram num ano de três mil para mais de doze mil homens, e dum aumento de mobilidade provocado pela aquisição dum importante material, o exército da Mauritânia tem dificuldades em controlar um imenso território e longas fronteiras, que está encarregado de defender contra a guerrilha da Frente Polisário. Ainda que actualmente a Mauritânia tenha boas razões para se sentir mais forte, poderá sofrer indefinidamente ataques, parciais, mas desgastantes, tanto para o seu exército como para a sua população? ●

BOTSWANA

2

ca representa ainda hoje para os camponeses um sinal de riqueza, e muitos hesitam em separar-se dela. Os animais, por vezes magros e mal cuidados, andam em liberdade pelo país, à mercê de secas como a de 1963-1965. As manadas chegam, enfraquecidas e até dizimadas, a Labatse, depois de terem atravessado as zonas áridas do centro onde os locais onde há água distam várias dezenas de quilómetros uns dos outros.

Graças a numerosos empréstimos provenientes dos países escandinavos, da Alemanha Federal, dos Estados Unidos, do Canadá, da CEE ou do Banco Mundial, o Botswana constrói a pouco e pouco uma nova rede de estradas e desenvolve os caminhos de ferro. Técnicos estrangeiros fazem investigações ou ensinam novos métodos de agricultura.

Sanitas, uma pequena exploração agrícola a alguns quilómetros de Gaborone, mostra as possibilidades do país. Gus Nilson instalou-se no Botswana há alguns anos. Tentou várias experiências na sua propriedade de 6 hectares. Conseguiu criar alcachofras, rabanetes, tomates, e exporta rosas para a Europa e semente de alface para os Estados Unidos.

Há algum tempo, o Governo previa a construção de um novo matadouro no Norte do país. Mas, desde a entrada da Grã-Bretanha no Mercado Comum, fala menos dessa construção. A adesão da Grã-Bretanha, privou, na realidade, o Botswana do seu melhor cliente de gado bovino. Felizmente o país é membro da convenção de Lomé, e os Nove decidiram que ele só pagaria 10 por cento das taxas normalmente impostas a terceiros. Em todo o caso o acordo é renovável de seis em seis meses, e o Botswana vive no receio de que as medidas a seu favor possam ser abolidas.

De momento, o Governo consagra os seus esforços à educação dos camponeses, para que eles não deixem os animais vagabundear, e os façam vacinar com regularidade. Por outro lado, acaba de realizar um plano de reestruturação dos solos. Este prevê a criação de três zonas: a primeira reagrupa as terras cultivadas que pertencem aos aldeãos e são exploradas segundo métodos tradicionais; a segunda, chamada «zona comercial», é reservada às famílias que querem agrupar-se para cultivarem conjuntou uma grande propriedade, que o Governo lhes cede; a terceira mantém-se vaga para futura utilização. O plano tem a vantagem de não agredir as tradições e dar facilidades aos que desejam criar cooperativas. Porque há, no Botswana, uma grande disparidade no tamanho das terras, e portanto nos lucros agrícolas.

O ESFORÇO DE EDUCAÇÃO

O Governo renegociou recentemente os contratos que o ligam à De Beers no que diz respeito às minas de Opara. Após fortes discussões, conseguiu que a sua participação passasse para 50 por cento. Em consequência do novo acordo, o Governo obteve uns 65 a 70 por cento dos lucros da exploração. Em troca autorizou a companhia a aumentar a produção de 2,4 milhões para 4,5 milhões de caratcs.

Como todos os países em vias de desenvolvimento, o Botswana tem poucos quadros e poucos técnicos, e tem uma forte taxa de desemprego. O Governo criou em 1970 o Botswana Development Corporation (BDC) a fim de estimular o estabelecimento de comércio e indústria no país. Os resultados, embora satisfatórios, estão longe de ser suficientes. Seria necessário criar todos os anos não quatro mil empregos mas mais do dobro.

Entretanto, o país tenta compensar o seu atraso em matéria de ensino. Por toda a parte abrem escolas e liceus.

Mais de cem mil jovens vão hoje à escola primária. Há dez anos nem cinquenta mil frequentavam a escola. O Governo suscita a criação de «brigadas», espécie de escolas técnicas onde as crianças aprendem a cultivar os campos e a fazer pequenos trabalhos de artesanato. A venda dos produtos serve para pagar os estudos dessas crianças.

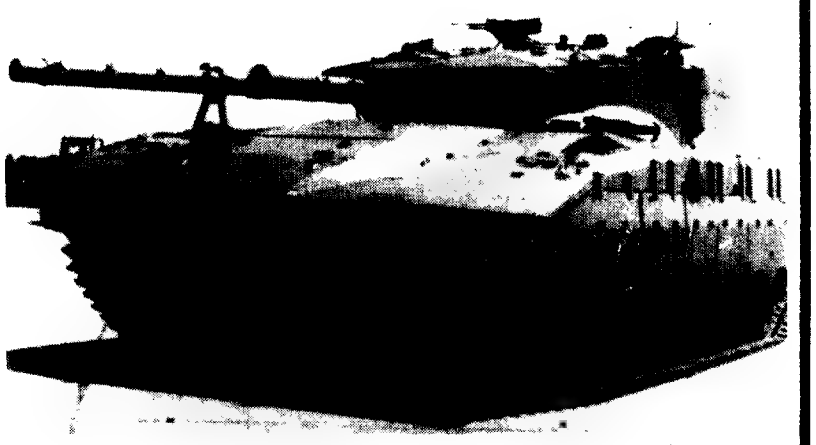
Até ao ano passado, o Botswana, o Lesotho e a Swazilândia, os três antigos protectorados britânicos da África Austral, tinham uma universidade comum. Devido a um desacordo o Lesotho retirou-se. Gaborone decidiu então dirigir um apelo ao país e pediu aos habitantes que mandassem «tudo o que podiam» para aumentar a universidade. «Em poucos meses», disse o vice-presidente, «recebemos milhares de galinhas, de cabras, de vacas, e também dádivas em dinheiro. Esperamos reunir uns 6 milhões de francos».

A juventude está, porém, insatisfeita e organiza greves (a última tinha por objectivo protestar contra o «autoritarismo» do reitor da universidade). Mas o que ela está principalmente é preocupada com a situação nos países vizinhos.

Porque, finalmente, volta-se sempre ao mesmo problema, o que a crise da África Austral põe ao Botswana. «Ser-nos-á difícil, se não impossível», declarava recentemente o presidente Khama, «preservar a nossa liberdade, enquanto estivermos rodeados de países governados pela minoria». ●

FOTO EXCLUSIVO

Quatro dias de comemorações nacionais assinalaram nos EUA o 50.º aniversário do feito histórico do aviador Charles Lindeberg, que, a bordo do monomotor «The Spirit of St. Louis», fez um voo solitário através do Atlântico. Foi no dia 20 de Maio de 1927 que o célebre piloto partiu dum campo enovoado em Long Island a caminho de Paris, aonde chegou passadas 33 horas e meia. Na foto: Charles Lindeberg fotografado junto do monomotor St. Louis. (Foto Keystone)



Merkava é o nome deste blindado israelita apresentado pèlas Forças Armadas hebraicas no dia 18 de Maio. O carro é totalmente realizado pela indústria israelita. Dotado de pontente motor, com um sistema laser de mira, oferece toda a segurança à tripulação de quatro a dez homens. (Foto AFP)

O povo espanhol pode finalmente contactar directamente com muitos dos seus concidadãos que a ditadura franquista obrigou a um longo exílio. É o caso entre outros, do célebre poeta, Rafael Alberti, que vemos na foto, recitando um poema da sua autoria num comício do Partido Comunista Espanhol. (Foto Fiel)

Estas jovens, admiradoras dos tempos românticos, acompanhadas de um soberbo Mr. Músculo, deixaram-se fotografar na praia de Cannes, onde decorre o festival cinematográfico. A foto faz parte da campanha publicitária de que se rodeia o filme onde elas intervêm: «Crazy Horse Paris France». Uma particularidade interessante: vida real (e no filme) estas jovens andam nuas em pêlo. Todas elas são «girls» do mais célebre tempo do nu que existe em Paris: o «Crazy Horse Saloon». (Foto Keystone)

CONFORTO E ESPERANÇA EM DJI

□ **Jean-Claude Guillebaud**
■ **LE MONDE**

DJIBOUTI — Um referendo sem verdadeira paixão (mas também sem drama), uma cidade quase tranquila, receios de invasão estrangeira que — provisoriamente — se desfazem, uma delegação etíope que vem assegurar ao alto comissário francês o seu desejo de conciliação. Deve acreditar-se em tudo isto? Pode acreditar-se?

. Aqueles que viram Djibouti tensa e humilhada, atrevessada por patrulhas armadas, dificilmente reconhecem esse sentimento incrível que, ainda timidamente, faz caminho no território: a esperança. Vêem-se sorrisos na Praça Ménélik! É possível esquecer que em Fevereiro de 1976 a França, para «ficar a todo o preço», se preparava para ceder às exigências do ditador desqualificado que escolhera apoiar, e que queria autometrelhadoras para «atirar sobre os perturbadores»? Como não havemos de nos lembrar de que, no tempo dos velhos, ainda quase todos os dias havia mulheres e crianças arrancadas do bairro autóctone Magalla e levadas em camiões do Exército de onde depois eram expulsas e abandonadas a quilómetros de distância, nos rochedos?

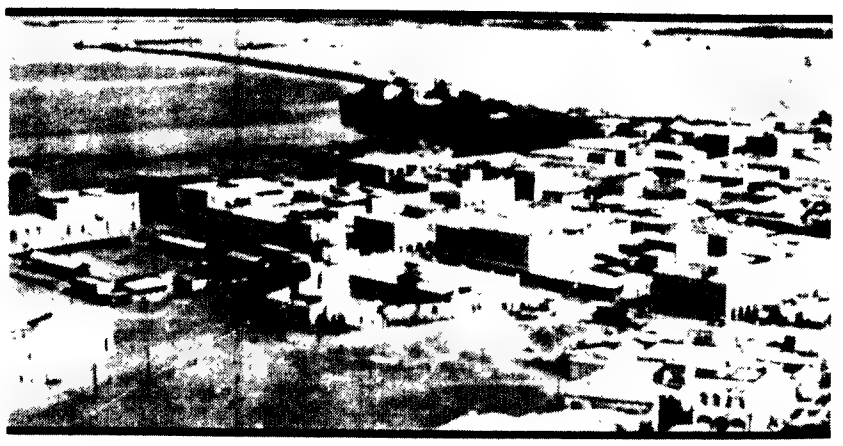
O pior, é certo, foi evitado. O absurdo da política do passado raramente surgiu com tão cruel clareza como no «histórico dia 8 de Maio». «Sim, é preciso reconhecer que vimos de longe», concede o alto comissário Camille d'Orenano que teve o mérito de desmanchar pacientemente, em quinze meses, a camisa de forças política que durante dezasseis anos apertou o território.

No dia 8, domingo, numa das assembleias de voto de Djibouti, milhares de homens e de mulheres, em fila debaixo de um sol escaldante, esperavam pela sua vez de cumprir o pequeno gesto irrisório e mágico da soberania. Entre eles um desconhecido dizia-nos: «Aqui, em 1966, durante a visita do general de Gaulle, um tenente da Legião Estrangeira partiu-me o queixo, dizendo: És um somali». «Tinha-me obrigado a estar de joelhos, numa rua, até à meia-noite. Hoje, como vê, sou francês e venho dizer «sim» à independência...».

Será sem amanhã essa alegria um tanto estupefacta que todo o dia encheu as ruas de Djibouti, acompanhada pelo roçagar dos vestidos das mulheres somali?

Contradições ameaçadoras

Mas o alívio é tanto mais sensível quanto, ao contrário de outras descolonizações, não é ensombrado por nenhuma melancolia «pied-noir». Com efeito, nunca



houve em Djibouti uma autêntica colónia francesa que pudesse, como ontem aconteceu em Saigão ou em Argel, sentir-se desapossada de uma pátria de adopção. No dia 8 só participaram no escrutínio uns trinta europeus.

Foi um dia tranquilo, quase alegre. No entanto, poucos jovens Estados se terão sentido confrontados, antes mesmo de nascer, como Djibouti, com problemas tão terríveis, com contradições tão ameaçadoras. A simples emuneração das tarefas que esperam o futuro Governo, tem o ar de um desafio ao bom senso.

Antes de mais, existir! Se as duas potências vizinhas, que disputam entre si a futura República, parecem ter renunciado às suas tentações bélicas, o certo é que nenhuma ameaça parece estar, na verdade, afastada. Claro que pode ter causado espanto encontrar no dia 8, em Obock, uma equipa de Televisão etíope, que ali fora serenamente filmar o desenrolar do escrutínio. Também em Djibouti os jornalistas da Somália faziam o seu trabalho sem problemas, Isto não impedia, porém, que ao longo das frontéiras três exércitos (francês, etíope e somali) estivessem alerta. Na realidade, a sageza de que a Etiópia parece ter dado provas, e que foi ilustrada pelas declarações tranquilizadoras do tenente-coronel Mengistu Hailé Mariam, em Moscovo, foram tão ditadas pela necessidade táctica como pelo bom senso.

Prioridade aos acordos militares com Paris

A Somália dá hoje prova de uma moderação tanto mais natural quanto de futuro o tempo, a aritmética eleitoral e a política francesa jogam a seu favor. Nem por isso renunciou ao projecto de reunião pacífica da nação somali de que, a seu ver, Djibouti faz parte. O problema está em saber até que altura das relações entre Djibouti e Mogadisci (aliança política, confederação...) consentirão os etíopes em se manter quietos, sem pegar em armas.

A manutenção de uma força francesa «dissuasiva», deveria, num primeiro tempo, desencorajar as eventuais veleidades anexionistas dos dois países vizinhos, cujos exércitos — felizmente — se mentalizam. Por isso a tarefa prioritária do futuro Governo será assinar com a França acordos de cooperação militar (formação de um Exército nacional, manutenção de um contingente francês de dois a três mil homens, etc.) o que Hassan Gouled parece desejar e que as partes afins já denunciaram.

Quanto ao resto, já se exercem enormes pressões internacionais com o objectivo de neutralizar este ponto estratégico do oceano Índico, e isso talvez seja uma das grandes sortes do futuro Estado.

«O nosso destino interessa agora demasiada gente, por isso estamos mais tranquilos», declarava-

---

ETIÓPIA

□ **Miguel F. Roa** ■ **PRENSA LATINA**

MILÍCIAS CAMPONESAS PARA DEFENDER A REVOLUÇÃO

O governo imperial de Hailé Selassié, foi incapaz de satisfazer as exigências mínimas da sociedade etíope. Por isso teve contra ele todos os sectores da população e também por isso a sua queda, em Fevereiro de 1974, teve o apoio de todos.

Houve mesmo proprietários feudais, que aspiravam a um desenvolvimento capitalista, que viram com bons olhos a desaparição de um regime que freava, devido ao seu anacronismo, o progresso de relações de produção que facilitariam a inserção da Etiópia na economia mundial e, por consequência, o incremento dos seus lucros.

Mas, como é evidente, este sector aspirava a uma reforma de estruturas e não a uma revolução. E muito menos a que se tocasse naquilo que até então fora um direito intangível: a propriedade feudal da terra.

Porém, num país como a Etiópia, onde mais de 25 dos seus 30 milhões de habitantes são camponeses, o grau de profundidade da revolução mede-se pela radicalização das suas leis agrárias.

Foi por isso que o governo militar provisório (Dergue) decidiu em Abril de 1975 nacionalizar todas as terras e limitou a dez hectares a propriedade privada.

A Lei da Reforma Agrária levou, assim, a um confronto de morte entre os proprietários feudais, por um lado, e os camponeses e o Dergue, por outro.

Armados e apoiados a partir do exterior, os proprietários desencadearam um autêntico terror branco no país, fundamentalmente ao Sul onde se encontravam os maiores latifúndios.

Por isso a aplicação da lei teve de fazer-se a ferro e fogo, já que os antigos proprietários se negavam a abandonar os seus feudos e os camponeses não estavam dispostos a abandonar os seus direitos recém-adquiridos.

E como poderia ser de outro modo se a proclamação do Dergue eliminava para sempre o patrão explorador a que eram obrigados a entregar até 75 % da sua colheita?

Por fim a revolução impôs-se e os senhores feudais foram expropriados, se bem que não tenham sido eliminados.

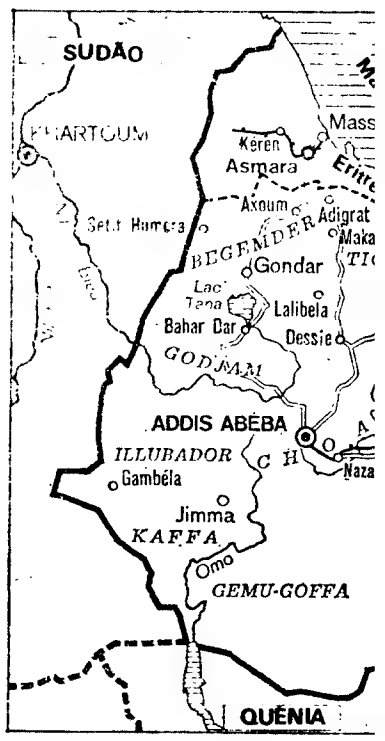
À subversão dos reaccionários o Dergue respondeu, em Dezembro desse mesmo ano, com a organização das Associações Camponesas, que cumprem simultaneamente funções de poder popular e de vigilância e defesa.

O decreto que criou as associações atribuiu-lhes entre outros os seguintes papéis:

1. «Salvaguardar os direitos políticos, económicos e sociais dos camponeses».

2. Permitir ao campesinato administrar-se a si próprio.

3. Capacitá-lo para a luta contra o feudalismo e o imperialismo ...



De acordo com a actuação atrás definida, o Dergue e as associações criaram as milícias camponesas para assegurar o usufruto da terra e garantir a defesa das conquistas alcançadas no decurso do processo revolucionário.

Assela, a uns 160 kilómetros ao Sul de Addis-Abeba, é um dos vinte e dois distritos da província de Arusi e pode ser tomada como exemplo da organização das milícias camponesas.

A região tem a particularidade de os seus habitantes terem desarmado os proprietários feudais e de estes terem sido totalmente liquidados como classe.

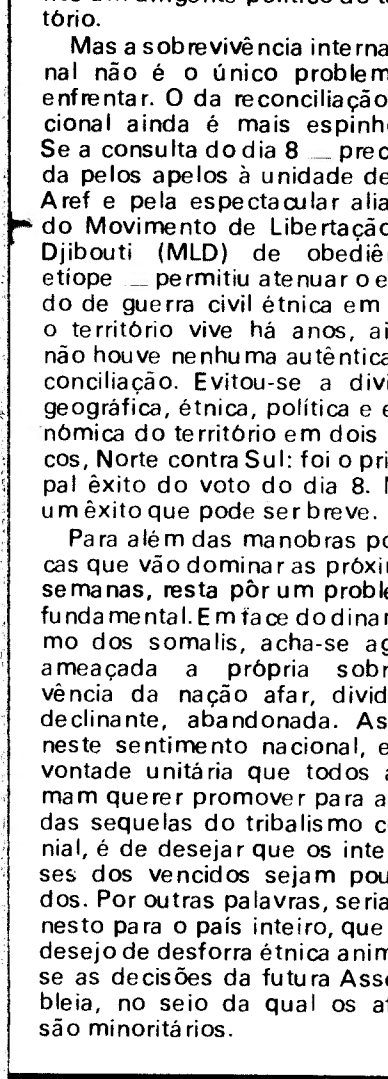
No quartel da polícia de Assela, os homens e as mulheres têm cursos que se estendem por três ou quatro meses. Uma vez graduados transmitem a sua experiência a outros camponeses e assim sucessivamente.

BOUTI

nos um dirigente político do território.

Mas a sobrevivência internacional não é o único problema a enfrentar. O da reconciliação nacional ainda é mais espinhoso. Se a consulta do dia 8 — precedida pelos apelos à unidade de Ali Aref e pela espectacular aliança do Movimento de Libertação de Djibouti (MLD) de obediência etiope — permitiu atenuar o estado de guerra civil étnica em que o território vive há anos, ainda não houve nenhuma autêntica reconciliação. Evitou-se a divisão geográfica, étnica, política e económica do território em dois blocos, Norte contra Sul: foi o principal êxito do voto do dia 8. Mas um êxito que pode ser breve.

Para além das manobras políticas que vão dominar as próximas semanas, resta pôr um problema fundamental. Em face do dinamismo dos somalis, acha-se agora ameaçada a própria sobrevivência da nação afar, dividida, declinante, abandonada. Assim neste sentimento nacional, essa vontade unitária que todos afirmam querer promover para além das sequelas do tribalismo colonial, é de desejar que os interesses dos vencidos sejam poupados. Por outras palavras, seria funesto para o país inteiro, que um desejo de desforra étnica animasse as decisões da futura Assembleia, no seio da qual os afars são minoritários.



Durante o curso, os milicianos têm quinze horas diárias de vida militar. As suas despesas em alimentação são pagas pela associação camponesa correspondente, à razão de cerca de 40 birr (20 dólares) mensais por homem.

Em geral cada distrito tem dois batalhões de milícia que exercem funções de polícia e protegem a comunidade contra as acções dos reaccionários.

Deste modo os camponeses não só são donos da terra e do fruto do seu trabalho, como estão capacitados para defender uma e outro. A experiência, que se estende progressivamente pelo vasto país, tende a pôr em prática um dos princípios fundamentais do programa da revolução democrática nacional: a entrega das armas ao povo, para fazer frente aos inimigos da Etiópia socialista.

CUBA

□ Elmer Rodriguez
■ PRENSA LATINA

A IGREJA VAI AO CAMPO

Como se saíssem de uma história escrita por Hans Christian Anderssen as silhuetas dos homens agigantam-se na linha do horizonte. Mas diferentemente do dinamarquês que desenvolveu os seus enredos baseado na ficção, o clássico «era uma vez» surge com toda a força apaixonante que é conferida pela realidade.

Este artigo procura narrar uma curta passagem da vida dos homens que se dedicam à religião, mas que, em Cuba, destinam parte do seu tempo ao trabalho agrícola.

Poderá saber porque razão, durante um mês em cada ano, aqueles abandonam os muros do Seminário e se misturam com os outros homens, quem são, que fazem, como vivem e quais são as suas ideias sobre o trabalho.

Penetre neste mundo tão poucas vezes desvendado. A mística da liturgia, o suave murmúrio dos salmos e os cânticos religiosos não são, propriamente, o «modus vivendi» num acampamento agrícola. Que se passa alí?

Os homens trabalham com o Sol, a terra e a água na qualidade de testemunhas surdas. Uma presença estranha irrompe na cena e faz parar, por instantes, o movimento rítmico das mãos que abrem pequenos sulcos no terreno e plantam tomates. Depois, com o maior cuidado, as mesmas maos cobrem os buracos abertos. É o primeiro passo para que surja uma nova vida.

Magro, com o rosto firme enrugado pelos anos, José Manuel Miyares, reitor do Seminário S.Carlos e S.Ambrósio, abre o diálogo sem rodeios. É franco e directo.

«Um dos valores surgidos no calor da Revolução cubana é a união do trabalho e do estudo. A participação no trabalho agrícola permite aos futuros pastores dizer que a Igreja não é uma alienação neste Mundo, mas que, pelo contrário, que para obter o céu é imprescindível que haja mais pão e médicos. Quer dizer é necessário trabalhar fisicamente.»

Esta ideia, expressa de um só fôlego, que reduzimos por necessidades jornalísticas, abre as comportas oratórias do reitor, que trocou o hábito sacerdotal por roupas mais toscas mas melhor apropriadas ao meio.

A fita do pequeno gravador recolhe detalhadamente as palavras de Miyares, enquanto,

Seminaristas no trabalho

à nossa volta, os seminaristas-trabalhadores prosseguem o seu trabalho com sinais de humana e juvenil curiosidade.

O reitor aborda as relações existentes entre a Igreja e a Revolução. Tal como um cirurgião experimentado que abre uma ferida com um golpe seco e preciso, Miyares embrenha-se no tema, ao qual voltaremos de novo.

«Aqui, trabalhamos juntos, cristãos e não-cristãos, marxistas e cristãos que acreditam ser revolucionários, embora não marxistas, pela construção de uma Cuba melhor, por um Mundo em que os homens sejam como irmãos, os bens materiais abundem e seja suprimida a miséria.»

Talvez noutros locais ou em épocas pretéritas estas palavras tivessem sido qualificadas como heresia e servissem como elementos para mandarem um homem para a fogueira. Mas a situação actual é bem diferente. O reitor do seminário dialoga com fluidez, sem procurar divagações polémicas. Limita-se a expor os seus critérios. Quase meia centena de seminaristas e professores estão vergados sobre os sulcos. A origem deste trabalho remonta a vários anos, exactamente sete, segundo revela o próprio Miyares. A zona onde trabalham (Güines) é tradicionalmente agrícola e situa-se ao Sul de Havana.

«O cansaço do trabalho penetra no corpo, mas sentimo-nos muito bem e a nossa estadia aqui permite-nos avaliar devidamente o que custa obter um produto. Este ano, todos os nossos esforços foram consagrados a semear tomates, que requerem uma atenção especial.»

Miyares relembra que o contingente de seminaristas e de professores por ele dirigidos chegou a esta zona nos primeiros dias de Janeiro e manter-se-á aí até ao dia dois do mês seguinte, o que abrange um período de quatro semanas, completamente dedicadas a trabalhos agrícolas.

«Se bem que a maioria dos seminaristas já conheça tais trabalhos, porque participaram neles antes de começarem os seus estudos como sacerdotes, estes adquirem agora um carácter especial na sua formação pastoral, já que aqui as suas funções lhes permitem apreciar o que é o trabalho em toda a sua dimensão».

O reitor não perdeu o sorriso com que nos recebeu no início da conversa. Um chapéu de camponês protege-o do Sol, mas na sua tez podem observar-se os efeitos do ar e dos raios do astro. Este aspecto, abordado anteriormente, agrada-lhe especialmente.

«Um sacerdote deve conhecer, através da sua própria experiência, o que fazem os seus fiéis. A permanência aqui permite descobrir cada vez melhor os valores intrínsecos do trabalho. Se não fosse assim, as prédicas sobre este assunto careceriam de um conteúdo profundo, pois desconheceriam os seus rigores ou não os teriam compartilhado.

«Nos últimos sete anos, foram ordenados cerca de sessenta sacerdotes cubanos, o que dá uma média de dez por ano. O número será atingido em Julho próximo, com as futuras admissões.»

Este aspecto é agora abordado pelo reitor do seminário, que, ao mesmo tempo, reconhece que tem todas as possibilidades de desenvolver a sua missão de formação religiosa dos alunos, sem interferências nem obstáculos.

«Os que sentem o chamamento ingressam no seminário. Devo dizer que as autoridades não criam dificuldades ao abandono das responsabilidades civis por parte dos futuros sacerdotes. Temos total liberdade no desenvolvimento das actividades do seminário e formamos os seminaristas com planos de estudo por nós próprios organizados e com professores eleitos, total e livremente, pela Igreja Católica.»

A entrevista com Miyares terminou. Uma frase pronunciada pelo reitor e que sintetiza as suas ideias, materializadas no cultivo da terra, fica a pairar no ar, dominando o ambiente campestre.

«Crentes e não-crentes, podemos trabalhar na construção de um Mundo melhor.»

«Crentes e não-crentes, podemos trabalhar juntos na construção de um Mundo melhor», disse Miyares

Aspecto geral do acampamento onde os seminaristas católicos passaram um mês

EXCLUSIVO

SAKHAROV E A LIBERDADE DA IRRESPONSABILIDADE

■ V. Simonov
□ NOVOSTI

. Certamente que para aquele atleta americano com 105 quilos e uma estatura de quase dois metros, a discussão Este-Oeste sobre os direitos do homem, não tem qualquer importância. Mas, na minha opinião, ele tomou parte nessa discussão, com os dez tiros que disparou, há dias, em Nova Yorque, na companhia de transportes «Neptuno». Tendo vestido, nessa ocasião, um uniforme nazi, onde não faltava o capacete com a cruz gamada, um indivíduo de nome Fred Cowan matou cinco pessoas e feriu outras cinco, para se vingar do facto de que nem toda a América compartilha o seu ódio para com os negros e judeus.

Após o massacre, Cowan foi declarado maníaco. Sendo assim, deveriamo-nos sentir orgulhosos dele como de um dissidente e, respeitar a sua intolerância, tal como é actualmente feito em relação ao que se passa nos países socialistas. **Quem é então F. Cowan?** Tentemos compreender esse fenómeno no contexto da discussão actual, portanto originada na questão de sabermos onde [illegible] no Leste ou no Ocidente [illegible] o homem respira mais livremente.

No fundo, Cowan é o produto final dum sistema selectivo de direitos cívicos a que chamamos democracia burguesa. A sua loucura só proderia amadurecer numa atmosfera de «liberdade de convicções» que priva o acesso aos EUA de todos quantos têm ideias de esquerda, que os impede de exercer a sua actividade profissional na Alemanha Ocidental, ou de trabalharem no secretariado da CEE em Bruxelas, mas que encoraja as actividades legais de partidos neo-nazis, tanto no Velho como no Novo Mundo. O assassino pertencia a um destes partidos.

A Cowan, não bastava aproveitar a «liberdade de expressão» existente no Ocidente. Os seus retratos, cercados de **cruzes gamadas, de cruzes de** ferro, de caveiras e outros adornos nazis, foram voluntariamente publicados pelos jornais americanos, em cujas colecções anuais não encontramos uma única linha referindo as posições de organizações de esquerda. Ninguém tentou dissuadir Cowan quando fazia conferências sobre o nazismo, ou distribuia panfletos ameaçando os vizinhos por manterem contactos com negros.

Podemos explicar. Sob o signo da «liberdade absoluta do indivíduo», a instituição da democracia ocidental ilude a defesa da inviolabilidade dos membros da sociedade, desde que não sejam tocados os interesses dos grupos sociais dominantes. Pelo contrário, a ideologia nazi é geralmente útil a estes grupos, como protectora contra a difusão de ideias radicais. Por isso, o não **conformismo útil de Cowan só** foi interrompido pela justiça passados muitos anos, e depois de ele ter feito cinco cadáveres.

A anatomia deste crime pode ajudar a compreender uma das muitas razões pelas quais a União Soviética e os outros países socialistas rejeitam, categoricamente, as «preocupações» manifestadas, actualmente, pelo Ocidente e que se referem aos direitos dos seus cidadãos. Por outro lado, as leis socialistas não são comparáveis às normas da **sociedade ocidental, que nega um elemento fundamental da democracia, como é o da responsabilidade cívica. É a tomada de consciência de cada cidadão, face aos interesses de todo o Povo, que L. Brejnev durante o XXV Congresso do PCUS classificou como a «única base segura para aplicação estrita dos princípios da democracia socialista, para uma autêntica liberdade individual».**

BOOMERANG

A imagem televisiva e a cores de Sakharov transmitida pela CBS, poderá parecer a alguns espectadores ocidentais a imagem dum pensador **não conformista e corajoso** que, ao longo da sua última entrevista, teria, a geito de palmada amistosa nas costas, elogiado o novo presidente americano pela sua posição «corajosa e moralizadora». Mas, do ponto de vista normalmente reflectido pelos soviéticos, isso é a confirmação imprópria, pela forma, duma política que dá projecção a certas normas ocidentais, inaceitáveis em democracia socialista.

Quanto a Sakharov, ele não tem neste aspecto a mínima responsabilidade cívica, face a uma sociedade que tenta «aperfeiçoar». Por outro lado, é difícil explicar porque exige Sakharov, na entrevista mencionada, o endurecimento da posição dos EUA nas conversações Salt-2. Pelo que entendem os soviéticos, isto só pode significar para Sakharov e para os meios ocidentais que o apoiam, que duas guerras vencidas pela União Soviética não são, no fim de contas, suficientes. **Isto é sinónimo de irresponsabilidade**, não apenas face à sociedade ou a um sistema social, mas aparentemente, face a toda a civilização.

Durante um debate sobre democracia e responsabilidade cívica organizado por estudantes, foi-nos levantada uma interessante questão.

O meu interlocutor perguntou se, no Ocidente, haveria consciência de que a campanha de calúnias desencadeada com base nos direitos cívicos dos Países Socialistas, poderia fazer ricochete e agravar seriamente a situação embaraçosa em que se encontram actualmente esses direitos nos países capitalistas.

As oportunidades perdidas em aumentar os postos de trabalho, cuja causa se situa no agravamento das relações económicas com os Países Socialistas, **substituindo automaticamente o vazio que se forma** à medida que a propaganda ocidental afasta o espírito de Helsínquia, é muito perigoso. A própria imprensa americana começa já a detectar alguns sinais alarmantes. Assim, o Supremo Tribunal dos EUA fez malograr, recentemente, muitos processos manifestamente ganhos e que se referiam à

Sahkarov

protecção de direitos civis. Os adversários da segregação racial pensam que a exigência imposta pelo Supremo para apresentação de provas em como a «discriminação é premeditada ou deliberada», é uma excelente notícia para o êxito das intenções racistas.

Citemos um outro exemplo: o estudo independente **«Estereotipos, deformações e** omissões nos manuais de Hist**ória dos EUA» regista uma in**clinação surpeendente para atenuar o papel histórico das minorias nacionais, nos livros pedagógicos americanos. É pois natural que numa tão alarmante panorâmica, os insultos de maníacos fascizantes como Cowan, não surjam por acaso.

Envenenando a atmosfera internacional, a campanha de pressão sobre os Países Socialistas atinge, tal como um boomerang, a democracia burguesa. Lança sobre a sociedade os espectros da época das «listas negras» e da «caça às bruxas».

O LEQUE DA HIPOCRISIA

Se acreditarmos facilmente nesta campanha, isto é, que no Ocidente propõem elaborar um sistema para aperfeiçoamento da democracia socialista, as coisas passar-se-ão daquela forma. Mas, as lágrimas derramadas por Amalrik e a conspiração do silêncio montada à volta dos símbolos de ultrage do homem, tais como o **Ulster, Pinochet ou o Soweto,** dizem-nos que os objectivos reais da campanha anti-socialista nata tem a ver com os proclamados.

O jornal «Pravda» tem, sem dúvida, razão quando considera este desenrolar de acontecimentos como uma reacção do sistema capitalista às derrotas económicas e **políticas que tem vindo a sofrer** na arena internacional. No burburinho levantado visando atingir a democracia dos outros, não se adivinha força, mas a perturbação e impotência dos ideólogos burgueses. É o que dão a entender os próprios «dissidentes» no momento em que perdem o **controlo sobre si. Esse mesmo** Amalrik reconhece com tristeza, no seu artigo para o «New York Times», que a ideologia que formou a sociedade ocidental contemporânea atravessa uma crise, talvez um crise fatal.

Alheando a opinião pública dos efeitos desta e de outras crises, a confusão lançada à volta dos direitos do homem prossegue também objectivos nitidamente secessionantes. Difama-se a Democracia Socialista para desorientar os outros destacamentos da Frente Progressita: as forças de libertação nacional, os movimentos comunista e operário nos países capitalistas. A provo**cação de diferendos entre es**ses destacamentos e o Socialismo real, a sua divisão em pluralismos, são as principais orientações da estratégia política dos países da Nato.

E, se face aos Movimentos de Libertação surgem falsas teorias das «super-potências» e da sua «responsabilidade idêntica», procura-se seduzir o flanco esquerdo da política ocidental para o charme do «eurocomunismo», descrevendo como verdade absoluta, tu**do o que difere do professado por Moscovo.**

Da «preocupação» pelos direitos do homem, às «preocupações» do Movimento Comunista, tal é a amplitude da hipocrisia, a afiada baioneta dos soldados da «guerra fria». ●

PROIBIDA A CAÇA NO QUÉNIA

O governo de Nairobi decidiu proibir a caça em todo o território do Quénia, a partir do dia 20 de Maio. Todas as licenças de caça são anuladas e os detentores de concessões terão a possibilidade de conservar os seus direitos nas **zonas, desde que se consagrem** exclusivamente a safaris fotográficos.

Até agora não foi dada nenhuma explicação pelas autoridades.

A caça era uma instituição no Quénia, e constituia uma parte importante do orçamento do turismo. Desde a origem da presença americana na África do Leste que o país passa, e com razão, por ser o mais belo território de caça de toda a África, e os seus organizadores por serem os mais competentes. Em Nairobi há uns oitenta guias de caça, vinte dos quais estão permanentemente contratados. As suas licenças são renováveis de dois em dois anos. As concessões são dadas pelo governo, por três anos, e as superfícies dos territórios de caça raramente são **inferiores a 800 000 hectares.**

Para poder exercer a sua profissão, um caçador deve fazer obrigatoriamente uma prova, pagar uma licença (250 dólares) e uma taxa de caça, **conforme o animal abatido (de 10 a 2500** dólares por cabeça). Todos os anos o Ministério do Turismo, da **Natureza e das Caças, fixa o** número de animais que podem ser mortos, segundo as espécies e o sexo. É raro o máximo ser atingido, por isso esta decisão das autoridades do Quénia causou espanto.

A não ser que a caça furtiva seja mais visada do que a oficial.

Como na maioria dos países africanos, essa forma de caça **clandestina é lucrativa e muito** intensa.

O marfim é objecto de um comércio ao qual as autoridades podem às vezes fechar os olhos, e dão-se autênticas batalhas entre bandos armados, nas fronteiras do norte do país, pela conquista do «ouro branco». O culti**vo de certas zonas florestais deu** origem a concentrações de elefantes, o que facilita o «trabalho» dos caçadores furtivos.

Embora a caça ao elefante tenha sido total e oficialmente proi**bida no Quénia há vários anos,** o jornal local «Daily Nation» preocupava-se recentemente com o desaparecimento progressivo desse paquiderme, cujo número teria baixado, em dez anos, de cento e vinte mil para trinta mil espécimes. ●

FIGURA EM DESTAQUE

AGOSTINHO NETO

No passado dia 27 de Maio, a partir das 3 horas da madrugada, Luanda foi acordada por um movimento radical liderado por adeptos de Nito Alves, afastado havia cinquenta e duas horas do CC do MPLA, juntamente com José Van Dunem. Ambos se encontravam detidos por desvios à linha oficial do MPLA. Que desvios? Para melhor facilidade de exposição, vamos-nos referir a Nito Alves, que sempre se caracterizou por um sentimento racista, uma vez que pretendia toda a administração entregue a negros unicamente, excluindo brancos e mulatos da nova sociedade em construção.

A tal propósito se opunha Agostinho Neto e outros dirigentes do MPLA, que entendiam dever participar na comunidade todos os homens que, habitando o solo de Angola, se encontravam identificados com os propósitos do Movimento Popular de Libertação.

Numa outra ordem de ideias, Nito Alves entendia também que a Revolução deveria ter como vanguarda a classe operária. Neto, muito mais lógico, muito mais consciente dos verdadeiros problemas, defendia a tese que a Revolução somente poderia prosseguir unindo a classe operária ao campesinato e ao sector da pequena burguesia. «Todo o trabalho na construção do socialismo» — afirmou Neto num discurso poucos dias antes do eclodir dos acontecimentos que entristeceram Angola e as forças progressistas de todo o mundo.

Os atritos foram-se avolumando com a facção Nito Alves — e sucedeu, então, uma medida de força tomada pelo primeiro: expulsão de Nito (e Van Dunem que o acomapnhava muito de perto) do CC do MPLA. Situação difícil, que levou os adeptos de Nito a tomar a Rádio Luanda e a assaltar a cadeia onde se encontravam detidos os dois fraccionistas. Nito e Dunem terão sido libertados, ignorando-se, em caso afirmativo, o seu paradeiro. Pela rádio, os «nitistas» lançaram apelos à população, através dos quais afirmavam que se propunham tornar o MPLA «mais revolucionário».

As FAPLA vieram para as ruas: e do confronto com os adeptos de Nito Alves resultou a morte de dirigentes do MPLA, de mulheres e de «pioneiros» do Movimento. Quem matou? Convém que tique claro que com o assalto à prisão alcançaram a liberdade muitos delinquentes da FNLA, da UNITA e da FLEC. Assim, seis dirigientes do MPLA sofreram o processo que durante a guerra civil foi utilizado pela FNLA: tortura, fuzilamento e carbonização dentro de veículos. Os nomes desses dirigentes já foram divulgados por toda a Imprensa. Lembremos aqui, no entanto, o nome de Saydi Mingas, ministro das Finanças. e muito conhecido em Portugal, onde viveu por um largo período.

De momento, pode dizer-se que, segundo Agostinho Neto, os instigadores «serão severamente punidos». E de acordo com Lúcio Lara, do Bureau Político do MPLA, tais indivíduos tinham por fim a tomada do Poder, «manipulados pela reacção externa». Os fraccionistas (ainda segundo Lúcio Lara) agiram principalmente, nos últimos tempos, sobre a administração pública, sector em que foi possível encontrar elementos corruptíveis.

Finalmente, quando tudo voltou à normalidade, com Agostinho Neto afirmando que se mantinha a linha política do MPLA (construção do socialismo, cooperação intensiva com Cuba e URSS, etc.), foi afirmado pelo mesmo Neto que Nito Alves e Van Dunem só regressariam às fileiras do Movimento Popular de Libertação de Angola «após um longo trabalho de reabilitação». Temos assim, pois, um esforço tendente à unidade do país e do MPLA, embora certos indivíduos «venham a ser castigados como criminosos».

Filho de um pastor protestante, Agostinho Neto nasceu em 1922 na aldeia de Icolo-Nengo, relativamente perto de Luanda. Feitos os primeiros estudos na missão local, o futuro chefe do Estado angolano viu-se obrigado a trabalhar desde muito novo para seguir os estudos na capital da antiga colónia portuguesa. De 1944 a 1947, Agostinho Neto empregou-se nos Serviços de Saúde de Luanda.

Durante onze anos (de 1947 a 1958) Agostinho Neto viveu em Portugal, para onde viera a fim de cursar Medicina. Neste lapso de tempo conheceu por duas vezes as prisões fascistas: em 1952 esteve detido em Caxias, e, de 1954 a 1957, no Porto. Desde a sua chegada a Portugal que Agostinho Neto se aliou às forças democráticas, alistando-se no MUD juvenil. Concluído o curso em 1958 (na Faculdade de Medicina de Lisboa, para onde se transferia depois de frequentar a Universidade de Coimbra) Agostinho Neto regressa a Angola em 1959.

Fundador do Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA), Neto assume a presidência dessa formação, nascida à semelhança de outras de idênticos objectivos que se fundaram nas colónias portuguesas de África. Foi na sua aldeia que começou por exercer as funções de médico, naturalmente associadas às de agitador revolucionário. Preso pela PIDE em 1960, já tinha tal prestígio interno que a sua detenção uma onda de protestos ferozmente reprimida pelas forças colonialistas. Dezenas de mortos e uma centena de feridos foi o saldo dessa «operação» de polícia. A seguir, foi deportado para Cabo Verde, mas a projecção internacional grangeada por Agostinho Neto obrigou os fascistas portugueses a determinadas cautelas no tratamento de um preso que o regime de então tinha todas as razões para colocar na lista dos mais «perigosos».

Na data histórica do 4 de Fevereiro de 1961 (o ataque à penitenciária e quartéis de Luanda que assinala o início oficial da luta de libertação do povo angolano) Agostinho Neto estava preso. As autoridades colonialistas transferiram-no imediatamente para Lisboa (Aljube), mas um amplo movimento nacional e estrangeiro levou à sua libertação sob vigilância. Nesta situação se manteve o dirigente angolano até à sua evasão em 1962. A partir daí, Agostinho Neto desenvolve a sua actividade em duas frentes: no terreno militar (dirigindo directamente a luta de guerrilhas) e diplomática (viajando pelo mundo em busca de auxílios para a libertação do seu povo).

Participou em numerosas reuniões internacionais, na sua qualidade de dirigente de um movimento de libertação reconhecido por diversas instâncias internacionais, e foi um dos fundadores da Conferência das Organizações Nacionalistas das Colónias Portuguesas (CONP). ●

A AGRESSÃO RODESIANA CONTRA MOÇAMBIQUE

A Frente Patriótica do Zimbabwe denuncia, num comunicado de Imprensa divulgado no Maputo, a cumplicidade da Inglaterra e dos EUA na recente agressão rodesiana contra Moçambique.

Segundo o comunicado, «estão programados actos provocatórios que fazem parte dum plano com o qual a África do Sul, a Grã-Bretanha e os EUA pretendem criar a falsa ideia de que Smith controla a situação. Deste modo, a posição de Smith assumirá um outro peso em quaisquer negociações».

«Esta campanha de intimidação — acrescenta o comunicado — deve ser vista como parte duma grande conspiração onde é notório o vergonhoso conluio inglês. Ainda há uma semana a Grã-Bertanha se converteu num rápido mensageiro de Smith ao transmitir ao presidente Kaunda ameaças de agressão contra a Zâmbia.

«Agora — diz a Frente do Zimbabwe — na sua ideia de consolidar o regime de Smith, e, portanto, consolidar os seus próprios investimentos económicos, a Inglaterra consente que Smith se entregue inteiramente a estes actos de agressão contra Moçambique matando civis inocentes e causando a desenfreada destruição das suas propriedades».

A declaração da Frente, assinada por Robert Mugabe, assinala que o movimento de libertação se recusa a deixar-se intimidar por estas acções agressivas perpetradas por mercenários.

Reafirma ainda que as suas forças estão a combater no interior do Zimbabwe e informa que a guerrilha cobre actualmente mais de dois terços do território com as suas operações. «Estes factos são bem conhecidos por Smith e o seu governo — acrescenta o comunicado — e portanto os seus actos provocatórios não são uma perseguição contra as nossas forças». ●

SEMANA INTERNACIONAL

AS RELAÇÕES

Passados 16 anos do corte de relações com o qual os Estados Unidos pretendeu «punir» a travessa ilha de Cuba que, deixando de ser uma «República das Bananas», se transformava num Estado soberano e socialista, Havana e Washington anunciaram oficialmente no passado dia 2 que efectuariam uma troca simultânea de diplomatas. Ainda que indirecta, pois 10 diplomatas americanos trabalharão na embaixada da Suíça em Cuba e 10 diplomatas cubanos actuarão na embaixada da Checoslováquia nos EUA, este reatamento de relações vem na sequência da «política do basquetebol», na qual o ex-candidato à presidência norte-americana George McGovern teve um importante papel, e depois que turistas «yankees» visitaram a ilha, oportunidade em que foram carinhosamente recebidos. Entretanto, as relações plenas ainda têm obstáculos. O principal deles é o embargo imposto pelos EUA em 1962, que proibe as suas companhias de negociarem directamente com Cuba, o que provoca esperas e dispêndios que poderiam ser evitados. Fidel Castro já disse que o levantamento do embargo é condição «sine qua non» para que as relações tenham um progresso importante. Por sua vez, Washington quer que Cuba páre de auxiliar o povo angolano...

O CONGRESSO

No primeiro dia deste mês, a Organização Internacional do Trabalho inaugurou a sua conferência anual, em Genebra, sob a ameaça de abandono dos EUA, porque, como dizia Kissinger em 1975, «a OIT se está a intrometer excessivamente em questões políticas». O problema é que com a descolonização e com os países em vias de desenvolvimento a abrirem os olhos, a maioria da assembleia da OIT tem ideias progressistas. Já no primeiro dia houve uma violenta polémica porque o conhecido Irving Brown, da AFL-CIO norte-americana, anticomunista militante e especialista em cisões de centrais sindicais em países alheios (Itália, França e América Latina), foi para a vice-presidência dos trabalhos.

A RUÍNA

O jornalista brasileiro Paulo Francis, correspondente da bem informada «Folha de São Paulo» em Nova Iorque, disse esta semana que os antifascistas de todo o mundo queriam ouvir: a sangrenta «era Pinochet», no Chile, está por um fio. Eduardo Frei (democrata cristão), o cardel Raul Silva e o socialista Clodomiro Almeyda, antigos adversários políticos, chegaram a um acordo sobre a formação de uma frente para derrubar o sombrio general. Mais: Washington, que é responsável pela que da do governo constitucional de Allende e da Unidade Popular, já viu que desde 13 de Setembro de 1973 joga num cavalo coso e deu «luz verde» para a «modificação». Paulo Francis diz ainda que Frei seria o presidente da trasição. Sem que isto restabeleça completamente o caminho do Chile para o socialismo, a iminente queda de Pinochet passou a ser esperada agora com mais certeza e para um futuro que se quer próximo e rápido, pois a fera no estertor da morte ainda pode provocar sérios danos.

O FRACASSO

Depois de longas negociações para evitar um malogo que acabou por aparecer bem visível, terminou na madrugada do passado dia 3 a conferência Norte-Sul, que reuniu em Paris representantes dos países subdesnvolvidos, «em vias de desenvolvimento» e desenvolvidos. Como sempre, os ricos não cederam e, com uma sessão de encerramento melancólica e com mais de metade dos delegados ausentes, foi distribuído um comunicado final cujo teor já era esperado pelos diligentes jornalistas que não foram dormir. A agência espanhola EFE classificou muito bem o espírito reinante: «frustração grave no Mundo Ocidental que manifestou mais uma vez a sua incapacidade para curar os males que já são conhecidos.

A VIRAGEM

Numa África que cada vez está mais indigesta para o imperialismo, agora foi a vez das ilhas Seychelles procurarem o seu caminho para uma sociedade melhor. Um golpe de Estado enquanto o presidente estava em Londres, na festa da rainha bastou.

PELO MUNDO

O DESEMPREGO NA RFA

O processo de recuperação económica na República Federal Alemã afrouxou durante o ano de 1977, caracterizando-se por flutuações mais intensas que as de períodos semelhantes noutros anos. Esta apreciação vem contida numa informação oficial do Ministério da Economia de Bona, que vem confirmar as opiniões de diversos institutos especializados sobre a incerteza da situação conjuntural na RFA.

O ministério assinala que este fenómeno «reflecte uma sobreposição de factores conjunturais e estruturais» que impediram um prognóstico exacto sobre o andamento da situação.

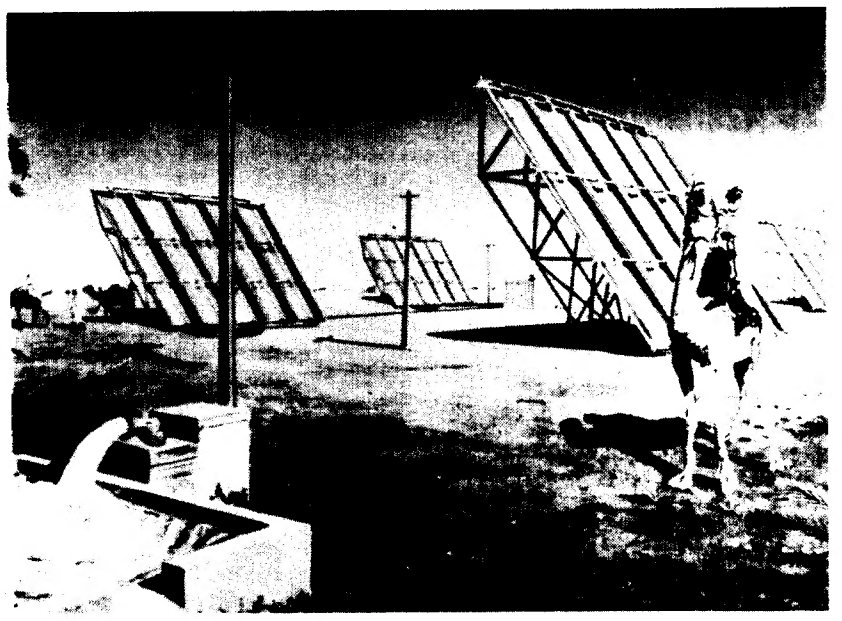
O desemprego continua a ser um dos problemas principais da economia da República Federal Alemã. O desenvolvimento da procura e da produção permitiram apenas melhorias no mercado de trabalho sem que se verifiquem impulsos conjecturais positivos.

Em fins de Abril, o número de desempregados continuava a ser superior a um milhão, e o nível de desemprego médio mensal no primeiro terço do ano foi inferior em 100 mil ao que se registou em idêntico período do ano anterior. Nos primeiros quatro meses do ano de 1977 a taxa de desemprego foi de 5,1 por cento (no período de Janeiro a Abril de 1976 fora de 5,5 por cento).

O desenvolvimento do comércio externo apresenta, em compensação, uma tendência «ligeiramente expansiva». As exportações aumentaram em cerca de 2 por cento nos primeiros quatro meses do ano em comparação com o último terço do ano de 1976, e as importações subiram 1,5 por cento.

A informação oficial não revela tendências inflacionistas. Pelo contrário, a evolução dos preços tem-se mantido sob estrito controlo. Entre Janeiro e Abril os preços ao consumidor subiram 1,5 por cento.

Por sua vez, o consumo privado continuou a aumentar. As vendas a retalho subiram durante o mês de Março em 3 por cento, especialmente as de produtos têxteis, calçado e artigos de consumo durável.



ENERGIA SOLAR NO DESERTO

Com o apoio do Governo, cientistas da RFA estão presentemente a trabalhar no «Projecto Granja Solar», que prevê a construção de uma central eléctrica solar no deserto. Para tanto, serão utilizados vários pares de espelhos parabólicos acoplados entre si; cada um deles concentrará o calor solar sobre um tubo absorsor contendo água, que será aquecida a 300 graus centígrados. O vapor daí resultante propulsionará o motor, voltando depois a circular pelos tubos absorsores. A electricidade assim gerada servirá tanto para o abastecimento de casa como para accionar bombas subterrâneas de irrigação. A foto mostra uma maqueta do projecto.

ISABEL ENTROU NO 26.º ANO DE REINADO

Preocupado com as crescentes dificuldades do seu dia-a-dia, aborrecido com a CEE, o povo britânico (ou pelo menos certa parte do povo britânico) encontra na monarquia um derivativo para as suas dores de cabeça. Aproveitando o Jubileu da Rainha Isabel II (que este ano completa 25 anos de monarca no activo) o povo britânico veio dançar para as ruas e enfeitou as casas com flores e verduras. Foi num dia da semana passada. Ao outro dia, a vida voltava à mesma tristeza. E a rainha encetava o 26.º ano de reinado.

NEGÓCIO RENDOSO NA CADEIA

Um prisioneiro de uma cadeia de Lima transformou a sua minúscula cela numa loja onde vendia de tudo, desde carpetes e aparelhos de televisão. As autoridades prisionais encontraram na «loja» deste comerciante por vocação, Joalharia no valor de dois mil dólares, quarenta pares de calças e vinte e sete camisas. Não nos é dito quem eram os compadres, mas dizem-nos que o referido preso depositara havia pouco 1500 dólares de lucros numa conta bancária.

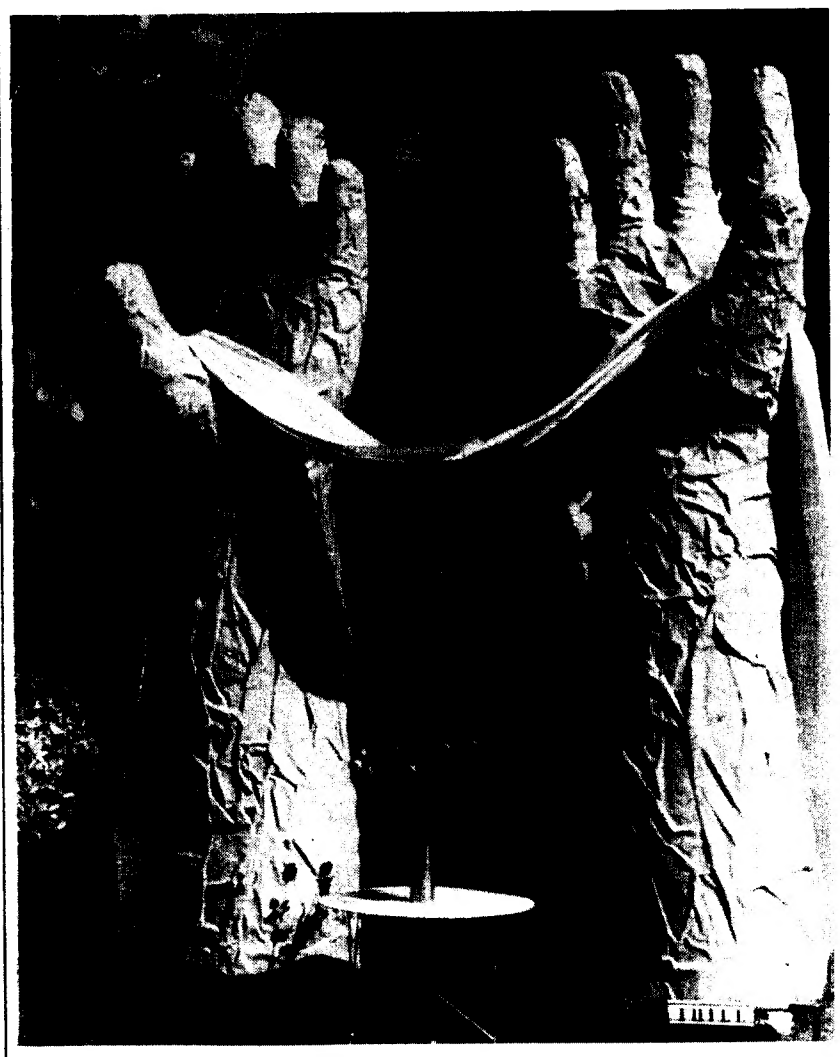
EUGÉNIA GUINZBOURG MORREU EM MOSCOVO

Morreu em Moscovo, no dia 25 de Maio, a escritora Eugénia Guinzbourg, de setenta e cinco anos de idade.

A senhora Guinzbourg, conhecida no Ocidente pelas suas memórias do tempo em que esteve deportada na Sibéria (**«A Vertigem»**) era mãe do escritor Vassili Axionov, personalidade marcante da literatura soviética. Apesar da sua doença — tinha, há já dois anos, um cancro — fizera o Inverno passado uma viagem a França com o filho.

Eugénia Guinzbourg, que se convertera ao catolicismo, quis ser enterrada religiosamente.

Esta notícia, publicada no «Monde», mostra o verdadeiro papel que está a ser desempenhado pelos chamados «dissidentes».



EXPOSIÇÃO NO ELISEU

Os jardins dos Campos Elísios, palácio presidencial francês, apresenta actualmente uma exposição artística. Esta foto da Keystone mostra uma original composição do escultor Thill.

INSÓLITO

«Mamma Rosa», nome porque é conhecida Rosa Bozini Quatrini, de 67 anos, afirma que desde os 13 anos tem tido encontros com a Virgem, que lhe aparece sobre uma pereira do seu jardim, em Plaizance. A Igreja Católica, porém, já lançou um aviso oficial aos fiéis contra as visões de «Mamma Rosa», embora esta se mantenha do seu fiel ao Papa que expulsou do seu jardim monsenhor Lefebvre, o célebre prelado «integrista» francês. Apesar de o bispo de Plaizance não aceitar as «visões» de Mamma Rosa, mais de 10 mil fiéis, vindos de vários países reuniram-se na aldeia, por ocasião de uma grande peregrinação internacional.

●

Anna Maria Tosoni, de 83 anos, percorre diariamente os 70 quilómetros que separam a sua casa do Liceu Artístico de Bérgano, onde frequenta o primeiro ano. A senhora Tosoni, que declara sentir-se assim menos só e até realizada (sempre teve grande amor pela arte), levanta-se às cinco da madrugada, percorre de automóvel os seis quilómetros que distam entre a sua casa e a paragem do autocarro e, depois de se apear, ainda caminha vinte minutos. Às oito horas está no liceu.

A velha senhora que já visitou duas vezes os Estados Unidos e cinco a União Soviética, prepara-se para uma viagem à China.

●

A Du Pont, que é a maior empresa química americana, publicou um relatório segundo o qual o acrilonitrilo pode ser cancerígeno, e revela que entre os operários expostos a este produto químico, se encontra uma percentagem de cancro nitidamente superior à média. O acrilonitrilo é utilizado no fabrico das fibras sintéticas, vulgarmente chamadas acrílicas. A Du Pont acrescenta, no entanto, para nossa tranquilidade que a percentagem de acrilonitrilo no vestuário é tão fraca que não apresenta nenhum perigo para os utentes. A ver vamos.

OS ÁRABES E WASHINGTON

Apesar de ter passado o tempo necessário para que a nova administração americana conhecesse a situação no Médio Oriente, o presidente dos Estados Unidos continua sem se resolver a dar passos concretos para a solução da crise de muitos anos nesta parte do mundo. Entretanto, o único país a tirar proveito do facto é Israel.

Segundo algumas opiniões árabes, o objectivo da administração Carter é bem claro, adiar o mais possível o começo da solução da crise no Médio Oriente, para que Israel possa manter ocupados os territórios, e para que o estabelecimento do Estado Palestiniano possa ser condicionado pela sua oposição ideológica.

Há anos que na Casa Branca se joga habilmente a manutenção dos interesses americanos no mundo árabe. E o jogo foi tão perfeito que nunca foi necessário esconder que o principal motivo não é a preocupação pela segurança de Israel, mas o apoio da sua estratégia política, incluindo o apoio ao seu expansionismo.

A recente evolução da situação em Israel permite prever que todo o assunto venha de novo a ser adiado. A vitória da extrema direita significará um novo adiamento, para que Israel possa aceitar a solução política.

Se os árabes permitem este jogo é principalmente porque não estão unidos em relação à América. É isso que faz a debilidade árabe.

EXCLUSIVO
N.º 18/77